

# ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,  
LITERARIO E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRAZIL



ANO II

Nº 17

# ATLANTIDA

DIRECTORES :

NO BRASIL — João do Rio  
EM PORTUGAL — João de Barros

SECRETÁRIO: Elísio de Campos — EDITOR: Pedro Bordalo Pinheiro

N.º 17

15 de Março de 1917

## SUMÁRIO

<i>Portugal na grande guerra, entrevista com o ministro dos negocios estrangeiros</i> . . . . .	J. de B.
<i>Columbano</i> . . . . .	Manoel de Sousa Pinto
<i>Saúdades trágico-marítimas</i> . . . . .	Afonso Lopes Vieira
<i>A Sorte do Cambaia</i> . . . . .	Henrique Lopes de Mendonça
<i>O meu Natal em Mansurah</i> . . . . .	Manoel Monteiro
<i>A educação cívica, a liberdade e o patriotismo antigos e modernos a propósito de Rousseau e de Camões (conclusão)</i> . . . . .	António Sérgio
<i>Carta ao meu amor</i> . . . . .	Eugénio Soares Branco
<i>A função social da guerra europeia na História da Humanidade</i> . . . . .	José de Matos Braamcamp
<i>O meu entérro</i> . . . . .	A. Rita Martins
<i>Prefácio dum livro de versos</i> . . . . .	André Brun
<i>Cartas a uma rapariga loira</i> . . . . .	Julio Dantas

### REVISTA DO MÊS

<i>A obra de Teófilo Braga e as tradições portuguesas</i> . . . . .	Marques Braga
<i>O mês artístico</i> . . . . .	Aquilino Ribeiro
<i>Crónica musical</i> . . . . .	Humberto de Ave'ar
<i>Os teatros</i> . . . . .	Avelino de Almeida

### NOTÍCIAS & COMENTÁRIOS

*Reproduções de:* Antonio Carneiro.

*Desenhos de:* Raul Lino, Manuel Gustavo, Cristiano de Carvalho, Santos Silva, A. Pina, Miss E. B. e Alberto de Souza.

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

### PORTUGAL, ILHAS E COLÓNIAS

Um ano (12 números) . . . . .	3\$50
Seis meses . . . . .	1\$80

### PAÍSES DA UNIÃO POSTAL

Um ano (12 números) . . . . .	Frs. 15
-------------------------------	---------

**Número avulso em Portugal \$30**

REDACÇÃO: Rua Antonio Maria Cardoso, 26 }  
ADMINISTRAÇÃO: Largo do Conde Barão, 49 } LISBOA

BIBLIOTECA DULCE FERRÃO  
OFERTA - 31 JAN. 2001

*Arred  
p. 100 20*

# ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,  
LITERARIO E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRAZIL

SOB O ALTO PATROCINIO DE S. EX.<sup>AS</sup>  
OS MINISTROS DAS RELAÇÕES EXTERIORES  
DO BRAZIL  
E DOS EXTRANJEIROS E FOMENTO  
DE PORTUGAL

*B. 111*



VOLUME V

DIRECTORES:

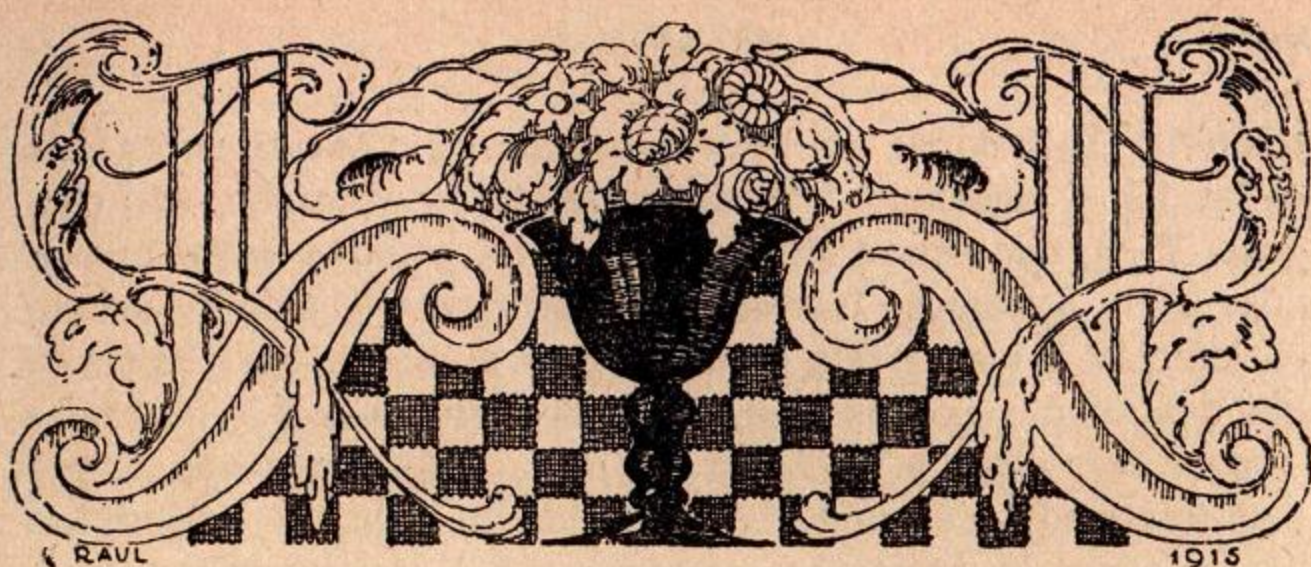
João do Rio e João de Barros

EDITOR: Pedro Bordalo Pinheiro

REDACÇÃO: Rua António Maria Cardoso, 27

---

IMPRESA LIBANIO DA SILVA, Travessa do Fala-Só, 24 — LISBOA



## Portugal na grande guerra

A OBRA DO DR. AUGUSTO SOARES,  
MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS.

Numa das pequenas salas de espera do Ministério dos Estrangeiros, estávamos só duas pessoas: — um diplomata que, pela sua situação especialíssima, muito conhece os *dessous* da nossa política internacional, e o representante da *Atlantida*. Lá fóra chovia monótonamente. O lume, no fogão de mármore, ardia sem pressa. E pelas janelas que dão sôbre o Tejo via-se apenas uma bruma pardacenta, apagando os contornos dos navios e escurecendo de instante a instante a vaga claridade da tarde. Dias antes, sob um temporal desabrido, tinham partido para França as primeiras tropas portuguesas. Tinha partido, contra os desejos e os prognósticos pessimistas de algumas criaturas desnacionalizadas. Tinha partido, entre lágrimas, saudades e desesperos, num magnífico esforço épico, cheio de grandeza e de energia. E em todo o país se pressentira que a hora mais grave e mais solene da vida de Portugal, nestes últimos cem anos de tão agitada existência, irrevogavelmente chegara, exigindo, sem dúvida, incomparáveis sacrifícios, reclamando, decerto, inexprimíveis sofrimentos; mas erguendo também as almas até àquela exaltação suprema em que se desencandeiam e triunfam os heroísmos que redimem e as dedicações patrióticas que salvam, nobilitam e consolidam uma nacionalidade . . .

Precisamente, era esse o assunto de que falávamos — em

frente do Tejo donde em breve partiriam mais navios carregados de heróis, — enquanto o Ministro, retido em conselho, não chegava. E eu, que estava ali para dêle obter algumas novas revelações sôbre a situação internacional portuguesa — definitivamente esclarecida, e mais nítida e mais segura do que nunca, depois da efectivação dos nossos compromissos militares com a Inglaterra — quis aproveitar a presença do meu amigo diplomata sempre bem informado e documentado, ouvindo-lhe algumas indiscrições sensacionais. Interroguei-o, portanto, sôbre vários assuntos: consequências da guerra para Portugal; a situação da diplomacia europeia para com a nossa; as negociações com os aliados antes da declaração de guerra da Alemanha . . . Diplomáticamente, o diplomata sorri, ou responde com evasivas. E só quando eu lhe falo do Ministro, com a profunda admiração que de há muito sinto pela figura prestigiosa do Dr. Augusto Soares, consigo fazê-lo sair da sua fria reserva. O meu amigo tem, com efeito, esta exclamação sincera:

— Ah! como lhe dou razão! É uma felicidade para todos nós, portugueses, que o Dr. Augusto Soares seja ministro dos negócios estrangeiros nesta ocasião de guerra, em que o mais ligeiro êrro, a mais insignificante precipitação poderiam ter criado para o País e para a República uma situação não só desgraçadíssima, mas obscura e embruihada . . .

— Mas, observo, sem deixar de acreditar nas suas palavras — que julgo de toda a justiça — a verdade é que, desde Naulila, pelo menos, nós estávamos em guerra com a Alemanha. A situação, portanto, não parecia nada obscura. Tão nítida parecia, mesmo, que muita gente exigiu, depois dessa batalha, o immediato rompimento diplomático com os impérios centrais.

— É gente que se não lembra de que a actual política internacional da Europa — e de quási todo o mundo — é uma *política de alianças*. Não se pode fugir a êste princípio . . . Assim, para que Portugal não ficasse isolado no seu gesto de dignidade — tornava-se necessário não o perder de vista, conservando sempre o nosso país dentro do âmbito que tal regra lhe impunha. Desta maneira pensou sempre o Dr. Augusto Soares: — desta maneira orientou sempre a sua política, única possível e justificada, aliás, conquistando o respeito, para a nossa Pátria, da Inglaterra e dos outros países, aliados ou neutrais. Para verificar êsse respeito, basta ver a atmosfera de simpatia e de carinho que Portugal e a

República adquiriram no mundo. E, sem entrar em detalhes que constituiriam inconfidências, posso afirmar-lhe que não foi sem muito tato, muita persistência, muita tenacidade que o nosso ministro conseguiu fazer triunfar a sua orientação. Conseguindo-o, salvaguardou, não só a dignidade da Pátria, mas também o seu futuro, o seu progresso, o seu engrandecimento. . . .

— Gostaria que v. me explicasse melhor a atitude do Dr. Augusto Soares em toda essa grave questão. . . .

— Impossível. O que disse já é mais do que suficiente para caracterizar e acentuar a atitude do ministro. Em assuntos desta natureza, chega mesmo a ser impossível e perigosíssima qualquer indiscrição. Até receio ter falado demais. . . .

— Não creio. E prometo, de resto, não o comprometer. Mas considero tanto o Dr. Augusto Soares, e admiro tanto a sua acção, que lhe peço licença para repetir as palavras que v. acaba de dizer aos leitores da *Atlantida*.

— Diga-lhes também que a acção do ministro, nas grandes e nas pequenas coisas tem sido sempre notabilíssima. De resto, não há pequenas coisas em diplomacia. Tudo é importante — porque tudo pode ou não concorrer para o bom nome e para a honra da Pátria. Veja, por exemplo, o caso de Oliveira Coelho, que tanto interessava Portugal e Brasil, e que, a não ser resolvido favoravelmente, representaria quasi um cheque para o nosso govêrno. Pois o Dr. Augusto Soares obteve a solução desejada. E sabe como? Oh! muito simplesmente. . . . Mostrando ao govêrno inglês que a representação favorável ao condenado, era subscrita por 80:000 pessoas! 80:000 pessoas formam um júri enorme. E a Inglaterra, pátria dessa instituição. . . .

— Compreendeu o valor dêsse formidável júri. Na verdade, foi uma grande conquista. . . .

— Uma grande conquista, num caso que se afigura talvez de importância mínima. Mas há mais factos, prossegue o meu amigo com entusiasmo, que documentam o esforço inteligentíssimo do ministro. Há, por exemplo, a questão da *lista negra* do govêrno inglês. Muitas casas portuguezas, primitivamente incluídas nessa lista, de lá foram riscadas. Foi um serviço inestimável para o comércio nacional. Mas o trabalho, a paciência, o tato que é preciso desenvolver para obter êsses resultados! . . . E mais trabalho exigem ainda questões como a do vinho do Pôrto. . . .

— Já solucionada, não é verdade? . . .

— Pois chegou a parecer insolúvel. Depois dos trabalhos preparatórios, e certamente valiosos e úteis, do Sr. Freire de Andrade, o Dr. Augusto Soares, no gabinete Azevedo Coutinho, começou a tratar do problema. Mal tinha tempo de se inteirar dêle — vem a ditadura. E quando novamente voltou à pasta dos estrangeiros o Dr. Augusto Soares, parecia já impossível convencer a Inglaterra. No entanto, era absolutamente necessário solucionar o assunto. Dois caminhos se abriam: — ou solucioná-lo de harmonia com a nossa legislação interna ou de harmonia com o projecto do tratado. O Dr. Augusto Soares fez prevalecer o primeiro ponto de vista, que a Inglaterra, sempre lial, aceitou. Mas o problema complicou-se tanto que só em Londres, durante a viagem realizada em agosto, se resolveu inteiramente.

— No entanto, observei, atacaram tanto o ministro por causa do tratado...

— Pessoas mal habituadas ao que seja uma verdadeira acção diplomática, que em geral tem de ser lenta para ser segura. Se não estivéssemos num país em que tão inconscientemente se fazem e desfazem ídolos, já se teria atentado melhor nos factos que lhe venho narrando e noutros, igualmente importantes, que tanto depõem a favor do ministro eminente que é Augusto Soares...

— E pode v. indicar-me êsses outros factos?

— Alguns, decerto. Olhe: — desde que o Dr. Augusto Soares entrou para o ministério, cessaram, como por encanto, os ataques repetidos da imprensa aos nossos plenipotenciários no estrangeiro. Ao contrário do que se chegou a reclamar e a pedir — nenhum dêles foi deslocado do lugar que ocupava. E a acção de Portugal lá fóra é cada vez mais vasta, mais fecunda e mais enérgica. A quem, senão ao ministro, se pode atribuir o prestígio de todos os funcionários do ministério e da política internacional do país?

— Decerto. E, já agora, complete as suas informações: — há muitos assuntos novos à espera de solução, aqui no ministério?

— Pode dizer-se de uma maneira geral que todos os assuntos pendentes ao tempo em que o Dr. Augusto Soares tomou conta da pasta se acham resolvidos com vantagens para o país. Foi assim que pôs em andamento a organização das escolas de portuguezes nos centros onde há colónias importantes de patrícios nossos. Criadas pelo Dr. Bernardino Machado, a falta de concurso e certas deficiências de verba não permitiam o seu fun-



cionamento. O Dr. Augusto Soares já fez partir alguns dos professores e outros partirão breve. É uma bela propaganda, que realizaremos. Outros problemas — que sobretudo interessam à economia nacional — teem sido solucionados com igual proficiência e rapidez. O enxofre, o sulfato de cobre, e ainda a juta, cuja falta chegou a produzir um verdadeiro pânico no nosso mercado e de que o nosso mercado hoje está cheio! — o aço, o ferro, a fôlha de Flandres — são tudo produtos que não teem faltado pela constante, directa e eficaz interferência do ministro. E há ainda a questão do cacau . . .

— Essa está perdida, não é verdade?

— Não, meu caro. Está quási ganha. Dentro em pouco — ou eu me engano muito, ou os nossos proprietários de cacau vão ficar inteiramente satisfeitos com as providências tomadas pelo ministro. É certo que a falta de tonelagem e por causa dela, as medidas de restrição que o govêrno inglês se vê forçado a tomar não deixarão apreciar praticamente os efeitos dessa obra. Mas a guerra não dura sempre . . .

— Não contava com essa ótima informação.

— Há mais. Apesar das severíssimas restrições de importação, últimamente decididas pelo govêrno inglês, o Ministro está em contínuas e diligentes negociações para que o nosso vinho do Pôrto, as frutas e outros produtos de Portugal, da Madeira e dos Açôres, não deixem de ser importados pela Inglaterra. E tão bem conduzidas teem sido essas negociações que o resultado deve ser favorável . . .

— Magnífico, na verdade.

— Também lhe quero falar da reforma do Ministério. O Ministro vai apresentar um projecto ao parlamento. É uma remodelação de serviços feita com a máxima probidade. Não há amigos a proteger, nem compadrios, nem interêsses partidários. Não se atende senão ao serviço e à preparação do *après guerre* . . . A criação de uma repartição de informação comercial, assim como a instalação de um mostruário de todos os nossos produtos junto do ministério, para que os agentes de Portugal no estrangeiro possam rápidamente tomar conhecimento da nossa vasta riqueza, mostram bem o cuidado do Dr. Augusto Soares pelo papel que o seu ministério deve desempenhar na expansão económica do país . . .

— E com relação ao Brasil?

— Só lhe posso dizer que o Brasil constitui uma das grandes, senão a maior das preocupações do Ministro. Êle deseja ardentemente demonstrar quanto carinho lhe merece êsse país e quanto valor êle dá às relações luso-brasileiras. Ê dos que pensam que o Brasil pode desenvolver enormemente connosco as suas relações comerciais. Mas, acabaram as indiscrições. Tenho falado tanto que, se o ministro o sabe, posso prejudicar a minha carreira. De resto, eis o Dr. Augusto Soares. Silêncio! . . .

O ministro entrava, com efeito. Sempre sóbrio de elegância, supremamente correcto e afável, dirigiu-se para nós. Feitos os cumprimentos, disse-lhe ao que vinha.

— Oh! mais outra entrevista para a *Atlântida!* . . . Os seus leitores protestariam. . . Impossível, meu amigo! De mais a mais, não há nada a dizer. Conservo o mesmo optimismo que tinha em abril passado. A nossa situação internacional é boa. E como não o havia de ser num país de tão nobres tradições, de tanta dignidade patriótica, e de tão vastas possibilidades de futuro? Leu o relatório publicado pelo govêrno? Aí se encontra condensada a história da nossa intervenção. E, já agora, deixe-me aproveitar o ensejo de corrigir uma falta imperdoável que êsse documento contém. Não se fez nêle referênciã à acção do Govêrno Provisório com relação à Aliança Inglêsa. Ora êsse foi um dos cuidados do Dr. Bernardino Machado quando Ministro dos Estrangeiros dêsse govêrno. Pode afirmar-se que o actual Presidente da República foi o renovador da Aliança. Assim o provam os documentos. . . .

— E a questão sul-africana?

— Nem falo disso, tão absurdas e insensatas são as coisas que se tem escrito sôbre tal assunto. . . .

— Mas diga-me V. Ex.<sup>a</sup>, ao menos, alguma coisa sôbre os ataques de que tem sido alvo o govêrno, por causa da orientação da sua política internacional. Creio que não será inútil esclarecer mais uma vez o país. . . .

— Bem vê, diz o ministro com um ligeiro sorriso, que eu não estou aqui no ministério para discutir opiniões, mas para cumprir o meu dever. Surpreenderam-me dolorosamente, confesso, pela sua falta de patriotismo, certas afirmações da imprensa monárquica. Todos reivindicam para si a aliança inglêsa. . . . Mas uns — aconselham-nos uma política à japonesa, e a acção em África. Outros — a que se juntam alguns republicanos — política à espanhola.

Pontos de vista estranhos, na verdade! Tanto mais estranhos quanto é certo que só depois de decidida a nossa cooperação militar é que se põem a aconselhar essas vagas políticas — abstenendo-se, simultâneamente, de falar da nossa cooperação com aquele calor de simpatia que ela merece e que a partida dos nossos soldados justifica e reclama. Por mim, entendo que o govêrno não fez política à japonesa, nem à espanhola. Fez política portuguesa. . . . E os monárquicos, que nos atacam, devem calcular que essa política é feita de acôrdo com os Aliados. Atacando-nos — quási implícitamente declaram que não são aliadófilos! . . .

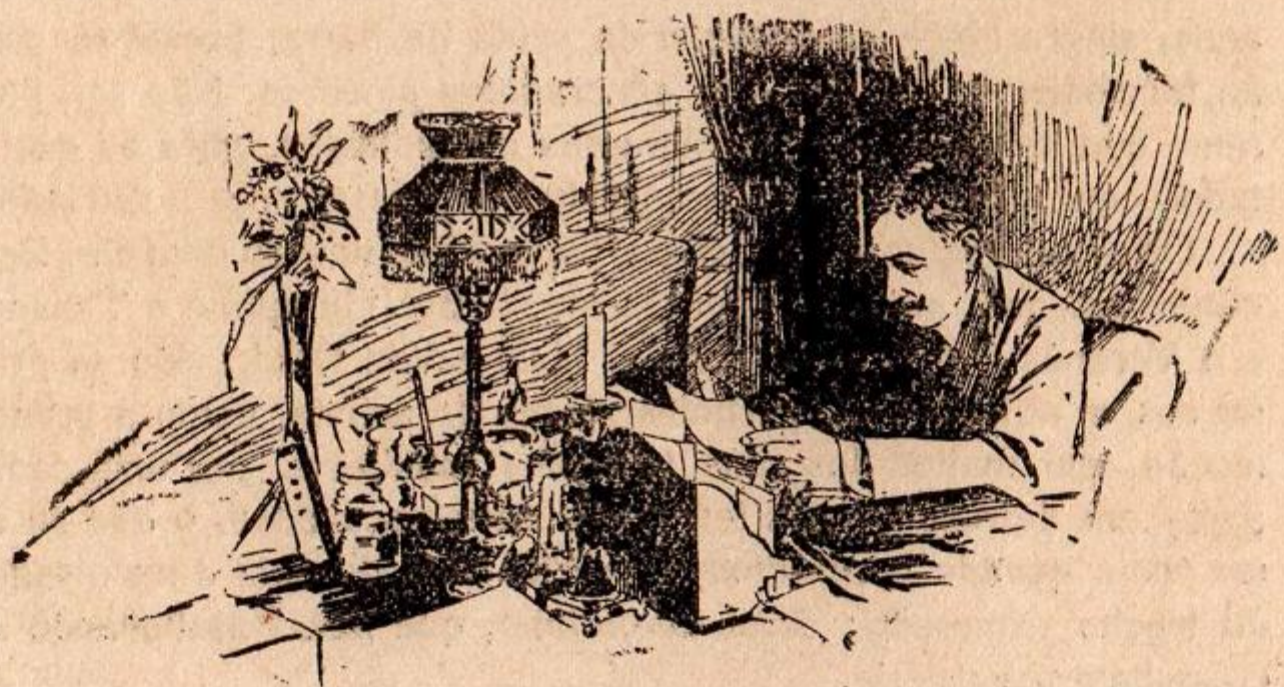
E, depois de uma breve pausa, o ministro repetiu:

— A política internacional do govêrno não procura seguir esta ou aquela orientação, vinda do estrangeiro. É uma política nacional, para bem das nossas aspirações e dos nossos interêsses.

Uma campainha retiniu. Alguêm chamava o Dr. Augusto Soares ao telefone. Com um grato apêrto de mão, despedi-me. E a pensar nas claras palavras do ministro, eu associava a elas o destemido heroísmo dos soldados portugueses que nesse momento, sôbre o mar tempestuoso, demandavam as costas do Norte, para consolidar uma nobre aliança de séculos e defender, na terra livre e sagrada da França, a honra, a vida e a liberdade de Portugal!

Março, 1917.

J. DE B.





## Columbano

---

Fóra de seitas, retraído, um pouco misantropo e um tudo nada orgulhoso, desprezador irreverente das mil artimanhas que charlatanescaamente especam alguns triunfadores de meia-hora, Columbano, cuja contínua ascensão representa um alto exemplo de proba tenacidade, em que se surpreendem talvez desfalecimentos, mas jámais uma transigência compromete, atingiu a segurança sóbria e fácil de um clássico, de um mestre.

Nos seus quadros, há, quási sempre, essa evidência palpável do talento, que, por diversas contingências da nossa imperfeição, só costuma sentir-se ante as obras que o tempo subtraiu, não só ao olvido, mas, principalmente, à volúpia demolidora com que farejamos a vulnerabilidade dos contemporâneos.

Tendo sido discutidíssimo, Columbano, que, já há bastantes anos, singra longe da agitação da saída da barra, presta-se mal ao facciosismo. Conheço-lhe admiradores sinceros. Não sei, porém, que tenha dêsses intolerantes apaixonados, para os quais tudo o que esteja além ou aquêem do ídolo desmerece a seu lado.

Os seus amigos sabem que a pintura não nasceu com êle. Reconhecem que, antes de Columbano, houve Giorgione e Ticiano e o Veronês e Tintoretto e Franz Hals e Van Dyck. São os primeiros a notar certas particularidades do artista, como a predilecção, em muitos dos seus trabalhos manifesta, por uma dada parte em detrimento das restantes, menos acabadas, o que só é um vício quando confrontado o mérito do todo com a mais-valia do trecho esmerado: zona de carinho, que ficará assinalando a columbanesca galeria.

Não tememos ver em Columbano a luz e a sombra que há em toda a criação, os defeitos imprescindíveis, preciosos, sem os quais as suas magníficas qualidades se aminguariam.

Consideramo-lo, como aos outros «únicos» da história da pintura, um elo que se prende aos anteriores e se soldará nos seguintes. Um nome que, exactamente por constituir uma obra inconfundível, é apenas o detentor do pincel com que Velásquez coloriu as *Meninas*, Rembrandt clarescureceu a *Ronda*, Rubens apoteosou a carne.

Pode-se preferi-lo neste ou naquele retrato, nesta ou naquela outra tela. Há quem preze e quem desadore a sua maneira, como se simpatiza ou não com o processo de um Greco ou de um Bernard. Mas ao que Columbano não dá margem, é à dúvida. Impõe-se.

Na sua presença, não se experimenta a curiosidade de adivinhar o que, dentro de trinta anos, ou de três séculos, se pensará dele. Presente-se a atenção dos que hão-de vir.

\*  
\*  
\*

Columbano é um pintor de sempre, um pintor eterno. Os seus quadros revelam uma inata perdurabilidade. Nascem para não ser esquecidos.

É mesmo tão forte essa sua incaducidade, que, afeitos aos arrebiques frágeis do efémero, alguns pseudo-entendidos só logram mostrar-se desorientados nas restrições com que os acolhem.

O grande público raro é sensível ao que não participa da moda. A actualidade é, para êle, o anzol fatal, deixando-se levar, nos quadros que adquire, como nas botas que compra, pelo que se usa mais.

A duração de uma obra, quanto ao valor, está, em geral, na razão inversa da prontidão do agrado que a recebe. As superficialidades, os maneirismos, as pirotecnias, seduzem mais rapidamente do que as realidades profundas e duradoiras. Só as banalidades fascinam imediatamente. A verdadeira beleza, para cujo produzir se requer o dom, e para o gozo da qual se torna indispensável a preparação, é, de ordinário, mais lenta nas suas manifestações.

Por completo independentes do tempo, as obras destinadas a sobreviverem ao freqüente outôno das vulgaridades, teem todo

um outro carácter do que as momentâneas. É como nas mulheres: só os anos, que a tantas diluem o encanto, nos demonstram, em algumas que não enfeecem, que eram, na verdade, belas.

Aos quadros de Columbano, os anos não fazem mal. O tempo é seu amigo. À semelhança daqueles autores que buscavam no realismo a impessoalidade, Columbano consegue, sem a isso se propor, ser um artista sem época; nem antigo, nem moderno, nem revolucionário nem arcaico, nem inovador, nem tradicionalista. Únicamente, um pintor. Um grande pintor.

Olhem, por exemplo, os *Frutos de outono* do Museu de Arte Contemporânea. São um quadro do nosso tempo? Evidentemente. Um quadro de ontem? Poderia muito bem ser. Um quadro de amanhã? Porque não?

\* \* \*

Na insubordinação de Columbano ao tempo e à moda, na sua extra-temporalidade, originam-se interessantes conseqüências. Abstraindo do seu valor constante, verifica-se que muitos dos seus quadros requerem um ambiente especialíssimo para ser bem apreciados.

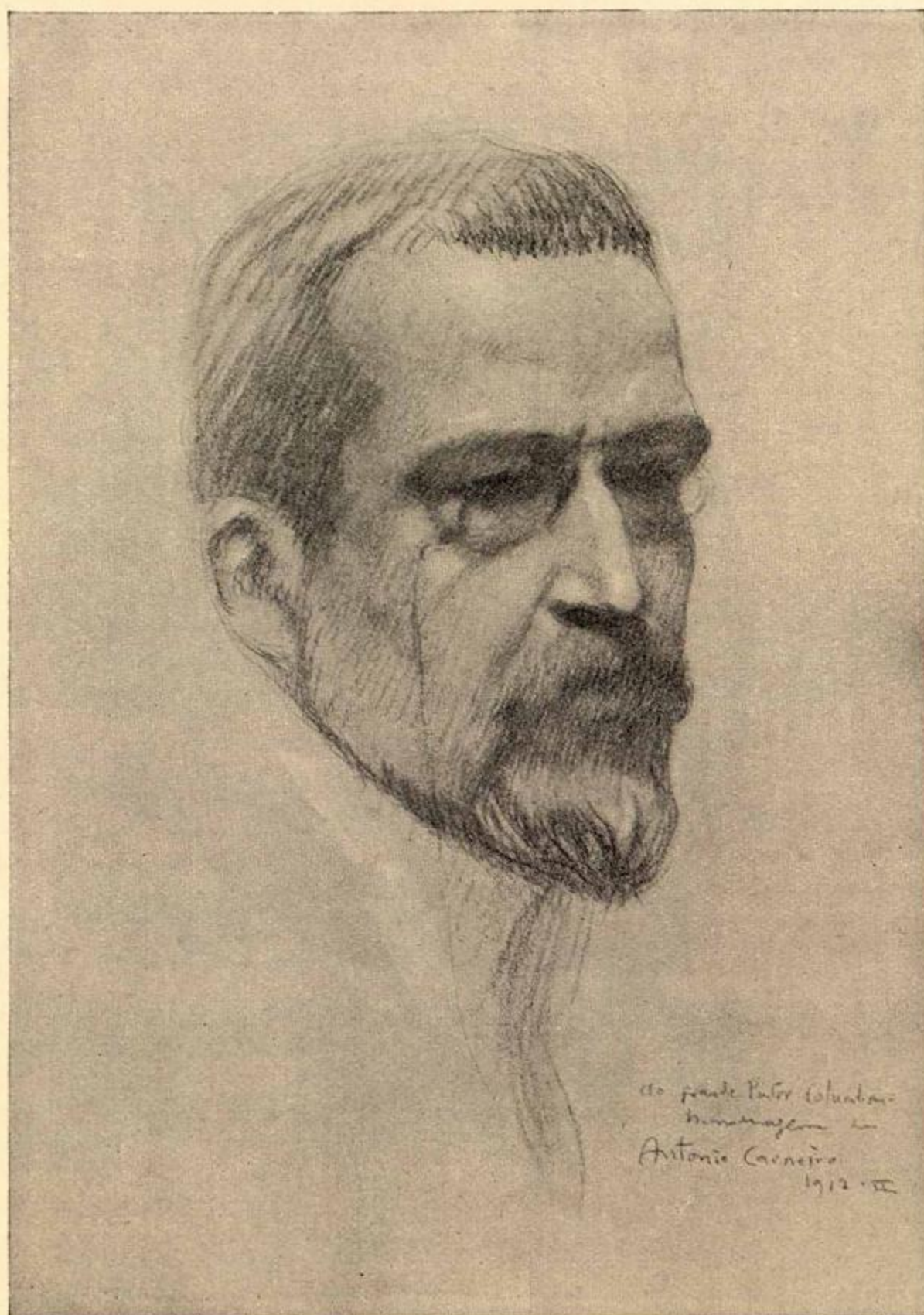
Pintados, com raras excepções, à luz pouco comum do seu ateliê, certas iluminações de exposição ou de sala, se os não danificam, amortecem-lhes a flor do colorido.

Não são, no entanto, a crueza ou os erros de luz o que mais os faz sofrer. Os seus maiores inimigos, teem-nos, os seus trabalhos, nas banalidades do ambiente e nas más vizinhanças.

Um «Columbano» só mostra integralmente tudo o que vale, ou isolado, ou à beira de outras obras de mestre. Não admite parcerias desiguais. Repele o fútil e o medíocre.

Como o seu autor, e como todos os sêres dotados de sensibilidades de privilégio, quando a vulgaridade ou a toleima abrem as contundentes asas, recolhem-se, ensimesmam-se, diligenciam apagar-se.

Por isso, Columbano é, quasi desde a primeira hora, um pintor de museu. Não que na sua arte haja qualquer coisa de ba-fiento, obsoleto, ou morto; mas porque, dadas as condições horríficas da maioria dos interiores modernos, só nos desatracados espaços de uma pinacoteca se encontra a atmosfera propícia para a contemplação dêsse vigoroso domador da côr, em cuja alma late dolorosa a ânsia da perfeição, mas em cuja obra



**COLUMBANO**  
Desenho de Antonio Carneiro

se aure, bastas vezes, a tranqüilizadora placidez da perfeição realizada.

Talvez os senhores nunca deparassem com um Ribera na loja de um padre. Pois a mim, a quem tal imprevisto sucedeu um dia, antolhou-se-me como lugar de eleição, para o ir admirar, a nua estreitez de um patiozito, em que a luz não era famosa, mas onde, contente com aquela passageira libertação, o quadro me desvendou todo o acréscimo de beleza que não facultava às miradas calculistas do mais bricabraqueiro cónego da Sicília.

Com alguns dos, relativamente pouco numerosos, «Columbanos» que há por aí extraviados, apetece, igualmente, raptá-los, porque, sendo tudo o que lhes está em roda pura fancaria e bujiganga de bazar, o pintor distintíssimo sente-se mal entre essas corrutíveis maravalhas, que limitam no tempo e no espaço a sua arte sobremaneira livre de peias cronológicas ou locais.

Melhor se portam os que, em vez de crucificar obras dele numa parede sobrecarregada, mandam construir ou modificam o aposento a elas destinado.

Merece tal honra. Não é demais que se façam salas ou gabinetes para o artista a quem, de futuro, se desejará um museu.

O Luvre acaba de abrir-lhe indirectamente as portas. Por deferência amável do Ministério das Belas-Artes francês, Columbano teve, há dias, a alta satisfação de se ver solicitado para ceder um quadro ao Museu do Luxemburgo.

Quando a paz vier pedir à arte o milagre de fazer esquecer a guerra, Paris poderá, assim, admirar, numa das suas deliciosas scenas íntimas, uma das faces mais apreciáveis do notável pintor, que, português e amigo da França, dá brilho à raça que mais legitimamente busca a vitória.

Eis, portanto, um glorioso artista, a quem o passado estende a mão e o futuro nos invejará.

\*  
\* \*

A carreira de Columbano é uma maravilhosa jornada da treva para a luz, da escuridão à manhã clara. Uma evolução, obstinada, proficiente, da monotonia, para o contraste. A infatigável pesquisa do tesouro da côr, através de infinitas gradações da penumbra, do crepúsculo, do mistério.

Se a vida, que Apolo dilate, lhe der tempo, estou em que êsse pintor, que tanto irritou a opinião com os seus pardacentos, noc-



turnos ensaios de mago alquimista das tintas, virá ainda a ofuscar-nos com o revérbero de um inédito clarão ; de tal modo, na sua arte, como num longo dia do estio, a côr e a luz teem vindo a progredir e a crescer.

Comparadas com alguns dos seus últimos trabalhos, com o retrato do Presidente Arriaga ou o da Sr.<sup>a</sup> D. Luzia Patrício Fratel, pintados um em Belêm e o outro em casa da retratada, certas suas coisas iniciais e negregantes parecem obra de um cego. De um cego que, pouco a pouco, cobrasse vista, e bemdisse, sorrindo, a beatitude de, emfim, conhecer como o vermelho arde, como o oiro refulge, como o branco esplende, como o negro avulta, como a carne esposa a luz ; feliz de comprovar quanto é bom e belo o poder ver.

Músico humilde, Columbano começou por tocar um pobre instrumento de muito poucas notas. Domina agora, maestro aclamado, a polifonia de uma grande orquestra.

Foi um soturno. É um jovial. Dir-se-ia que principiou velho e acabará rapaz.

Na sua maneira de predestinado, houve qualquer sorte purificadora, que, lustralmente, despojou o seu pincel do sujo embaciamento que a afanosa procura da verdade lhe imprimia outrora.

Como alguém que, proposto a inundar de rútilo som uma nave ecoante, ferisse durante muito tempo, para as dominar de todo, certas teclas rebeldes de um órgão, o Columbano dos começos insiste em poucos registos. Fá-lo, porém, já com mais do que a promessa da futura sonoridade. Há quadros seus, dessa época, onde, mercê de uma técnica prodigiosa, uma dada côr percorre, esgota, entrega-lhe, todas as tonalidades possíveis.

Columbano lembra-me um homem que, tendo manipulado sobre a sua paleta, a massa uncroma da noite, conseguiu meter nos tubos da sua oficina as sete côres do espectro. É que, para atingir o meio-dia em que hoje culmina, a sua arte se levantou cedo, num indeciso negrume, e veio alvorecendo caminho em fora.

\* \* \*

Nasce pintor. Sempre o sentido da côr foi nele instintivo, predominante. Atestam-no os seus desenhos, em que a mancha é tudo.

Para êle, os contornos não existem. É a propria côr que desenha os objectos. A forma, irrepreensível, nasce-lhe dela.

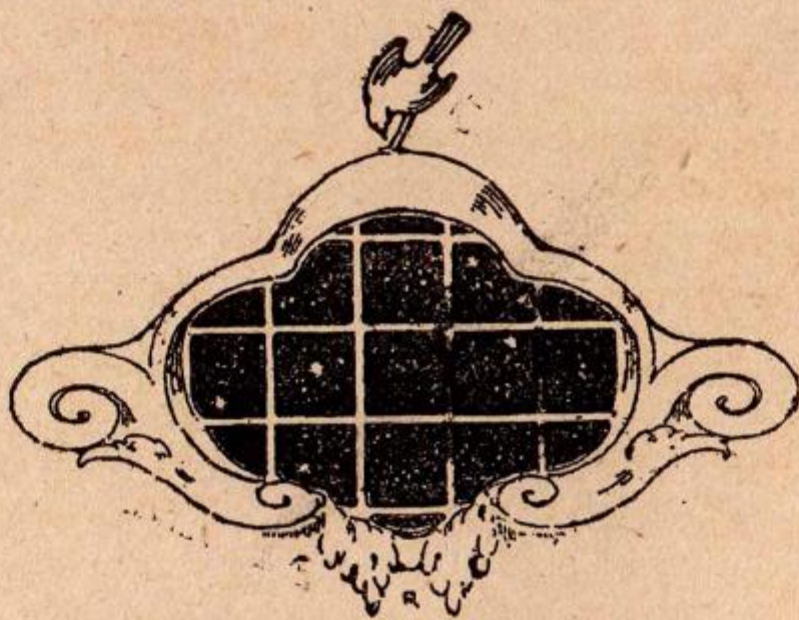
Apesar dos subjectivismos que se lhe tem attribuído como «pintor dos intellectuais», em Columbano nada há de literário, nem de sonhador. É o pintor. Um grande pintor, repeti-lo-hei.

Quer como retratista, quer como decorador, quer na pintura de género, só o exterior do modelo o interessa. Se tem pintado almas, como as do doloroso Antero, é pelo seu raro dom de exprimir o que vê nas faces, pois, como pintor, interpreta, a seu modo, com o mesmo enlévo, com idêntica emoção, com igual sinceridade, um poeta ou um melão, um naco de broa ou um pedaço da história, a peliça de uma dama ou a penugem de um pêssigo, a máscara fingidora de um actor ou a rubra talhada de uma abóbora, uns olhos ou umas couves.

Tem ternuras, sem dúvida, e preferências. Não quer, nem precisa de ter idéas. Às coisas e aos sêres, mede-os por uma escala pictórica, segundo a qual, sem nenhuma espécie de absurdo, um fresco repólho pode valer tanto, ou infinitamente mais, que um chefe de partido.

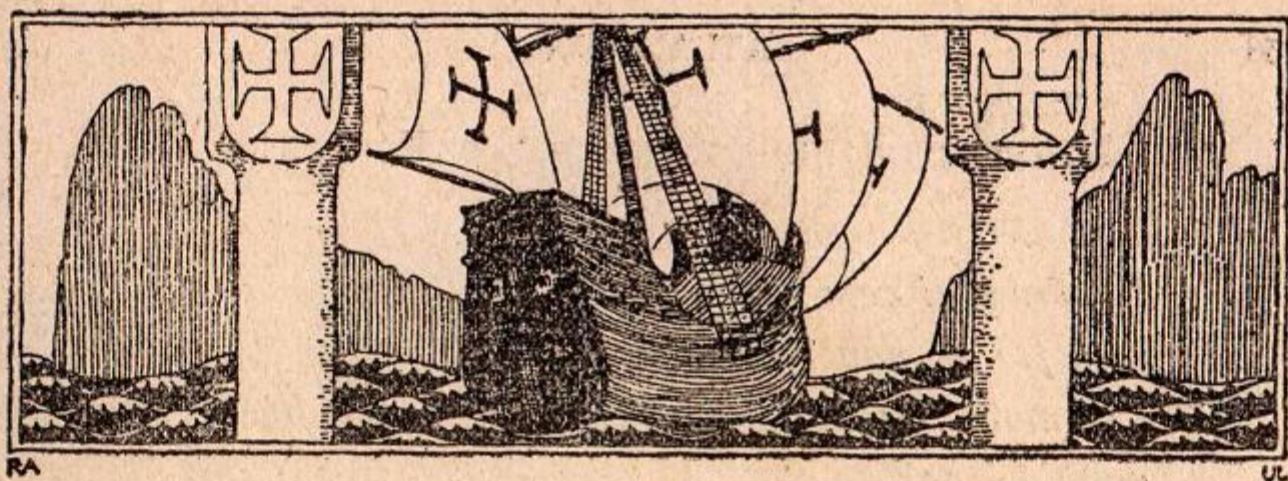
Um pincel! . . . dirão. Sim, um pincel. Um pincel inegalável, servido por uma das mais perfeitas retinas e por uma das mais completas cerebrações de pintor que se tem criado em ventre humano: ventre abençoado, que gerara, antes dele, o espírito de Bordalo e os bilros de D. Maria Augusta.

MANOEL DE SOUSA PINTO.





AFONSO LOPES VIEIRA



## Saúdades trágico-marítimas

É do próximo livro de Afonso Lopes Vieira, *Ilhas de Bruma*, a sair em Abril, o admirável poema que publicamos hoje. A *Atlantida* honra-se dando aos seus leitores esta boa notícia, grata, decerto, a todos quanto admiram o talento excepcional do grande Poeta.

*Chora no ritmo do meu sangue, o Mar...*

*Na praia, de bruços,  
fico sonhando, fico-me escutando  
o que em mim chora e lembra e sonha alguém;  
e oiço nesta alma minha  
um longínquo rumor de ladainha,  
e soluços,  
de além...*

*Chora no ritmo do meu sangue, o Mar...*

*São meus Avós rezando,  
que andaram navegando e que se foram  
olhando todos os céus;  
são êles que em mim choram  
seu fundo e longo adeus,  
e rezam na ânsia crua dos naufrágios;  
rezam de longe em mim, e eu oiço-os bem,  
choram ao longe em mim sinas, presságios  
de além, de além...*

*Chora no ritmo do meu sangue, o Mar...*

*Naufraguei cem vezes já ;  
 uma foi na nau S. Bento,  
 e vi morrer, no trágico tormento,  
 dona Lianor de Sá.  
 Vi-a nua na praia áspera e feia,  
 com os olhos implorando,  
 olhos de esposa e mãe,  
 e vi-a, seus cabelos desatando,  
 cavar a sua cova e enterrar-se na areia.  
 E sòzinho me fui p'la praia àlêm...*

*Chora no ritmo do meu sangue, o Mar...*

*Escuto em mim : oiço a grita  
 da rude gente aflita :  
 — Senhor Deus, misericórdia !  
 — Virgem Mãe, misericórdia !  
 Doidos de fome e de terror varados  
 gritâmos nossos pecados  
 e sai de cada bôca rouca e louca  
 a confissão !  
 — Senhor Deus, misericórdia !  
 — Misericórdia, Virgem Mãe !  
 E o vento geme  
 no bulcão  
 sem astros...  
 Anoitecemos sem leme,  
 amanhecemos sem mastros !  
 E o mar e o céu sem fim, àlêm...*

*Chora no ritmo do meu sangue, o Mar...*

*Ah, Deus por certo conhece  
minha voz que se ergueu, branca e sòzinha,  
flôr de angústia a subir aos céus varados  
p'la dor da ladainha!*

*Transido, o clamor da prece  
do mesmo sangue nos veio!*

*Deus conhece os meus olhos alongados  
onde o mar e o céu deixaram  
um pouco de vago anseio  
nesse mistério longo do seu halo...*

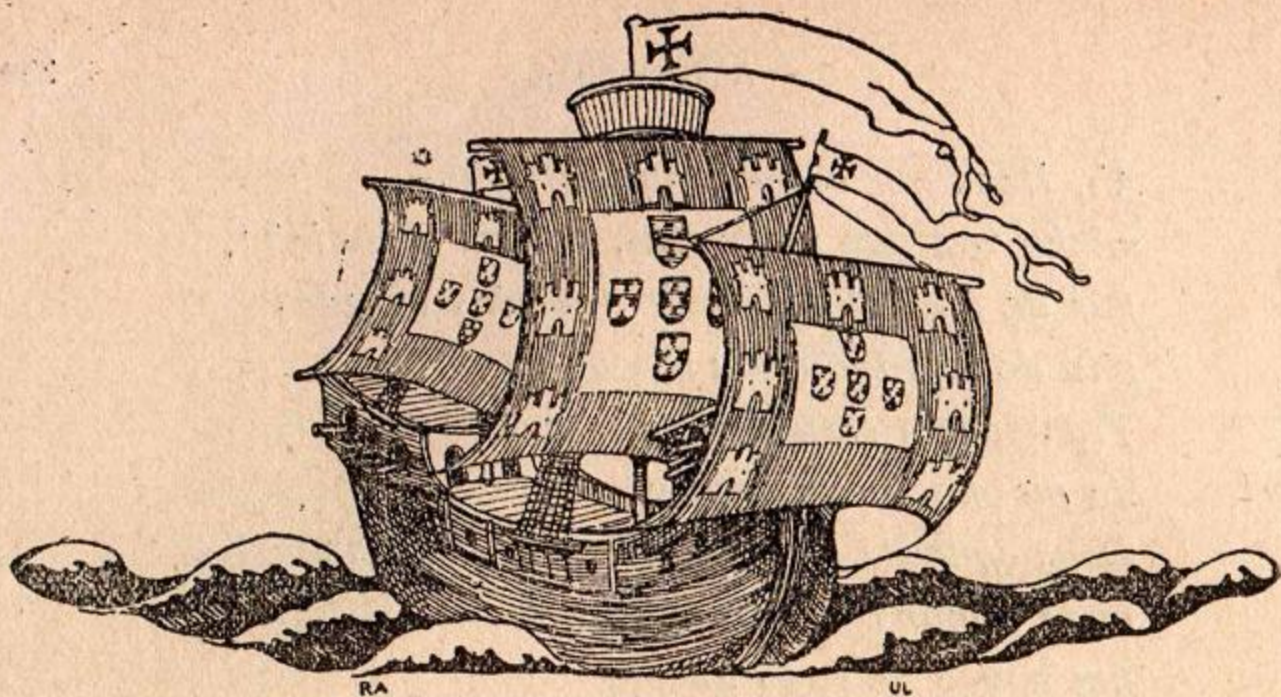
*Rezam, choram em mim os que rezaram  
e choraram também;  
há um pranto português, e eu sei chorá-lo  
com lágrimas de além...*

*Chora no ritmo do meu sangue, o Mar...*

*O' meu amor, repara  
nos meus olhos, na sua mágoa clara:  
ainda é de além  
o meu olhar de amor  
e o meu beijo também;  
se sou triste, é de outrora a minha dor,  
de longe a minha pena  
e a minha ansiedade...*

*Vê como te amo, vês?  
Meu sangue é português,  
minha pele é morena,  
minha graça a Saüdade,  
meus olhos longos de escutar sem fim  
o além em mim...*

*Chora no ritmo do meu sangue, o Mar...*



## A sorte do “Cambaia”

### I

Foi por uma manhã de primavera, no ano de graça de mil quinhentos e trinta e tantos, que entrou por Alvorninha um homem de idade madura, alquebrado e escalavrado, ajoujado com uma sacola de destingido canequim, agüentando as passadas manquejantes com um bordão de marmeleiro. Depois de atravessar a rua deserta, parou um instante defronte da matriz, envôlta em andaimes, a contemplar o belo pórtico manuelino, cuja lavrada cantaria alvejava recente, pelos interstícios dum grosseiro tapume.

Desceu depois em direitura da capela da Misericórdia, e saúdo com uma mirada amiga o seu campanário singelo, o seu singular alpendre alcandorado sôbre colunas a um dos lados da fachada.

Enfiou deliberado por uma viela que se rasgava em frente do pequeno edifício.

Duas crianças encardidas e ranhosas, que brincavam na embocadura ensombrada, apenas deram com os olhos assustadiços no vagabundo, foram refugiar-se numa casa térrea. Contíguo a essa, um pardieiro meio desmoronado atraíu os passos do homem. O seu cajado, batendo com fôrça na porta ainda sólida, produziu um som cavo e retumbante. E logo do lado acudiu, com os dois pequenos agarrados ao saínho de bristol, uma mulheraça de busto pujante e fala resoluta:

— Que buscais aí?

Com voz rouquenha e cansada, o homem perguntou:

— Não mora aqui a Maria Pinheira?

— Boa vai ela! redarguiu a mulher com uma risada. Com que êle vem agora! Que décho lhe querieis, homem?

— Trazia-lhe um recado.

— Pois ide procurá-la no adro da igreja. É lá que ela pousa agora, debaixo de uma lájea.

— Morreu? inquiriu o vagabundo, com um estremeção.

— Há cousa de três para quatro anos, pelas minhas contas.

O homem enxugou com a aba do capeirão remendado a testa aljofrada de suor.

— E a filha, que é feito dela? perguntou em tom mal seguro.

A mulheraça encolheu os ombros.

— Sei lá! Essa levou mau caminho, logo que se viu sòzinha no mundo. Desalvorou daqui, depois do escândalo com o André Barbeiro. E agora, rosna-se que ela vive lá para as bandas de S. Gregório.

O homem arrimara-se à ombreira da porta, como se vacilasse nas pernas mancadas. O rosto, que uma profunda cicatriz laivava, arregoando a barba grisalhante e hirsuta, contraíra-se numa expressão de agonia irreprimível.

Depois de um silêncio, em que a mulher lhe catou com olhos suspeitosos a fisionomia, êle encarou-a por seu turno atentamente.

— Não sois a filha do Martim Picudo? interrogou, firmando a voz.

— A mesma, volveu ela espantada. De onde me conheceis?

O homem teve um sorriso amargo.

— E vós, não me reconheceis também?

Mais se arregalaram os olhos azeitonados da criatura, ao responder numa exuberância de pasmada gesticulação:

— Querem vêr que? . . . Louvado seja Deus! Quem tal diria! Como estais mudado, Roque Pinheiro! Como havia eu de conhecer-vos assim? Era ainda tamanina quando daqui vos partistes para essas terras de além. Coitado! Em que estado voltais! Entrai, homem de Deus, e refazei-vos ao menos. O meu homem anda lá no amanhã das terras. Entrai, e comei do que houver.

Caridosamente, arrastando os medrosos pequenotes, a mulher amparava o homem, cujos olhos se nublavam de lágrimas, introduzia-o no aposento humilde, sentava-o à mesa tósca de castanho.



— Que novas ruins me dais! soluçou êle.

— Vontade de Deus! disse ela, sacando de sob os mandis de Guiné, que cobriam a prateleira, uma malga de Flandres e uma escudela pintalgada, de louça da terra. Não vos amofineis, amigo! Vossa mulher, levou-a Deus Nosso Senhor, e em sua glória deve estar, que era boa de lei. E lá o que disse da vossa filha, tenho fé que tudo terá remédio, ponto é que as nossas orações chamem ao bom caminho êsse negregado barbeiro que a desgraçou. Agora, mercê de Deus, não lhe faltará a ela o amparo do pai, com o cabedal que certamente trazeis lá dessas partes da Índia...

Neste momento, Roque Pinheiro, que já engulia a ruidosos sorvos o leite que ela lhe servira, pousou a malga na mesa, e abanou dolorosamente a cabeça.

— Cabedal! interrompeu êle. Mais de dez anos andei aos baldões, a batalhar com mouros e gentios, a gemer em ferros de cativoiro, a engasgar-me com água salgada, a curtir fomes e sêdes, a rasgar o corpo com feridas, a torcê-lo com aleijões... O cabedal que amealhei, aqui está êle nesta barjoleta: uns mesquinhos cruzados que mal chegarão para pôr de pé êsse casebre que me ficou de herança. Com mais umas roupas surradas que tenho aí na sacola, aí tendes as lembranças que trouxe... Minto! concluiu o Roque, apalpando a coxa direita com a mão anegrada e felpuda, ainda trago outra: um pelouro aqui metido que me afistula as carnes e me faz a manqueira que vistes.

— Coitado! Como vindes em tal pobreza! Que eu sempre ouvi dizer que por essas Índias se ganhava dinheiro a rôdo, e que se faziam muitos roubos, e mais que havia umas quintaladas, ou não sei quê, de pimenta...

— Quais quintaladas nem qual diabo! As quintaladas que eu tenho são essas novas com que me aturdiste, moça!... Se bem me lembro, chamas-te Isabel, não é?

— Tendes boa retentiva. Isabel do Zambujo, agora, desde que há oito anos casei com o João Zambujo, um que veio de Rio Maior para aqui...

— Homem abastado, hein?

— Abastado, não digo! Mas, mercê de Deus, temos p'r'aí uns palmos de sementeira, e lá vamos granjeando a vida...

— Má cainça me coma! praguejou o Roque, abalando a mesa com uma punhada violenta. E a minha Cecília não logrou marido que a livrasse da míngua e de tentações do demo...

— São sinas! atalhou a Isabel, lastimosa, assoando à fraldilha um dos pequenos. Ai! que se eu soubera quem vós éreis, não teria dado à língua...

O Roque ergueu-se com dificuldade, e bradou:

— Quero encontrá-la, e quanto antes!

— Jesus! que ireis fazer à desgraçada?

— Não lhe quero mal nenhum, descansai! Com o bargante do homem é que eu hei-de ajustar contas. No entretimentos, se ela está ao desamparo, quero tê-la na minha companhia. Onde disseste que era o seu paradeiro?

— Ouvi dizer que pousa em S. Gregório. O que posso jurar-vos é que ela saiu daqui transida de vergonha, desde que o mofo lhe deu de mão.

Roque Pinheiro reflectiu um pedaço. Depois, estendeu para Isabel a mão espalmada, e disse em voz compassada e branda:

— Mercês pelo que por mim fizeste, cachopa. Outro favor te quero ainda dever.

— Dizei.

— Guarda-me aqui esta sacola, e não boquejes a ninguém que me viste...

— Nem ao meu homem?

— Ao teu homem só, se êle é de segrêdo.

— Respondo por êle.

— Então, adeus. Vou-me em cata da minha filha.

— Já? Mal repousastes, amigo.

— Repousarei depois. Uma légua a mais, não é cousa de monta. Fica-te em paz, moça.

Já com o conto do cajado batia na soleira da porta.

— Deus Nosso Senhor vos acompanhe! disse Isabel, aconchegando a si os dois filhos.

## II

Roque Pinheiro encontrou fácilmente a filha. Trouxe-a para Alvorninha, onde a sua aparição, já pressentida apesar dos protestos de sigilo, produziu alvoroço geral. Uniram-se as duas misérias: a rapariga desprezada pelo amante, o batalhador do Oriente empobrecido e estropeado. Para abrigo do duplo infortúnio, remendou êle o tugúrio, e nisso se lhe foi grande parte das es-

cassas economias. Para ocorrer às ânsias dos dois estômagos, procurou emprêgo aos braços ainda válidos, alugando-os por uns regateados ceitis aos lavradores da terra.

E por sua parte a rapariga aproveitou como pôde, para ajuda do amanhã doméstico, as suas apoucadas prendas de lavrandeira.

Era uma criaturinha humilde e sofredora, a Cecília. A sua índole passiva atirara-a para os primeiros braços que a haviam agüentado no pendor da inópia, apenas a mãe lhe faltara. A honestidade nativa levaria-a depois para longe, onde não lhe lançassem constantemente em rosto a desonra e o desamparo.

Nos mais rudes e ignóbeis trabalhos lutara contra a fome, durante os dois ou três anos de estada em S. Gregório: nas ceifas, nas vindimas, no pastorear de rebanhos, no arranjo de esterqueiros. E a sua triste experiência, ligada à tibieza do seu temperamento, servira-lhe de broquel contra as investidas da sensualidade labrega.

De volta à terra, enclausurou-se em casa, a tratar o pai achacoso, a costurar sem descanso. Mal lhe enxergavam pela janela o rosto pálido e sardento, iluminado por grandes olhos garços, e a mão delgada no vai-vem da agulha. Só logravam acesso junto dela as freguesas que iam encomendar-lhe a feitura de roupa branca ou de um saínho domingueiro. O seu terror era sobretudo avistar-se com o desalmado que a desgraçara.

Pelo contrário, o Roque tornara-se em pouco tempo popular por aqueles contornos, graças à narrativa das suas aventuras, que nas noites serenas enfeitiçavam o auditório ingénuo, aglomerado em derredor da porta. Mas a fama, que o ia prestigiando, não lhe diminuía a pobreza.

Era uma odisseia maravilhosa, a do Roque! Desde que, por singular coincidência, embarcara em Lisboa num navio que tinha por orago o seu nome, a nau *S. Roque*, capitaneada por Gaspar de Paiva, a sua vida tornara-se um rosário de aventuras, qual delas a mais dramática, em que surgiam populações exóticas, pelejas ferozes, opulências deslumbrantes, o embate de várias civilizações num colossal teatro, tudo perpassado pela visão de um soldado obscuro.

O período, que preenchia a maior parte da sua ausência e que mais excitava a imaginação dos ouvintes, era a sua longa permanência em Cambaia, depois que perto de Diu fôra cativado, no batel de Diogo de Mesquita, por uma nau de mouros. E tal era

a insistência nos pormenores e tamanho o interêsse da história, que se deliu o nome do narrador debaixo da alcunha, breve divulgada, do *Cambaia*.

Ao serviço do terrível sultão Badur, o usurpador fratricida, êle batalhara no Guzerate, em Chitor, no Mandou, por toda a misteriosa Índia do Norte, contra mogores, resbutos, rumes, com exércitos inúmeros, protegidos por monstruosos elefantes de guerra. E havia uma lacuna em sua narrativa, que os rudes ouvintes não punham a claro. Não percebiam que êle preferira, renegando a fé de Cristo, salvar-se das masmorras onde a maioria dos seus companheiros gemiam, nas asperezas da serra de Champanel.

Mas que prodigiosos, que bárbaros, que trágicos episódios, nessas lides sanguinolentas, nessas cidades de cúpulas de ouro, nêsses arraiais em que tapeçarias preciosas abrigavam nababos cobertos de pedrarias! As imaginações ferviam, os corações pulsavam com fôrça, as cabeças esquentavam-se como ao sorver de um vinho generoso.

De todos êsses episódios, aquele em que o *Cambaia* se demorava com especial predilecção, aquele que empolgava mais vivamente a assistência, era sem dúvida o que lhe havia produzido a manqueira da perna direita.

Fôra na cidade afortalezada de Raosinga, alcandorada numa serra inexpugnável, sitiada pelas hostes do sultão Badur. O sangue dos sitiantes, vertido a rôdo, tingia as fragas da serra e os panos da muralha, quando a cidade se deu a partido. O seu governador, Salahedin, que já se rendera ao Badur, foi mandado por êste para convencer as mulheres do seu serralho a que entregassem o palácio. Com êle iam dois mil guzerates, entre os quais o trôço de arrenegados, portugueses e franceses, de que Roque fazia parte. Iam tomar posse da cidade; mas os feros resbutos, que a defendiam, a ferro frio rasgavam, nos corpos dos invasores, os termos da capitulação. Pelas ruas, pelas praças, em frente dos pagodes atalaiados por colossos disformes, às portas dos bazares atulhados de estofos e especiarias, serpentearam refregas crueltas, estrebuxaram agonizantes, amontoaram-se cadáveres. Os arrenegados, contudo, abriram caminho até ao palácio, arrogante e sumptuoso na cumieira. E viram então um espectáculo formidável.

Do pátio interior, erguia-se uma labareda colossal, e a fuma-

ceira derramava em tórno olores de benjoim, de áquila, de sândalo. Na larga varanda, por entre as grades aurificas, viam-se centenas de mulheres, ricamente entrajadas, endireitando os bustos riscados de arelhanas de ouro, erguendo para o céu as cabeças recamadas de jóias, alçando os braços onde coleavam axorcas engastadas de pedrarias. E no meio delas, horrendo e grande, Salahedin, com um movimento contínuo e automático, enterrava nos peitos que se lhe ofereciam uma adaga gotejando sangue.

Numa impulsão de assombro, os renegados vomitaram pelouros sôbre o magarefe gentio. Com tiros e frêchadas lhes responderam os resbutos, desesperados como amoucos. Na confusão tremenda, continuava a divisar-se, incólume, o Salahedin afincado na sua faina pavorosa. Mas nisto, um abalo de terremoto sacudiu o solo, como se rebentasse um vulcão. Os artificios de guerra, empaolados no andar térreo, tinham explodido. A varanda, com o seu recheio de vivos e de cadáveres, foi arrebatada aos ares. O troar quási simultâneo de dezenas de bombardas dilatou o pavoroso estampido. Pelouros, estilhas, sarrafos, sucatas de ferro e bronze, farrapos de carne humana, tudo se disseminou num circuito de muitas braças. E foi então que o Roque, na vanguarda do seu trôço, aturdido e golpeado, sentiu a coxa perfurada, empecendo-lhe o andar.

— Aí filara o diabo a minha alma se não fôra um matalote meu, que me arrastou conforme pôde para o arraial do Badur, epilogava o *Cambaia* entre exclamações de pasmo e de piedade. Como eu, lanhado e côxo, para nada servisse, mandaram-me para a serra de Champanel, onde os outros estavam em ferros. Teve caridade comigo o sr. Diogo de Mesquita. Lá me fez tratar, que eu estive um rôr de tempo entre a vida e a morte. E ao depois, quando o Badur lhe deu liberdade, levou-me consigo para Gôa. Por lá andei aos tombos, até que vim na monção passada. Mal adivinhava eu que não havia de encontrar viva a minha serva de Deus, e que a minha filha...

Era certo, a esta lembrança, quedar-se o homem a rosar, tórvos os olhos, os dentes cerrados, enquanto alguma voz amiga não lhe atalhava a fúria, com qualquer frase dêste teor:

— Louvado seja Nosso Senhor, que ta conservou para alívio de teus males!

E então o *Cambaia* replicava, amaciando o bravio do olhar num relance comovido para dentro de casa, onde reflexos bruxu-

leantes de uma candeia dançavam sôbre uma cabeça arruivada e curva:

— Lá isso é verdade! É ela quem me vale nos meus achaques. E não é pequeno o trabalho, que esta fístula aberta é os meus pecados, a purgar sem descanso, e a dar-me de quando em quando umas guinadas de dôr, que parece que me alanceiam com uma azagaia. É o excomungado pelouro que não me quer largar as carnes. E não é por míngua de solorgias, pois que não houve solorgião nem barbeiro da Índia que não metesse o nariz na ferida. E já em Lisboa estive no Hospital de Todos os Santos, que é onde vai toda a mestrança. Mas nada! Plos modos, tenho que descer à cova com este ruim companheiro que me aleija.

Choviam então conselhos e receitas de toda a casta sôbre o malaventurado veterano, até que êle, bocejando com impaciência, desfazia o auditório com estas ou quejandas palavras:

— Sim, sim, amigos! *Deus suprónia*, como dizia o Padre Frei Pedro, que era comissário de S. Francisco em Gôa. Mas quero dar descanso àquela alminha que ali está a estafar-se. Deus Nosso Senhor vos dê boas noites!

### III

Deslizou o verão e parte do outono sem grandes precalços no viver dos dois. Mas quando apontou a invernia, começou a pungi-los a indigência. Escasseava a labuta dos campos para o pai, minguavam para a filha as tarefas de agulha. Em breve tempo, foi-se esgotando o manancial penosamente amealhado. O cariz do futuro antolhava-se pávido de tormentas. A mão grossa do *Cambaia*, adèstrada no manejo da pesada espingarda ou do longo pique, não se afeiçoaria aos gestos humilhantes de mendicância. Antes a morte, antes a morte!

E o espírito do velho aventureiro ia-se entenebrecendo. O negrume de vingativos pensamentos obumbrava-lhe a visão serena, com que se acostumara a debelar as vicissitudes da acidentada existência. Agora, todo se revestia de ódio contra o rufião que lhe desgraçara a filha. Nele concentrava a causa eficaz do seu infortúnio. A fantasia pintava-lhe o farto lar de um genro amoroso, que daria sossegado asilo à sua velhice cansada e achacosa, sem o forçar a repartir os motrecos de um pão negro, granjeado entre pragas.

Com êste rancor buscava o veterano aquietar a consciência, que decerto lhe indicaria, em persistente segredar, o verdadeiro motivo da sua lazeira: o facto, divulgado na Índia e transmitido à metrópole, de haver abjurado a fé cristã e de se ter invalidado no serviço de Mafoma. Feliz devera reputar-se, por não ter sofrido, graças à protecção de Diogo de Mesquita Pimentel e à clemência do governador Nuno da Cunha, alguma das atrozes mutilações com que era de uso escarmentarem-se apostasias.

Mas o André Barbeiro era um derivativo, de certo modo salutar, para os remorsos que o alanceavam. E toda a sua raiva era que a manqueira e os achaques não lhe consentissem amachucar o destemido e robusto mesteiral. Fugia de passar em frente da loja, onde as tesouradas da maledicência alternavam a miúdo com as da tosquia. Tinha mêdo de si, de algum impulso temerário que lhe revivesse nos punhos velhos arranques de batalhador. E quando por acaso a figura do barbeiro perpassava diante dos seus olhos, que se envesgavam, era um dia borrascoso dentro do casebre.

Cecília, resignada e triste, buscava amansá-lo com serenas exortações de paciência e de confôrto:

— Deixai-o, pai. Fazei como eu, que nem sequer nêle penso. Em nome da Virgem Santa lhe perdôo. Toda a minha dita é viver convosco. Se também vos compraz viver comigo, lembrai-vos que a êle o deveis, pois não me quis por companheira.

Mas o repúdio ignominioso da filha mais exacerbava a paixão do *Cambaia*.

— Hei de fanar o rascão, como fazem os mouros aos guardas do serralho, bradava êle iracundo. Hei de vê-lo debaixo dos meus joelhos, a pedir misericórdia. Hei de arrancar-lhe a língua que te mentiu, e os olhos que te embelecaram, e os . . .

A rapariga atalhava a custo, com devotas admoestações, aquele desbocar de ameaças, impregnadas de todo o grosseiro fel plebeu, esmaltadas com as mais desbragadas torpezas do vocabulário soldadesco.

Mas quem mais contribuía para amaciar a índole irascível do Roque era o amigo que a fortuna lhe deparara em Alvorninha: um pedreiro biscaíno, empregado nas obras da igreja. Homem viajado, saúdo de uma aventureira mocidade esfarrapada por cidades da Itália, por escalas do Levante, por portos da Berberia, o Simão Biscaíno aprazia-se particularmente no convívio do soldado que correra mundo. Irmanava os dois uma inconfessada

dilecção pelos costumes da mourama, com quem ambos haviam travado relações íntimas. Compreendiam-se mutuamente, ao trocarem recordações e comentários sobre o faustoso viver dos orientais, a magnificência das suas mesquitas, a pompa dos seus palácios, a formosura das suas mulheres, a riqueza dos seus adornos, e até o sensualismo acomodaticio da sua seita. E sorviam com voluptuosidade, de envolta com os factos reais, as frequentes patranhas que lhes florescia na fértil imaginação de aventureiros.

Por isso, o Simão Biscaíno tornara-se o companheiro quasi inseparável do Roque, nas seroadas aprazíveis ao pé da lareira, nas passeatas domingueiras pelos contornos, nas beberricagens ocasionais pelas tascas da vizinhança, agora que o auditório lapónio, ou por já saturado de romanescas rapsódias, ou por temeroso de qualquer pacífico atentado à sua esmoleira tacanha, quasi por completo se desgarrara.

Outro facto esfriava também os primeiros assomos de interesse simpático. No desdobrar dos meses, haviam-se infiltrado na terra as atoardas, com respeito à escandalosa apostasia do veterano. E as almas devotas confrangiam-se todas, numa aversão piedosa, em frente do elche, votado sem dúvida às chamas do inferno.

— Lá andam os dois a esgaravatar no Alcorão, chasqueavam línguas daninhas, quando o *Cambaia* removia a passos claudicantes o vulto atarracado, jungido à estatura desempenada e arrogante do pedreiro.

Porque êle cada vez coxeava mais, mesquinho *Cambaia!* Muitos dias, tinha de ficar em casa, tolhido de câibras, ensoquando com parches a perna avariada, gemendo e praguejando, em quanto a Cecília se azafamava a preparar unguentos e cataplasmas. Duas ou três vezes, acompanhado pelo Biscaíno, tinha ido às Caldas da Rainha acalantar-se no banho nauseabundo, e trouxera de lá, a conselho de um físico esperto, umas redomas da água milagrosa. Mas tudo era baldado. A fístula mantinha-se aberta, a supurar sem descanso. E nem dedos de cirurgião nem revulsivos enérgicos conseguiam expulsar das maceradas carnes o duro hóspede que o entrêvava e confrangia.

— Raios me partam! que será de nós dois quando eu me aleijar de todo! carpia o desgraçado ouvindo o gorgolhar da panela, êrma de couves, a aboborar as papas.

— Tende fé em Deus, meu pai, repetia a paciente Cecília.



E o Biscaíño sentenciava, amenizando o vozeirão áspero :

— Mira, hombre! Viva la gallina, aunque sea con su pepita. Soncas no te faltarán los piés para te sacar de los rastrojos.

Mas o *Cambaia* abanava desconsoladamente a cabeça hirsuta. Nem uma réstea de esperança lhe luzia lá dentro.

#### IV

Chegara a quadra bemdita do Natal, alagada de chuvas, ar-repiada de ventanias. O veterano sentia-se escorregar pela vertente da miséria. Os repiques festivos da noite santa retiniam-lhe aos ouvidos como um dobre soturno. No seu lar espirrava um lume tristonho sob uma caldivana de hortaliça: triste consuada de pobretões! E o único sinal de jubileu era a lamparina mortíça diante do mal amanhado crucifixo de madeira, alumuada pela ingénua devoção da rapariga.

— Á la misa, hombre, que es noche buena! bradou o Biscaíño, assomando à porta do casebre.

Mas o *Cambaia*, amadornado à lareira, não se sentia com ânimo de arrostar com as intempéries. Tocado de maleita, tinha arrancos de breca, na perna, pródromo de algum dos diabólicos acessos. E o Biscaíño não conseguia vencer-lhe a inércia.

— Noite boa! Noite boa! resmungava êle, retorcendo as ventas entre o matagal dos pêlos cerdosos. As minhas são todas tecidas pelo diabo!

Nisto, saíu da alcova a Cecília, que se ataviara para ir à missa do galo, em companhia da vizinha Isabel do Zambujo. Juntou as suas instâncias às do pedreiro.

— Ide, pai, disse ela acarinhando-o. Ide rezar ao Menino Jesus. Talvez que êle nos favoreça com algum milagre.

Estava gentil a cachopa com a sua andaina de gala, vasquinha azul de rofegos, mantilha de antona esfiampada, camisa de gorgeira lavrada de preto. O alvoroço da festa dera-lhe uns toques de rubor às faces pálidas. E os seus pés ligeiros, nos encortiçados alcorques, deslizavam sem ruído no chão húmido.

Enterneceu-se o pai, ao vê-la assim, por momentos esquecida da sua desdita. E resolveu-se a acompanhar o Biscaíño.

Mas quis por seu turno engalanar-se, desentranhando da velha arqueta de couro os restos de bélicas louçainhas. Surdiu em breve

com o busto comprimido num pelote francês de mangas, de puído setim, as magras pernas a badalarem numas calças de guardalate branco, a grenha esguichando rebelde de sob a gôrra vermelha, espada ruivaça de ferrugem a balouçar-lhe à ilharga. Mas como o agasalho era pouco para o agreste do tempo, não teve remédio senão embrulhar-se no esfarrapado capeirão que era a sua cobertura de cote.

Nêste grotesco aparato saíu à rua, flanqueado do amigo, e sempre amparado, para agüentar as passadas incertas, ao fiel e nodoso cajado.

Na escurana da noite, a porta da capela fronteira rasgava um clarão vivo, que as ténues vergastas da chuva peneiravam, lucilantes como rêde de filigrana. Um rumor confuso de gentio abafava o marulho das bátegas. E o sonido argentino do campanário levantava hosanas da terra abeberada.

O friasco engelhava. Por isso o Simão Biscaíno, logo aos primeiros passos, convidou fidalgamente o Roque para uma vez de palhete, na tenda do Vassoureiro, em quanto não subia ao altar da Misericórdia o Reverendo Cónego Silvestre, da colegiada de Santa Maria de Óbidos. Mas a vez de vinho alastrou por vezes largas, em que a bizzarria do Biscaíno se alardeou. E quando os dois amigos, espertados pelo silêncio modorrento da rua, se decidiram afinal a marchar para a capela, ia a missa a mais de meio, e pouco menos adiantada ia a bebedice do *Cambaia*.

De olhos piscos, com devotos esgares, arrimado ao guarda-vento, onde nem a manqueira nem o apertão dos fiéis lhe permitiam ajoelhar, assistiu êle ao epílogo da festiva cerimónia. Sentia-se ennobrecido e sobranceiro, com as suas vestes coçadas de guerreiro indiático, naquela assembléa de samarras lanzudas, gabardos rústicos, chiotos denegridos. Afidalgava-se no meio do povoléu campónio; e, de feito, enviesavam-se olhadelas sorrateiras para o seu rosto rubescente, onde, à luz trémula dos círios, o lanho esbranquiçado semelhava uma aspa de prata, cortando uma selva crespa, em campo de goles. E a sua manápula ossuda regalava-se a afagar a maçã anielada do terçado.

Mas o cónego, acolitado pelo padre prior e por um clérigo magrizela, desceu os degraus do altar e engolfou-se pela sacristia, numa onda de paramentos aurilavrados. E os dois amigos, empurrados pela turba, foram os primeiros a sair do pequeno templo.

Ficaram no adro, encostados às pilastras que sustinham o alpendre. O *Cambaia* saúdava com um sorriso complacente as muchachas que passavam chalreando, com um benigno e desdenhoso relance de olhos os labrostas que se encarapuçavam com gestos alvares.

De repente, diante da sua vista turva, desenhou-se a fisionomia odiada do André Barbeiro, que arreganhava os dentes, numa careta de galanteio, para uma moçoila de touca de seda. Teve um repelão de cólera, e regougou, atroando o adro com uma valente cajadada nas lajes :

— Rascão do inferno !

O André voltou para êle a cara pasmada. E, sentindo-se ferido pelo fuzilar daqueles olhos esbraseados, perguntou :

— Falais comigo ?

— Contigo, sim, ladrão ! volveu o *Cambaia*, enfiado, no meio da multidão estarrecida.

A resposta do André foi uma gargalhada escarninha.

E daí, num relâmpago, viu-se o cajado do veterano ensarilhar nos ares, o braço robusto do barbeiro agüentar a pancada súbita, a sua perna arremeter como um ariete contra o adversário, êste baquear, lívido e convulso, sustido nos braços do Biscaíno, rugindo :

— Mataste-me, perro !

Então, descabelado, irrompeu o alarido. Entre o mulhierio ululante, no vão da porta, rosto na sombra, farripas esbraseadas pelo clarão de dentro, Cecília debatia-se, berrando :

— Pai ! pai ! Quem acode ?

Atrás dela, arrastando os endezes lamurientos a reboque da fraldilha, a Isabel do Zambujo escancarava a bôca num rebate berrante :

— Áquedel-rei !

Na balbúrdia dos homens, que se atropelavam roncando, o Biscaíno barafustava, desbocando-se em pragas e feros, ameaçando o agressor. Desabava a chuva, latiam cães, cascalhava o enxurro. E sôbre o corpo inânime do *Cambaia*, estirado nos degraus da alpendrada, curvavam-se matronas caridosas, alanzoando receitas, proclamando mèzinhas, guinchando lástimas, gralhando às rebatinhas.

Mas afinal, como o barbeiro se houvesse esvaído na caligem chapinhante, o Biscaíno reverteu a atenção para o enfêrmo, e bradou com intimativa :

— Sus, hombres ! A casa llevadlo !

Debaixo de água, um par de lapuzes atravessou a rua, transportando o mísero *Cambaia* ; e uma procissão de mulheres, encapuzadas umas, outras embiocadas nas abas das vasquinhas, acompanhava-o em algazarra.

## V

Era afinal de contas um homem decidido e sagaz, o Simão Biscaíño.

Dali a minutos, graças aos seus meneios autoritários, a casa estava limpa de basbaques, e o veterano, recuperados os sentidos, gemia no catre, debaixo duma manta alentejana, ao pé da lareira.

Emquanto a Isabel do Zambujo aprestava papas ao lume, a Cecília, acocorada à beira do catre, pensava a chaga aberta do pai, esvurmando sangue e pus, lavando-a com água das Caldas numa tigela vidrada.

Reconheceu-se que a sapatola ferrada do barbeiro, marrando a coxa do mofino, agravara horrendamente a mazela.

Sob as indicações peritas do Biscaíño, os dedos macios da Cecília premiam cautelosamente a polpa macerada. De quando em quando, um uivo dolorido surdia de entre as barbas hirtas do paciente.

Amiudavam-se os uivos. E a Cecília acusava uma rigidez estranha, a inflar as carnes, a deslocar-se para a bôca da ferida.

— É o carnicão, asseverou sentenciosa a Isabel.

— Es el pelouro, emendou com entono o Biscaíño.

E dentro em pouco, entre convulsões e urros do *Cambaia*, um corpo duro retiniu na conca de louça.

Então o Biscaíño arrancou a tigela das mãos da Cecília, trouxe-a para a luz da lareira, e começou a lavar o objecto, que, desencardido, ficou tamanho como um tremçoço.

— Es muy chico el pelouro, resmoneava êle.

Mas de repente, um sobressalto sacudiu-lhe o corpanzil, um grito de pasmo lhe saiu da bôca :

— Un diamante !

As mulheres precipitaram-se alvoroçadas, o *Cambaia* soergueu-se no catre, volvendo para êle os olhos esbugalhados.

Entre os dedos grossos do Biscaíno, um seixozinho facetado tremeluzia como uma estrêia, irradiando chispas multicores.

— Louvado seja Deus! exclamou a Isabel, num transporte.

— Deixa ver, homem! bradou o *Cambaia*, aliviado de dôres, estendendo os braços ávidos.

Só a Cecília, emparvecida e pálida, ofegava sem dar palavra.

— Precioso! dizia em voz cava o Biscaíno, volteando a jóia aos olhos deslumbrados do inválido. Dadme las albricias, hombre!

Com mãos aduncas, o *Cambaia* empolgou o diamante. Mirou-o atento, intercalando as miradas com reflexivos comentários;

— Era uma das mulheres do Salahedin que o tinha pendente... plos modos... E daí, quando o palácio foi pelos ares, veio de escantilhão... e cravou-se-me na perna. Há cousa de cinco anos que andava comigo...

Seria assim? O Biscaíno acolhia a explicação abanando a cabeça, com rosnadelas de dúvida.

— Ou talvez... continuava a sugerir o *Cambaia*, no apêto em que se viam, aqueles amoucos carregavam as bombardas com tudo que lhes caía nas unhas. Pode ser que achassem debaixo da mão alguma jóia das mulheres...

— Si, puede ser, atalhou o Biscaíno, sempre perplexo. Pero todo eso es misterio. La verdad, hermano mio, es que tenias en el cuerpo un tesoro.

— Um tesouro, sim! bradou o veterano, esquecido dos achaques, aprumando o busto sobre o catre enxovalhado. É pedra sem jaça; ia jurar que é de Bisnaga, que são os de maior estima.

E, sopesando o seixo na mão recurva, exclamou:

— Vinte... trinta mangelins de pêso, pela certa. Vale talvez...

Interrompeu-se, receando exagerar. Voltou-se para o Biscaíno, elevando na mão trémula o precioso achado.

— Quanto valerá, amigo? arquejou êle.

O pedreiro retomou o diamante, embebeu nêle a vista experta.

— No los vi mas puros en los bazares de Alepo, ni muchos de tal grandura en las tiendas de Venecia. Vale á lo menos...

À beizola alongada do Biscaíno se suspenderam, durante minutos de cogitabundo silêncio, os ânimos ansiosos dos três.

E no entanto, dardejadas pelo diamante, que os clarões da lareira flamejavam, scintilas rubras, glaucas, cerúleas, bailavam

nos semblantes pasmados, estrelavam o negrume das bôcas hi-antes, rajavam as profundezas soturnas do tósco aposento.

— Vale á lo menos...

Estrugia a chuva no postigo rangente, zunia o vento pelas físgas dos batentes carcomidos, refervia a mistela sôbre as achas crepitantes.

Um cheiro fétido de emplastos e linimentos, um fartum de bafio e miséria alastrava pelo ambiente ennevoado. Dançavam sombras sôbre a lividez do Cristo, espalmado na parede alva-centa.

— Vale á lo menos...

E a voz retumbante do Biscaíño explodiu por fim :

— Dos mil cruzados !

Dois mil cruzados ! Uma fortuna nem sequer sonhada ! O têrmo da indigência, a segura abastança, o raiar da riqueza !

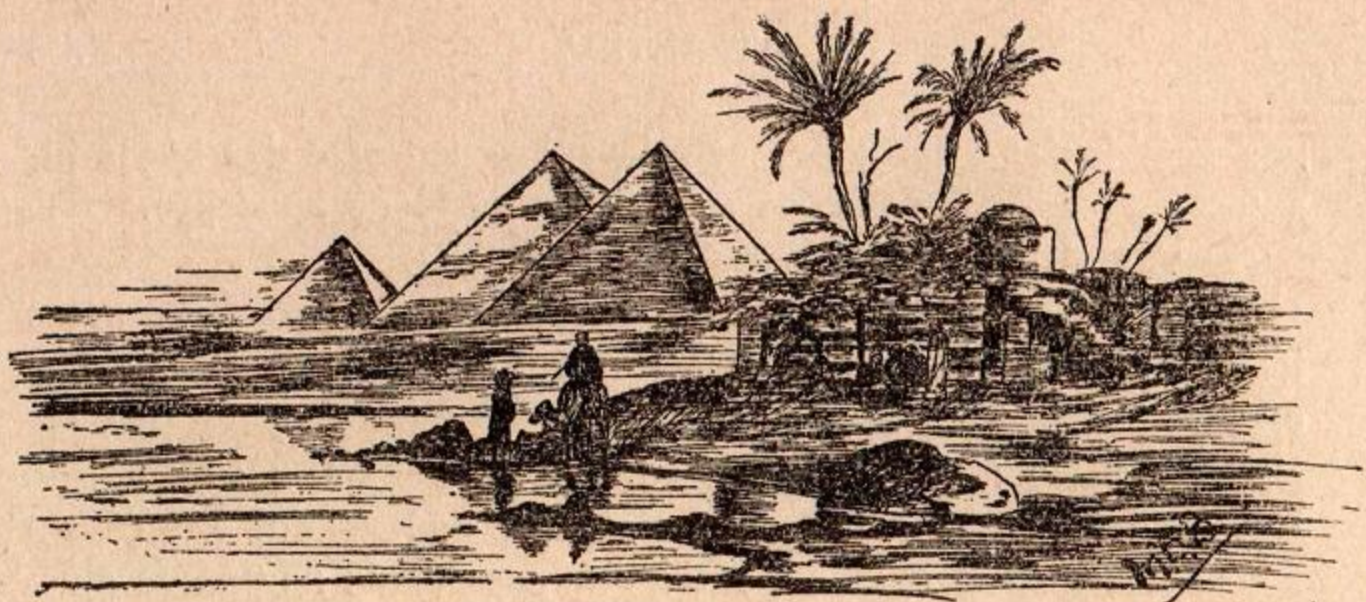
Dois mil cruzados ! Uma chuva de ouro que escorria pelas fendas da telha vã ! Geiras de campo a espadanar searas, azenhas gementes a moer o trigo, tetos de sólido castanho, paredes de grossa alvenaria, roupas de fina olanda, o conchêgo da casa repleta de soberbas alfaias, o desafôgo dos corações vazios de terrores.

Foi um delírio de júbilo. Gemeu o catre desconjuntado sob as convulsas risadas do *Cambaia*, fuzilaram no ar as aclamações estrídulas da Isabel, roncou emboras a voz cavernosa do Biscaíño.

Ajoelhada diante do crucifixo, Cecília elevava, como uma hóstia, o diamante, laivando de revérberos multicores a tósca effigie do Cristo. E de seus lábios erguia-se uma revoada de preces :

— Bemdito Jesus, que fizestes o milagre ! Padre Nosso, que estais no céu...

E duas lágrimas abriam um sulco luzente por entre as sardas que lhe mosqueavam as faces.



## O meu Natal em Mansourah

---

Uma grande melancolia de minhoto desenraizado do torrão natal me invadira nesse Domingo, 24 de Dezembro findo, pois era a primeira vez, em 37 anos de vida, que deixava de sentar-me à mesa familiar na noite de Consoada.

E, desfiando a Saüdade, na curva do tempo ido até aos planos distantes da infância, revi todo o passado através das étapes da carinhosa festa da Família, onde, nesse dia, mais um vazio se abria na fileira dos que sob as bênçãos dos paternos cabelos brancos ficaram junto do lar.

Assim despenei obsessivamente as recordações agrídoces, vagabundando através da planície verdejante e à orla dos canais e do respectivo rio venerável que a fertilizam. Por vezes, a dolorosa tristeza sopitava na contemplação da paisagem, adorável de ver sob imprevistos efeitos de luz caindo de um céu de maravilhosa transparência, na observação dos trabalhos agrícolas feitos ainda com a simplicidade rudimentar das idades faraónicas, ou na fascinação da retina ante um panejamento de vela, movendo-se lenta como asa ferida e derramando-se em claridade nas águas sagradas...

Ao cair da tarde, olhando a aldeia de Talka, na margem de além e envolvida em sanguínea, sob uma enorme nuvem desdobrada no alto, como um velário em reflexos de púrpura, e cuja côr se conjugava com a do Nilo, que parecia arrastar para o mar as agonias do poente, a minha amargura cresceu com o escurecer que subia e vinha veloz dos lados da Arábia.

Mas, de repente, assistindo a êste espectáculo do crepúscu-

lo, uma outra revoada de recordações me obsidiou o espírito e o levou para junto dos livros — companheiros incomparáveis que há mais de seis anos inútilmente me chamam! — e para o tempo da mocidade consagrado ao estudo das religiões em que tem um lugar especial a festa universal do solstício do inverno dos arcaicos e obliterados cultos naturalistas.

E ante êste novo e súbito despertar da memória passaram em desfile mental os mitos das primitivas teogonias, versando o eterno tema do combate entre a luz e a treva condensada numa forma ascensional pelo mitraísmo e dêste recebido pelo politeísmo greco-romano, que por sua vez o transmitiu ao cristianismo, o qual o aproveitou para a comemoração do nascimento de Jesus.

Com efeito, a Igreja, tendo, por um lado, necessidade de se insinuar e adaptar, e não podendo, pelo outro, opôr-se à fôrça invencível de uma viva tradição multiseular, transigira e subordinara-se à celebração festiva do astro, cujos elementos míticos, de resto, filtrados pelos Evangelhos Sinópticos, inteiramente haviam sido vazados nos Evangelhos Apócrifos.

Com a lembrança dêstes, um outro encadeamento de ideias se seguiu sôbre a influência que tais florilégios, como a *Lenda Doirada*, tiveram sôbre a plástica religiosa, desde a alta Idade Média, pelo seu perfume de cândida ingenuidade e pela sua graça de tocante poesia, pois dela foram, em verdade, o fecundo manancial inspirador e comunicativo, sobretudo, depois que a Arte se desprendeu das fórmulas complicadas, hieráticas e idealistas da Teologia, e se adestrou na composição pela escola da representação dos *Mistérios*.

Ora a *Natividade* foi um dos episódios que mais prendeu e tentou os artistas, e pelo meu cérebro farandolou a ronda das *creches*, desde os ilustradores do pergaminho, do vidro, do tecido, os imaginários góticos e pintores primitivos até aos nossos azulejistas e extraordinários coroplastas do século XVIII que exprimiram, em aparências plebeias e humildes, as atitudes mais polidas e os gestos mais distintos e aristocráticos do seu tempo...

Neste doce divagar, a noite viera, como de surpresa, os candeeiros de Talka projectavam-se em liquefacção luminosa pela superfície escura e crespa do rio, as lanternas da ponte vermelhavam como gôtas de sangue, e, ao fundo, sôbre a planura, como luzes esparsas e perdidas, as estrêlas começavam a sua ascensão nocturna.



Recolhi a casa; mas quando soube que os dois colegas da pensão — um jovem médico muçulmano, e um anglicano do país de Galles, vizinho e conhecido de Lloyd George — não jantavam, abalei também, e decidi assistir à missa da meia noite em que me tinha falado o conde de Andino, juiz espanhol junto do Tribunal Mixto.

Desta maneira evitava a concentração e o confronto do meu isolamento com o que àquela hora, aproximadamente, e segundo o costume, se estava passando na minha casa e nas das famílias amigas, onde as mesas fartas e fumegantes dos pratos tradicionais se rodeavam de uma alegria santa e poalhada pelo oiro do riso das crianças.

Errei longamente, fóra da cidade, na escuridão, e mergulhei, por fim, no Casino a preparar-me para agüentar a noitada: neste café, sempre animado e ruidoso, os criados cabeceavam com sono, um empregado do fóro lia um diário do Cairo chegado no último combóio, e um sujeito de *tarbouche* fumava regaladamente o *narghileh*!

Confortado atravessei o Rocio de Mansourah e enveredei pela artéria principal — Chareh Ismail.

Da agitação e do barulho quási de *bazar*, que o enchem durante o dia, restavam os polícias e os seus auxiliares nocturnos, da côr do ébano e recrutados na Núbia, raros transeúntes e as notas da valsa do *Conde do Luxemburgo*, que sarcásticamente se coavam pelos crivos de madeira de um interior burguês!

Ao chegar, porêm, às alturas da rua de Abd-El-Kader, sôbre os terraços cantaram galos. Fiquei surprêso; pouco passava das onze! Como se explicava tamanha antecipação na pontualidade ou no comedimento daquelas aves predilectas da mitologia céltica e tão queridas da iconografia cristã?

Inconvenientemente despertadas apressar-se-iam, por equívoco, a ser os arautos da luz? Nascidas e criadas entre sectários do Islã comprazer-se-iam em fazer uma pirraça aos partidários do Cristo antes do momento solene das Escrituras?

Não curei de investigar o problema, que, no Minho, na minha terra, seria resolvido infalivelmente, no dia seguinte, à faca e em arrozada ou assado, porquanto não se consente vida ao *galo que canta fóra da hora*, pois *quer o amo na cova*.

Prossegui de vagar, e atingido, enfim, o extremo da comprida via, um som fino de bronze fendeu, alvoroçadamente, o silêncio

da noite. Era a sineta da igreja mais próxima, chamando os fiéis para a saudação do Advento. Retrocedi logo sôbre os meus passos, a fim de me dirigir a outra indicada pelo amabilíssimo súbdito de *Su Majestad Católica* e em cujas proximidades o encontrei acompanhado da Senhora condessa.

Entre o hotel e o restaurante Cangiarri transpusemos um portão semi-aberto, dando para o negrume de um pátio abrigado pela cúpula do Infinito.

A vista, caindo de chofre na obscuridade, mal apercebia pequeninos grupos dispersos, falando em voz baixa, e vultos colados ao muro da frontaria do templo cuja entrada, escassamente alumiada, se rasgava como um froixo hiato na treva envolvente. Pelo escuro, pelo resguardo do recinto e pelo recato das conversas dir-se-ia que o credo de Roma, antigamente abatido, vencido e expulso, e agora tolerado, se professava ali, às ocultas, em comunidade, como nos primeiros séculos das perseguições.

Entrando, num relance, o olhar abrangeu o interior, pobre, acanhadíssimo, em três naves de alvenaria e estuque arreganhado, pilares divisórios e cintros cobertos de uma pintura abominável a fingir mármore ordinário, e altares de uma indigência de traça e penúria decorativa, que, em paralelo, fariam sorrir de compaixão os mais modestos das paróquias sertanejas de Portugal; sôbre estes uma imagética alambicada, produto da pacotilha de fé imposta pelo cânon do *Sacré-Cœur*, e presidida, na Capela Mór, por S. Luís, que assim se exhibe, em soberana represália, na terra que o cativou. À esquerda, na testeira do pequenino transepto, estava armado o presépio.

Eu, deixando avançar os condes — a aristocracia enfileirou sempre junto do trôno e do altar — instalei-me ao canto da porta, sob a galeria onde os músicos afinavam o instrumental e perto de um confessionário em que uma voz sêca dava os últimos retoques na purificação da consciência de uma linda penitente. Incendiados os focos eléctricos, esta levantou-se e deixou passar o confessor, um franciscano de óculos, de fronte ampla, face de pergaminho e barba espessa e grisalha, o qual, a custo, abriu brecha por entre os fiéis comprimidos, e, dentro em pouco, acolitado por outros dois barbudos, começava a cerimónia.

De entre a orquestra ergueu-se uma voz grave e forte, mas incerta, a que um punhado de gargantas desirmanadas se seguiu, em côro, entoando o cântico de *Noel! Noel!* Depois, o sacerdote

leu alto e em francês o evangelho da Natividade, e os cantores, entre os arrepios dos instrumentos, retomaram em seguida o cântico, agora acompanhados pelos assistentes num crescendo de sonoridade, que, lançada com ímpeto para o exterior, através do guarda-vento escancarado, parecia querer impôr-se como uma afirmação ardente de fé, e, afinal, morria na paz da noite de encontro a outra crença indiferente e adormecida, na confiança da sua fôrça.

Que estranha mágoa de novo me dominou!

Ó missa do galo da minha infância! na catedral românica e veneranda, cujas naves se profundavam na vaga iluminação, e ao longo das quais os órgãos monumentais acordavam o eco ancestral de gerações sem conta que tinham comungado no mesmo júbilo da natureza!

Ó missa do galo da minha meninice! na vetusta igreja em que me lavaram da mancha do pecado original e toda ornamentada de ramos de árvores, como num festival pagão, onde se entoavam os vilancicos, exaltando, com a doçura inefável da ternura do povo, o divino bambino

*em palhinhas deitado!...*

O sacrifício findo e ministrada a eucaristia, a assistência, liberta do dever cumprido, despejou-se com rapidez, e eu juntei-me novamente aos condes para ver, de perto, o presépio composto de uma dezena de figuras, por igual, delambidas, e adornado com minúsculos vasos de alpiste simbólico.

Como me fez pena também! Como me recordou os que eu mesmo organizei nos áureos tempos de criança com montanhas de musgo, veios de água corrente, a lapinha com o agrupamento bíblico iluminada pela estrêla de prata, ranchos de pastores adorando o Menino e conduzindo ofertas, ou bailando em estúrdias ao som da gaita de foles, das castanholas, da sanfona e do pandeiro, numa folia de romaria minhota e *kermesse* flamenga, enquanto, ao longe, nos últimos planos alcantilados — ó admirável infantilidade! — o cortejo dos reis magos descia, por entre rochas, ao passo vagaroso dos dromedários!...

Ao fim de tão saúdosas sugestões, os meus nobres companheiros, para alívio de penas, obrigaram-me a acompanhá-los e a partilhar com êles de uma finíssima ceia com libações de *Extra-dry*

e pela qual êles mantinham no Egipto os hábitos hispânicos de *noche buena*.

Quando regressei a casa — ai de mim! — não encontrei o costumado aroma das pinhas a que a tradição dá virtudes purificadoras, na noite santa, nem a grande chama da lareira, nem tampouco o *trafegueiro* ardendo, e perpetuando como pura sobrevivência, no culto familiar, o remoto culto astral!

Mas ao fechar as janelas, na profundidade constelada do céu, de uma pureza de mistério, a estrêla de alva sorria com o prodigioso fulgor da lenda.

Era um clarão, amorável e límpido, de esperanças e bênçãos. Com êle me deitei, afinal, sereno e contente.

Mansourah, 27 de Janeiro de 1916.

MANUEL MONTEIRO.





## A educação cívica, a liberdade e o patriotismo antigos e modernos a propósito de Rousseau e de Camões

A liberdade humana sei eu o que é: uma verdade da consciência, como Deus. Por ela chego facilmente ao direito absoluto; por ela sei apreciar as instituições sociais.

ALEXANDRE HERCULANO.

(Conclusão)

O tempo corre sôbre a humanidade, e as coisas, os sentimentos e as instituições vão mudando de natureza com rapidez muito maior do que as palavras correspondentes. Assim sucedeu, como disse, com o patriotismo: o épico teve o do seu tempo; cumpramos a nós ter o do nosso. Afirmando isto e desta maneira, rejeitando o patriotismo que foi o dêle, eu sigo — reparaí bem — eu sigo o *espírito* de Camões, o qual condenou o «vulgo errado» porque só se deixa governar da «opinião e usança antiga»:

Deixo outras obras vãs do vulgo errado,  
A quem não há ninguém que contra diga,  
Nem de outra coisa alguma é governado  
Que duma opinião e usança antiga.<sup>1</sup>

Ser fiel aos grandes espíritos não é reproduzir o que nêles talhou a limitação da sua época, mas continuar a impulsão criadora, renovadora, transformadora, de que safu a sua obra. Aceitar no século XX o patriotismo de Camões é andar na esteira do vulgo errado, e deixar-se governar da usança antiga: nem o patriotismo nem a política de Camões podem ser aproveitados por

---

<sup>1</sup> *Epístola sôbre o desconcerto do mundo.*

nós outros, porque estão ligados a ideas e sentimentos de que o mundo moderno os separou; porque êsse patriotismo é místico e é antigo, e porque essa política é mística, antiga e absolutista. Camões seguiu, neste ponto, o grande êrro doutrinal do pensamento peninsular: a subordinação da sociedade civil ao guerreirismo místico, isto é, à exaltação, propagação e imposição do Catolicismo.<sup>1</sup> Se escrevesse na nossa época, Camões escreveria diferente coisa; mas como foi um peninsular do século XVI, o que dêle podemos tirar hoje — neste caso — é o código perfeito do velho mundo. Porisso quando vemos actualmente o patriotismo à Camões, como reminiscência dos *Lusíadas*, percebemos nas palavras um sentimento não inteiramente natural, não de todo ingênuo e espontâneo, um sentimento *literário*, mal aclimatado, *voulu*, — sem deixar de haver freqüentemente boa vontade muito louvável, e ainda mais freqüentemente, sem dúvida alguma, negociatismo e hipocrisia.

O patriotismo de Camões estriba-se, em primeiro lugar, na concepção da pátria como comunidade de indivíduos que impõem o mesmo Deus, sob o comando do mesmo rei. Primeiro Deus; depois o rei, representante de Deus na sociedade humana:

Vós, ó Rei, que por divino  
Conselho estais no régio sólio posto

(X, 146)

Via-se isto particularmente na dinastia então reinante, que tivera milagrosa consagração ao aclamar-se o rei que lhe deu origem:

Ser isto ordenação dos céus divina  
Por sinais muito claros se mostrou,  
Quando em Évora a voz de uma menina  
Ante tempo falando o nomeou;  
E como coisa enfim que o céu destina  
No berço o corpo e a voz alevantou:  
Portugal, Portugal! alçando a mão,  
Disse, pelo Rei novo, Dom João.

(IV, 3)

<sup>1</sup> Sobre a influência da invasão árabe na formação dêsse guerreirismo, v. a minha conferência *O Problema da Cultura e o Isolamento dos Povos Peninsulares*, p. 14-18.

O fundador da nacionalidade,

Em nenhuma outra coisa confiado  
Senão no Sumo Deus que o céu regia,

(III, 43)

cria a pátria num campo de batalha

Quando na cruz o Filho de Maria  
Amostrando-se a Afonso o animava :

(III, 45)

porisso Deus constantemente favorece os desígnios dos nossos  
reis :

Dest'arte o mouro pérfido despreza  
O poder dos Cristãos ; e não entende  
Que está ajudado da alta fortaleza  
A quem o inferno horrífico se rende

(III, 112)

E vós também, ó terras transtaganas,  
Afamadas co'o dom da flava Ceres,  
Obedeceis a fôrças mais que humanas  
Entregando-lhe os muros e os poderes

(III, 62)

Deus por certo vos traz, porque pretende  
Algum serviço seu, por vós obrado ;  
Perisso só vos guia e vos defende  
Dos imigos, do mar, do vento irado

(VII, 31)

Que Deus peleja  
Por quem estende a fé da madre Igreja

(X, 40)

Que co'o braço dos seus Cristo peleja

(III, 109)

Os companheiros francêses de D. Henrique

C'um amor intrínseco acendidos  
Da Fé, mais que das honras populares,  
Eram de várias terras conduzidos  
Deixando a pátria amada e os próprios lares

(III, 211)

Da qualidade do rei depende a do povo («com o rei se muda o povo») doutrina que nunca um inglês aceitaria :

Que um fraco rei faz fraca a forte gente !

Se lhes concede estes dons a protecção divina, a missão dos reis e a da pátria é a de dar o mundo a Deus, impor o Catolicismo, espadeirar o infiel:

E vós, ó bem nascida segurança  
Da lusitana antiga liberdade,  
E não menos certíssima esperança  
De aumento da pequena Cristandade :  
Vós, ó novo temor da Maura lança,  
Maravilha fatal da nossa idade,  
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,  
Para do mundo a Deus dar parte grande :

Vós tenro e novo ramo florescente  
De uma árvore de Cristo mais amada  
Que nenhuma crescida no Ocidente,  
Cesarea, ou Cristianissima chamada :  
(Vêde-o no vosso escudo que presente  
Vos amostra a vitória já passada,  
Na qual vos deu por armas, e deixou,  
As que êle para si na Cruz tomou) :

Vós que esperamos jugo e vitupério  
Do tórpe Ismaelita cavaleiro,  
Do Turco oriental e do Genticio  
Que inda bebe o licor do santo rio . . .

(I, 6-9)

Os cavaleiros tende em muita estima,  
Pois com seu sangue intrépido e fervente  
Estendem não sómente a Lei de cima  
Mas inda vosso império preeminente

(X, 151)

Se à primeira dinastia, milagrosamente instituída em Ourique, competira expulsar o infiel do solo europeu que conquistara, o iniciador da segunda, milagrosamente aclamado em Évora, como vimos,

é o primeiro Rei que se desterra  
Da pátria, por fazer que o Africano  
Conheça pelas armas quanto excede  
A lei de Cristo à lei de Mafamede

(IV, 48)



O nobre fundamento  
De Ceita toma, e o tôrpe Mahometa  
Deita fóra.

(IV, 49)

E mais tarde, por ordem de um seu sucessor,

Vimos buscar do Indo a grão corrente  
Por onde a lei divina se acrescente

(VII, 25)

Semear de Cristo a lei

(VII, 15)

De que o monarca é um instrumento da vontade do Altíssimo, segue-se que a grande virtude do Português, a sua «alta excelência», consiste na fidelidade e obediência ao soberano: <sup>1</sup>

Crês tu que se êste nosso ajuntamento  
De soldados não fôra Lusitano,  
Que durara êle tanto obediente  
Por ventura a seu rei e a seu regente? . . .

Grandemente por certo estão provados;  
Pois que nenhum trabalho grande os tira  
Daquela portuguesa alta excelência  
De lealdade firme e obediência.

(V, 71-72)

Oh Rei subido  
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,  
É tão pouco por vós, que mais me pena  
Ser esta vida coisa tão pequena . . .

Porque a maior perigo, mor afronta,  
Por vós, oh Rei, o espirito e carne é pronta

(IV, 78-80)

De um Rei potente somos tão amado,  
Tão querido de todos e bemquisto . . .

(I, 51)

Há vários trechos comprovativos do pacifismo de Camões: <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Sobre a fidelidade v. a minha *Educação Cívica*, p. 24 e seg.

<sup>2</sup> V. por exemplo a epístola já citada: «Quem pode ser no mundo tão quieto . . .» Guilherme Storck refere-se ao assunto na sua *Vida* do poeta.

a guerra só é legítima a seus olhos quando se combate o infiel,  
com quem o poeta se não refreia em vitupérios :

Não sou da terra nem da geração  
Das gentes enojosas da Turquia (I, 64)

Que a ilha é possuída da malina  
Gente que segue o tôrpe Mafamede (I, 99)

Não tens junto contigo o Ismaelita  
Com quem sempre terás guerras sobejas,  
Não segue êle do Arábio a lei maldita  
Se tu pela de Cristo só pelejas ? (IV, 100)

Porisso repreende todos os cristãos

Que uns aos outros se dão a morte dura

em vez de atassalharem, como Portugal, o «imundo» povo de  
Mahomet :

Mas entanto que cegos e sedentos  
Andais de vosso sangue, ó gente insana,  
Não faltarão cristãos atrevimentos  
Nesta pequena Casa Lusitana (VIII, 3)

Em contraste com os Portugueses,

e que a quem não sómente algum perigo  
Estorva conquistar o povo imundo,  
á custa de vossas várias mortes  
A lei da vida eterna dilatais, (VII, 2-3)

contemplai o alemão, por exemplo, ou o francês :

Vêde-los Alemães, soberbo gado,  
Que por tão largos campos se apascenta,  
Do sucessor de Pedro rebelado,  
Novo pastor e nova lei inventa :  
Vêde-lo em feias guerras ocupado  
(Que inda co'o cego error se não contenta !)  
Não contra o superbissimo Otomano,  
Mas por saír do jugo soberano.

Pois de ti, Gallo indigno, que direi ?  
Que o nome cristianissimo quiseste  
Não para defendê-lo nem guardá-lo,  
Mas para ser contra êle e derribá-lo !

Achas que tens direito em senhorios  
 De Cristãos, sendo o teu tão largo e tanto;  
 E não contra o Cinypho e Nilo, rios  
 Inimigos do antigo nome santo?  
 Ali se hão-de provar da espada os fios,  
 Em quem quer reprovar da Igreja o canto:  
 De Carlos, de Luís, o nome e a terra  
 Herdaste, e as causas não da justa guerra?

Ó míseros Cristãos, pela ventura  
 Sois os dentes de Cadmo desparzidos,  
 Que uns aos outros se dão a morte dura  
 Sendo todos de um ventre produzidos?  
 Não vêdes a divina Sepultura  
 Possuída de cães, que sempre unidos  
 Vos vem tomar a vossa antiga terra  
 Fazendo-se famosos pela guerra?

Aquelas invenções feras e novas  
 De instrumentos mortais da artilharia  
 Já devem de fazer as duras provas  
 Nos muros de Byzancio e de Turquia

(VII, 3 e seg.)

O poeta cantará portanto os bem-aventurados alanceadores  
 de mouros,

as memórias gloriosas  
 Daqueles reis que foram dilatando  
 A Fé, o Império; e as terras viciosas  
 De Africa e de Asia andaram devastando

(I, 2)

Aqueles só direi que aventuraram  
 Por seu Deus, por seu Rei a amada vida

(VII, 87)

Oh ditosos aqueles que puderam  
 Entre as agudas lanças africanas  
 Morrer, enquanto fortes sustiveram  
 A santa Fé nas terras mauritanas!

(VI, 83)

Olha como em tão justa e santa guerra  
 De acabar pelejando está contente:  
 Das mãos dos mouros entra a felice alma  
 Triunfando no céu, com justa palma

(VIII, 17)

e de aí os erradíssimos incitamentos dados por Camões a D. Se-

bastião para que fôsse às terras de Marrocos combater o Mao-  
metismo, e para que se vestisse

das armas rutilantes  
Contra a lei dos inimigos Sarracenos !

(IX, 94)

Vemos pois que o patriotismo antigo era a escravização do indivíduo à idea mística da comunidade, ou ao representante dessa idea, como um fim, ao passo que o moderno tem como princípio a liberdade individual, o livre consenso das pessoas. Um espírito moderno ama a sua pátria como um instrumento de liberdades: porisso são as terras de liberdades aquelas em que o patriotismo é ao mesmo tempo mais humano, mais lúcido, mais sincero (por vezes mais lento na decisão, como é próprio dos actos conscientes) e porisso as terras de liberdade exercem no estrangeiro tão grande poder assimilador: não só um alemão, um francês ou um português se naturaliza com facilidade norteamericano ou suíço, sendo a inversa muito mais difícil, mas a própria assimilação de populações inteiras se realiza prestamente pelos países verdadeiramente livres, quando a não estorvem vícios especiais do país a assimilar. É o patriotismo moderno (um meio de liberdade) que explica um caso como o dos Boers, ao lado hoje da Inglaterra; é a luta entre o patriotismo à moderna e o patriotismo à antiga que explica os seguintes trechos do diário de certo Bávaro aprisionado em França, os quais me dispense de traduzir agora porque, tendo sido publicados em francês, lhe não quero infligir duas traduções: «Partout on sent la contrainte qui émane d'Allemagne, et je me dis que jamais je ne pourrai y vivre, après avoir joui de la liberté dans d'autres pays. O Allemand, si tu veux rester tel, reste dans ton pays, car jamais tu n'y retourneras une fois que tu auras goûté de la liberté dans d'autres pays. À la paix, je serai perdu pour l'Allemagne, car je suivrai d'autres chemins. . . » E mais adiante, êste grito: «O Providence suprême, éclaire ma raison pour que j'interprète cela comme il faut !»

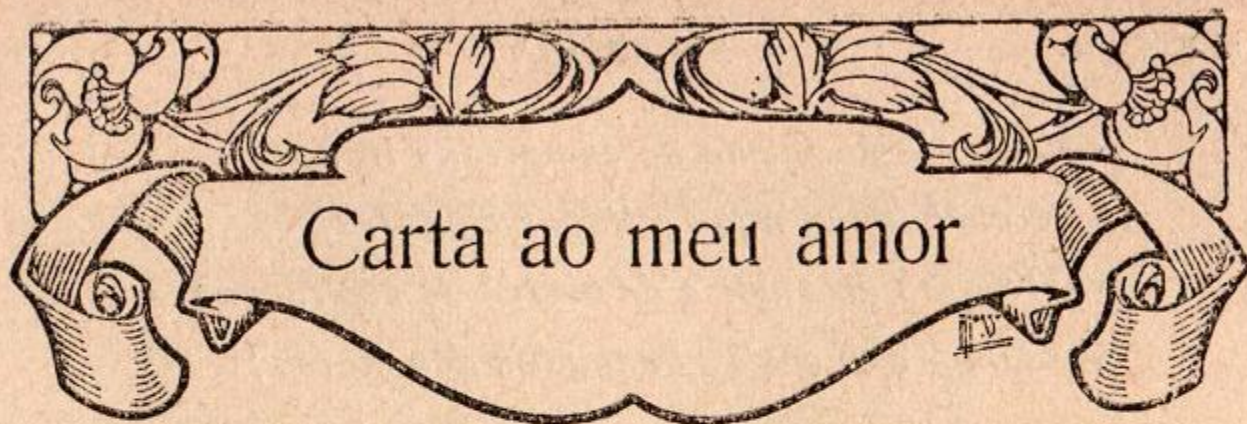
O patriota antigo batia-se, como o moderno, por certos interesses fundamentais; mas o mundo ideal que o primeiro sobrepunha aos conflitos económicos era constituído por uma comunidade de base divina, pelos deuses, pelo sangue: emfim, uma confusa

idea mística, uma ordem descida do transcendente que absorvia os indivíduos. Vimos tal idea em Camões sob a forma do céu cristão, cujo defensor cá na terra é o legítimo soberano, ungido de Deus: com êsse céu comunicava Nunálvares, rezando, durante a batalha de Valverde. Para o cidadão moderno o mundo ideal é o da liberdade, o da razão, o do direito; o verdadeiro cidadão sabe hoje o que defende, ou deve defender, com os interêsses da sua pátria: a sua pessoa moral, o seu espírito, a sua razão; as próprias opiniões e o seu direito de as exprimir; a liberdade de consciência. Não se limita a obedecer cegamente a um rei, a um govêrno, a um estado-maior, a um partido; não é a «fidelidade» que o inspira: antes de se armar viu, examinou, opinou, ouviu testemunhas. É a razão a disciplina em um exército à moderna, como é ela o ideal liame de todas as modernas sociedades. *Ratio vinculum societatis*: as liberdades contra a soberania (real ou popular); a razão e a consciência contra o sangue; o pacto social contra a «raça»: eis a verdadeira concepção moderna. Esta preeminência do factor racional na idea moderna de Pátria é que explica a attitude de um Liebknecht e a seguinte observação de Desjardins sôbre os Franceses durante a guerra: «on se sent *concitoyens* plutôt encoret que *compatriotes*» (1). Os que combatem hoje humanamente neste ciclone de fôrças económicas, os verdadeiros filhos do nosso século, vêem alguma coisa acima da Pátria: — a paz pela Justiça — e seguem a divisa de Santo Agostinho: «esto ergo bellando pacificus, ut eos, quos expugnas, ad pacis utilitatem vincendo perducas.» Como porêm a maioria não tem o espírito da própria época, e como o hábito não faz o monge, há povos inteiros e indivíduos que pensam e agem à velha moda, tal como em política anacrónicamente concebeu Rousseau no século XVIII, e tal como naturalmente, por ser do XVI, pensou, sentiu, exprimiu Camões. É o seu poema uma nossa Bíblia por ser o canto da nossa terra: não cabemos porêm inteiramente nessa Arca Santa da Lei Antiga, — porque àlêm de sermos da nossa terra precisamos de ser do nosso tempo.

ANTONIO SÉRGIO.

---

(1) *Entretiens des non-combatants durant la guerre*, n.º 2, pág. 59. Sentir-se mais concidadãos que compatriotas significa estar-se na passagem do estado instintivo e tradicional para o estado consciente do Civismo.



*Minha Inconsolável —*

*Vou partir p'ra França,  
Mas levo escondida terra dêstes montes...  
Foi ao redor dêles que eu brinquei, criança,  
Em busca dos ninhos, bebendo nas fontes.*

*O céu azulado que protege a aldeia  
Conheço-o, de instinto, sem p'ra lá olhar;  
É lá que passeiam, quando há lua cheia,  
Muitas virgens brancas, que são o luar. —*

*E eu amo esta Terra porque nasci nela,  
E foi êste sol o que me deu calor;  
Porque não há outra tão branca e tão bela  
E àlêm disso é Tua, Meu Bemdito Amor.*

*E eu conheço-a tanto, que só para vê-la  
Esfregar os olhos e pôr-se a caminho,  
Deito-me de bruços, poiso os lábios nela,  
E, muito em segrêdo, digo-lhe baixinho:*

«Meu país dormente de compridas tranças,  
«De cachopas lindas e lindos cantares,  
«De vagas de amor e de marés de esp'ranças  
Ao longo das costas banhadas dos mares ;

«Pequenina aldeia onde mora um sino  
«Da capela branca na cova dum vale ;  
«E onde nasce um rio também pequenino,  
«E as mais lindas moças que há em Portugal ;

«Já de há muito dormes um sono pesado  
«Como a espada rija que brandiste outrora...  
«Já não há estrêlas que o sol vem chegado  
«Num galope d'ouro pelos campos fóra !

«Meu país lendário, nada te inquieta ;  
«Tens o braço frouxo do trinar do fado  
«Na guitarra triste que te fez poeta  
«Cantor de glórias que são do passado.

«E que importam estas que tu não renovas  
«E sentes fadiga só de as recordares?  
«Se Vasco da Gama só fizesse trovas  
«Não teria, ousado, descoberto os mares.

«Meu país de sonho, já lá vem a luz,  
«Ergue-te depressa que o sol já vem nado ;  
«Se já foste grande por tomar Ormuz  
«Sê maior ainda por morreres honrado.»

.....  
*Vou deixá-lo, agora, mas de olhos enxutos  
Que o valor não falta p'ra partir p'rá guerra ;  
Somos portugueses, não vestimos lutos,  
P'ra morrer com honra pela Nossa Terra.*

*Que arrasado seja, tombando sem vida,  
Quem pisar, armado, terras dêste vale,  
Sem ter tido a honra sempre engrandecida  
De chorar num berço feito em Portugal.*

*Minha Inconsolável — Chamam-nos à guerra,  
E somos já muitos que vamos lutar ;  
E ou fica bem nossa Toda a Nossa Terra  
Ou nenhum que parte torna a cá voltar.*

Setembro de 1916.

EUGENIO SOARES BRANCO.





# A função social da guerra europeia na História da Humanidade

---

## I

### HISTÓRIA RÁPIDA DA HUMANIDADE ATÉ À HEGEMONIA ECONÓMICA DA INGLATERRA

A humanidade diferenciou-se, antes da História, nos dois tipos simples seguintes: — o sedentário vivendo da colheita fácil para a sua própria alimentação (embrião agrícola, mineiro, fabricante) e o nómada em procura de pastos para os animais domésticos, de onde tirava os seus próprios alimentos, o seu abrigo e o seu vestuário. O segundo descobriu horizontes novos, além dos limites da região chamada «Paraíso Terreal» pelas Escrituras. (Documentos da primitiva tradição histórica). Nessa região, entre o Cáucaso e o Golfo Pérsico, onde nasce espontaneamente tudo que satisfaz as necessidades básicas da vida humana e da vida dos animais domésticos, aí germinados com a espécie humana e inseparáveis desta em toda a História, está ainda hoje a chave dos grandes caminhos continentais. A Rússia, a Inglaterra e a Alemanha tem os olhos fitos no rico território compreendido entre o Bósforo e os desfiladeiros do Afghánistan, que abrem as portas da Índia.

O primeiro tipo alastrou lentamente, de vale em vale, constituindo os núcleos de raças sedentárias; o pastoril, que ainda hoje existe quasi imutável através toda a História, rebelde ao abandono da vida nómada, transportou para longe os sedentários e colonizou pouco a pouco o velho mundo. As indústrias primitivas, do vestuário, da alimentação, da habitação, da luta, das artes, foram-se desenvolvendo entre uns e outros com as novas necessidades e os novos elementos de que dispunham. Ao mesmo

tempo, pelo conhecimento da situação dos produtos e das necessidades locais, em harmonia com a sua tendência para a fácil aquisição das coisas, percorrendo as planícies e planaltos herbosos e as estepes desérticas iam os pastores exercendo a função de comerciantes. O desenvolvimento do comércio promoveu maior raio de acção dos nómadas e uma maior especialização dos produtores, actuando por essa forma na diferenciação das aptidões humanas. Começou a exploração dos minérios e a sua utilização em regiões onde êles eram desconhecidos até aí. Nos mais remotos tempos do Egipto, encontram-se admiráveis sílex, afiados com perfeição inexcedível. Esta História, velha de 10.000 anos, e as da Susiana, Ninive e Babilónia, mostram a humanidade já então imensamente industriosa.

Os mares de então eram os desertos, e os seus navios eram os camelos. As grandes estradas percorridas por estes, recebiam também as mercadorias trazidas das montanhas e dos vales, sobre o dorso de toda a espécie de animais, grandes e pequenos. A navegação dos desertos e das estepes guardava os seus segredos com ciúme. Em defesa dos seus monopólios era cruel nas rivalidades, de que a História descreve os golpes de surpresa e de fôrça e os castigos contra tentativas de emancipação dos povos sedentários dominados. Servidos muito embora pela acção comercial das caravanas, viviam estes sob um duplo domínio político e religioso, subjugados na matéria e no espírito.

Os caravaneiros criaram contudo civilizações brilhantes, com embriões de serviços públicos e de funções sociais. Dedicaram-se a obras públicas importantes, correspondentes aos portos marítimos do nosso tempo, criando artificialmente grandes oásis, centros agrícolas famosos, como os jardins de Babilónia, as irrigações do Egipto, os poços de Nedjed, e tantas maravilhas que conhecemos. Caldea, Assíria, Babilónia, Egipto, são nomes venerados de quem faz justiça aos povos e aos tempos. Nem as suas crueldades eram piores do que as dos modernos, nem eram bem diferentes. Os alemães, levando da Bélgica e do norte da França, da Sérvia e da Polónia as máquinas industriais, a população, os alimentos, repetem a História e nada mais. Os caravaneiros arrasavam as cidades e os centros de comércio, a fim de desviar para os seus territórios o tráfego dos concorrentes. Quando assistimos, há tantos anos, sem protesto efectivo, à destruição sistemática, em massa, da população da Arménia, pelos bárba-

ros turcomanos e kurdos, compreendemos o que se passava em todos os períodos da História, entre os avós de uns e outros, sedentários aqueles, nómadas estes!

Neste fenómeno, tão persistente e tão antigo, encontramos a explicação do mais importante progresso da humanidade! é a formação gradual de um novo, e terceiro, tipo social, o tipo marítimo dos mediterrâneos. A necessidade é a mãe da indústria, e horrores como aqueles levaram as tribus sedentárias a refugiar-se em terrenos marginaes do Mar Negro, rodeados de montanhas de difícil passagem. Isolados de todas as estepes, defendidos por desfiladeiros de fácil defesa, se por isso constituíam refúgio, criavam por outro lado condições de vida necessitando mais esforço e mais indústria. Tinham gados, pastos, florestas e frutos, pedra, rios e enseadas. Tinham também os metais e o ouro nas areias dos rios onde se lavavam os velos a que a tradição chamou «tosão de ouro». O homem, impellido para o mar, aprendeu a navegar ao longo da costa, criando colónias, aqui e ali, em condições semelhantes, e conservando entre elas o parentesco e as relações que se notam nas tradições dos pelágios, helenos, argonautas, troianos, fenícios, egípcios do Delta, etrúrios, cartagineses, etc., e que chegam até à nossa Ulissipo.

Os melhores exemplares desse tipo foram as cidades da Fenícia, o Delta, Cartago, Veneza e as cidades hanseáticas, testas das linhas de caravanas terrestres, combinando assim o papel delas com o seu próprio, que era o de distribuidoras marítimas e industriais centros de manufacturas, de artes e de sciência. A Grécia, Siracusa, Lisboa e as inúmeras colónias gregas e fenícias, foram menos propiciamente situadas e mais exclusivamente marítimas.

As violências renasceram incessantes no mar, como o eram em terra. O segrêdo, a rivalidade armada, eram inseparáveis da vida comercial de então, bem como a pirataria, comparável aos bandidos do deserto. A luta pela posse incontestada de caminhos e monopólios, revestiu em todos os tempos um carácter violento até ao aparecimento do tipo social particularista que veremos mais adiante. A própria Roma, abrangeu tudo sob a sua acção policiadora, sem alterar essencialmente aquela tendência social. Emquanto dominou o tipo inicial de famílias latinas agrícolas, independentes, quasi particularistas na sua semelhança aos camponeses anglo-saxónios, pôde a sua influência estabelecer a or-

dem, fomentando o trabalho e policiando os caminhos, mas a multidão dos comunitários a quem as liberdades políticas deram mais tarde foros de cidadão, subverteu a ordem e apagou o tipo.

As lutas de Roma e Cartago reproduzem-se na actualidade presente. Roma quis fazer o que a França hoje faz mas, destruída Cartago, deslocou-se a situação dos entrepostos e testas das caravanas que percorriam, e percorrem, os desertos africanos. Desfeito êsse poder inimigo procurou constituir, sob a protecção de uma ocupação militar, a vida agrícola das tribus Kabilas e Berberes, mais ou menos sedentárias. Com a retirada das hostes voltou, porém, a tirania dos nómadas caravaneiros, identificados com os indígenas. Há em África, de muitos séculos, um triângulo de caminhos do deserto, com étapes e refúgios, conhecidos e dominados pelos Touaregs e outros, organizados religiosamente, indo da costa norte ao ocidente e ao oriente e com base na região central, compreendendo o Soldão. Para se fazer idéa da importância dêstes caminhos basta descrever o que se passa em uma das suas cidades comerciais, povoada de cem mil almas, e onde veem anualmente dois milhões de homens de toda a África a tratar transacções de comércio e indústria. Chamam-lhe, creio eu, Kano, e avaliam o seu comércio em mais de trezentos milhões de francos por ano, só em produtos das suas manufacturas, algodões, tinturaria, vestuário, peles, sapatos e sandálias. A noz da cola, usada em todo o centro africano como nós usamos o café e o chá, constitui, só por si, um comércio enorme, e os escravos, sobretudo em tempos idos, davam um rendimento fabuloso. Tal era, e é, um dos tesouros mais cobiçados pelas grandes potências. Lá estavam antes da guerra, frente a frente, a Inglaterra, a França e a Alemanha. Um dos vértices dêsse triângulo era a Abissínia do nosso Preste João. A permuta de tais e outras riquezas com as da Ásia, explica as maravilhas dos antigos impérios africanos e a epopeia de Portugal.

Estes caminhos levavam, pela Arábia via Mar Vermelho e Abissínia, e pelo Egipto via Suez, seguindo as estepes desérticas e as linhas de oásis, aos caminhos centrais da Ásia, artérias máximas de todo o comércio, pela Pérsia, Mesopotâmia e Afghani-tan, etc., onde convergiam igualmente os caminhos do norte, levando a Nijni Novgorod, Moscou, Báltico e Mar do Norte. A Rússia, desveladamente, auxilia Nijni, fazendo construções apropriadas para quatro mil lojas onde se encontram os duzentos mil

comerciantes, ingleses, alemães, escandinavos, holandeses, russos e asiáticos, que vão, em Julho e Agosto, comprar e vender, nas mais colossais quantidades, tudo que os dois continentes produzem. Lá se fazem hoje os grandes contratos de cereais, de chá, de metais, de peles, etc. Êste era a artéria da riqueza do norte e centro da Europa e dos portos Hanseáticos.

Entretanto a Porta, como hoje chamamos à antiga Bizâncio, era realmente a porta dos caminhos directos entre a Ásia e o sul da Europa e por Roma foi escolhida como centro de defesa contra a invasão vinda do oriente. Ali se deu a mistura sedentária, moral e intelectual, entre os dois continentes que os caminhos desérticos do norte e sul conservavam apartados.

Em Portugal sabia-se de tudo isso. A navegação de cabotagem, à qual as costas portuguesas eram propícias, trazia aqui gentes de todos os países. Aos portugueses coube a função de transformar em grande navegação o que não passara ainda de cautelosas viagens de pôrto em pôrto. O maior dos portugueses, pelas suas qualidades de tenacidade no amor pátrio, Pero da Covilhã, em 18 anos de cativo, amigoso e dourado, nas terras do Preste João, reuniu e fez chegar às mãos do seu Rei, os informes necessários para a emprêsa da viagem em redor da África. O propósito era buscar do extremo oriente e de África, pela via marítima, tudo que de lá costumava vir pelas vias terrestres acima mencionadas e levar essas mercadorias aos mercados da Europa central em concorrência com aquelas. A obra portuguesa sofreu porêm do mesmo mal de que sofrera a romana. Uma e outra foram períodos de fusão e de transformação. Portugal foi guiado por particularistas durante a primeira dinastia, desenvolvendo com bons elementos a sua agricultura e as suas construções navais e conservando, até meio da segunda, uma certa vida particularista, a breve trecho abafada e submersa na anarquia social, própria de comunitários desorganizados da sua constituição em famílias patriarcais fortemente constituídas, às quais é impossível gerar o sólido individualismo das particularistas.

Encontraram-se, em Bruges primeiro e Antuérpia depois, os grandes interesses antagónicos e Portugal foi vencido. As sociedades *particularistas*, baseadas sobre populações agrícolas fortemente organizadas, como eram as anglo-saxónias, trenadas pelos séculos na labuta tenaz e sólidamente empreendedoras, indivíduo por indivíduo, facilmente deslocaram os adventícios, he-

róicos muito embora, que de Portugal se tinham abalançado a uma empresa descompassada com as suas forças. Perdida a via do Cabo e dada à Inglaterra Bombaim, os *comunitários* desorganizados portugueses cederam o passo aos *particularistas* britânicos. Facto novo porê[m] na História, ambos souberam compreender as suas qualidades complementares e conservar a amizade recíproca. Não se perde nada em dizer as verdades que bom seria fôsem pesadas e aproveitadas, compensando as deficiências dos dois tipos, pois que ambos as teem, como veremos adiante.

## II

### A HEGEMONIA INGLESA. OS SEUS CONCORRENTES. A GUERRA. A PAZ.

Entra aqui a consideração de um 4.º tipo social novo, a que me tenho referido, mas que ainda não expliquei, reservando a sua descrição para o momento da sua entrada em scena, que é agora. Êsse tipo social, espalhado nos países escandinavos, britânicos, flamengos, germânicos e no norte da França, é chamado *particularista* por opposição aos tipos *comunitários*, à história dos quais temos assistido até aqui, no estado mais ou menos desorganizado. Particularista é a sociedade humana em que o indivíduo tem realmente, de por si, as qualidades necessárias para o governo de si próprio e para o exercício da sua iniciativa, sólida-mente educada em espírito de independência e de respeito mútuo entre os indivíduos. Semelhantes sociedades não teem, até hoje, abandonado ao Estado outras funções senão aquelas a que a iniciativa particular não basta. A história das suas instituições segue-se claramente e acompanha passo a passo a evolução dos indivíduos e as recíprocas repercussões entre estes e as circunstâncias. Não deixam nelas vestígio duradouro as influências estranhas. O tipo não se altera, embora o indivíduo procure e obtenha a adaptação a condições novas de vida e trabalho. A independência dêste tipo consiste mais em nada pedir aos outros e achar, por si, a solução das dificuldades, do que em pretender o direito a que a nação o sustente. O *particularista* nada pede à comunidade, parece ocupar-se dela pouco e concentra todo o seu esforço em vencer as dificuldades da sua própria vida, sem bulir na dos outros.

O *comunitário*, inversamente, muito menos activo, procurando a aparência da novidade, fugindo ao esforço próprio para se encostar ao alheio, fala e agita-se muito, em prol da colectividade, sacrificando a, numa agitação estéril em vez de tratar simplesmente de se sustentar, a si. O comunitário é descendente directo de povos patriarcais. Desde os tipos simples e fortes da Índia, e da China, até aos russos, italianos, espanhóis, portugueses, gregos, e seus descendentes, há uma variedade enorme de comunitários arrancados por influências exteriores à simplicidade que lhes seria necessária e *à qual não podem regressar*.

O *particularista* cultiva a educação uniforme do carácter individual, o utilitarismo, o espírito de justiça, a concentração da atenção e da vontade, a discreção e a simplicidade. O *comunitário* ama o sonho, a manifestação exterior, a dispersão da atenção, a incerteza, a variedade, o dogma, a violência. Aquele criou o protestantismo, êste o excessivo temor do inferno (na crença) e o pedante livre-pensamento (na descrença).

Os dois tipos sociais, reforçaram as suas tendências em direcções opostas, durante os séculos XVIII e XIX, sob a acção progressiva do primeiro, que transformou a indústria humana, tirando-a da sua organização caseira, local e limitada para os grandes centros da mecânica especializada. Os ingleses, senhores da máquina a vapor, do gás de iluminação, do caminho de ferro, dos fusos e teares automáticos, do algodão e da lã, do carvão, do ferro, de que tinham quasi um monopólio natural, apurado e reforçado o seu tipo social pelas circunstâncias anteriores do seu isolamento insular, tinham rompido definitivamente êste, apoderando-se das colónias da Espanha, da França, da Holanda organizando-as à sua maneira. Os seus viajantes e exploradores foram a toda a parte. Os seus navios a vapor, de ferro e cobre, tomaram todos os caminhos, Gibraltar, o Cabo, Malta, Suez, a Índia. A sua influência transformou o mundo, que êles, tendo o educado, julgavam poder conservar aberto à livre concorrência.

A acumulação de riqueza e bem estar, desenvolveu o «gentleman» reforçado pela educação da lialdade nos «sports» e juntamente o «home» e o livre-câmbio ou «free-trade». A sua finança e navegação, deram-lhe a hegemonia do mundo e uma confiança excessiva na sua segurança, ao mesmo tempo que se desenvolviam as nações que ela educara. Protegeram estas as suas fronteiras por meio de pautas, mas a Inglaterra não se importava por-

que lhes transportava as mercadorias, auferindo bons rendimentos em fretes. Infiltravam-se elas na sua vida económica, pouco a pouco, fornecendo-lhe todas as coisas a que a sua actividade se não dedicava e penetrando, dia a dia, no mais íntimo das fontes da sua existência. Mas a tudo isso ela ficava indiferente, disfrutando a sua riqueza, gozando a vida e abandonando a outros as tarefas mais ingratas, ao mesmo tempo que se acentuava o seu espírito individualista e livre, até ao excesso. Do século XIX para o XX perdia a base científica e a sua velha iniciativa, sufocada em organizações industriais e operárias tendentes a manter a rotina assim como a transformação de todas as suas empresas em sociedades anónimas, por acções.

Uma nação apenas a ameaçava, a Alemanha, que, sob a direcção de classes organizadoras, com os recursos do Estado e do seu poder militar violava as leis da concorrência lial, tais como o particularista britânico as considerava. O que a Grã-Bretanha não admitia, e não admitirá no futuro, era que os artigos alemães se vendessem com marcas britânicas; que se levassem aos mercados, por preços momentaneamente inferiores aos de fabrico, a fim de arruinar a concorrência dos seus; que os navios alemães recebessem do Estado os subsídios necessários para vencer as companhias britânicas; que a Alemanha monopolizasse matérias primas e indústrias indispensáveis.

Qual a razão essencial dessa rivalidade sómente o exame do tipo social alemão nos poderá revelar.

Para reconstituir sociedades comunitárias é indispensável uma prolongada educação, acompanhada de condições excelentes para o desenvolvimento material. Então, no sossêgo de espírito que a abundância produz, e sob a guia apropriada da influência de elementos particularistas, póde reconstituir-se a sua felicidade. Tal é o caso da Itália moderna, da França, e actualmente da Espanha, e a acção da Inglaterra na Índia, no Egipto, na África do Sul.

Tal é, sobretudo interessante para êste ensaio, a organização dos povos alemães, entre os quais muitos comunitários existem, sob a influência organizadora da parte particularista da população.

Reconstituíram sôbre bases comunitárias sólidas, a organização das classes médias profissionais e fundaram todos os seus esforços num propósito nacional, em comum. O seu carac-



ter é manifestamente oposto ao dos seus inimigos, embora parentes, britânicos particularistas estremes. Todos os recursos materiais e morais, circunscritos à utilização a bem da sua nação, exagerada essa idea por uma disciplina militar de um absolutismo comunitário excessivo, formam essa civilização alemã a que chamam «kultur». Tendo em 1870 tirado à França as minas de ferro da Alsácia-Lorena, tornaram em poucos anos dobrada das Ilhas Britânicas a sua produção de ferro e aço. As principais indústrias alemãs, antes da guerra batiam as inglêsas. A produção de cada operário era, em média, três vezes superior à do inglês, destituído de boa organização, de boa ferramenta, de capitais adaptáveis, etc. As economias do povo alemão cresciam três vezes mais rapidamente do que as inglêsas. Aquele apoderava-se, em todo o mundo, e mesmo em território britânico, das matérias primas, das chaves das indústrias essenciais, como a tintuaria, a óptica, o tungsténio etc., e infiltrava-se em toda a economia mundial.

Infelizmente para o Império Alemão, ao contrário dos «particularistas» do «free-trade» britânico tinham os alemães a fraqueza inicial comunitária. Desejavam dominar pela fôrça como os caravaneiros do deserto. Como os invasores de outras eras, lançaram-se sôbre as riquezas alheias, reabrindo, pela violação da Bélgica e assenhoreamento de Antuérpia e Zeebrugge, todas as questões clássicas das lutas humanas.

Chamaram a si a Bulgária e a Porta para dominar o Ponteu-xino, Suez, a Pérsia, a Arábia, o Afghanistan, estendendo a sua intriga até à Índia, e sublevar o fanatismo do Maometano, nómada das comunidades religiosas, armadas, Beduínas e outras, dominadoras dos caminhos tradicionais.

Entretanto os aliados apoderavam-se de todo o centro africano e contrabatiam os inimigos pelo Cáucaso, pelo Gôlfo Pérsico, pela costa Arábica, promovendo entre os árabes a sublevação contra a autoridade da Porta e dando-lhes armas para conquistarem Meca e Medina, suas terras santas.

Defender princípios e direitos, está no ânimo de muitos mas os factos, de que a História dará conta, são de natureza bem material. A luta é pela posse das chaves do comércio. As nações estão armadas, mas, paralizzando-as em terra, dirige a Alemanha os seus ataques contra toda a navegação, indistintamente, aliada ou neutral, pretendendo dominar os caminhos do comércio

marítimo. Ao mesmo tempo os aliados procuram entender-se para a luta contra a concorrência inimiga depois da guerra, enquanto a Alemanha prepara, com uma nova marinha mercante a invasão dos mercados neutrais.

Êsses são os factos que a História registrará. O desrespeito que a Alemanha manifestou pela fé dos tratados, violando a Bélgica, e a velha e persistente absorção, pela Áustria, dos estados balcânicos, em caminho para o mar Egeu e para a Porta e Gôlfo Pérsico, via Bagdad, constituem os insuperáveis obstáculos ao entendimento sugerido pelo presidente Wilson e desejado por muitos neutrais, com a simpatia da humanidade em geral. Aos particularistas e aos latinos sonhadores, seus complementares, e seus aliados, agradaria um entendimento que lhes garantisse uma paz duradoira. Aqueles encontrariam nela a garantia do livre exercício das suas grandes qualidades como organizadores de transportes, finanças, comércio e indústria; estes lançar-se-iam na *colaboração económica* com aqueles que a guerra lhes mostrou ser *possível, necessária e honrosa*. Aos neutrais, e sobretudo aos americanos, receptores de todas as energias, desligados dos preconceitos das nacionalidades europeias, conviria o mesmo entendimento. A êsse futuro, certo e talvez próximo, opõe-se, porém, a suspeita da má fé inimiga, baseada sobre os factos a que me refiro.

As condições de uma paz duradoira hão-de forçosamente incluir o espírito de colaboração entre todas as aptidões económicas dos povos. Essa necessidade abre fatalmente uma brecha formidável na velha concepção das nacionalidades europeias. A transformação é impossível enquanto o militarismo germânico, fôrça máxima de uma comunidade organizada, não tiver sido vencido.

Depois teremos os povos novamente em concorrência económica mas muito diversa da anterior à guerra. Duas grandes nações industriais entram agora em liça — os Estados Unidos e o Canadá — às quais a guerra tem dado ensejo a um desenvolvimento industrial enorme, desproporcionado com as necessidades dos seus mercados internos e portanto desejosos de encontrar mercados exteriores. Estas nações entendem-se muito bem economicamente e formam um bloco particularista poderoso. A Espanha, a Rússia, a França, o Japão, a Itália, teem dado um grande desenvolvimento às suas oficinas de guerra que, na paz, se trans-

formarão em indústrias usuais. No Reino Unido há duas correntes de opiniões extremas. Os livre-cambistas empenham-se em conservar a independência das liberdades individuais com respeito ao poder do Estado, embora êste coordene os esforços particularistas em um paralelismo comum. Os protecionistas querem pautas aduaneiras, auxílios do Estado a certas indústrias, etc. O bom senso, comum a uns e outros, leva-os a estudar urgentemente as maneiras de vencer, pela iniciativa particular, facilitada e ajudada pelo Estado, o que diz respeito às matérias primas essenciais às suas indústrias, à educação científica e técnica, aos bancos de fomento comercial, à fusão da marinha em colossais companhias, aos entendimentos entre patrões e operários para melhoramento das condições do trabalho e introdução de melhores métodos e de maquinismos automáticos de grande rendimento, ao desenvolvimento agrícola, etc.

Pode acreditar-se que as mesmas causas de decadência que actuaram sôbre os impérios comerciais do passado, quando se deslocaram os caminhos, venham actuar também agora sôbre o colosso inglês. Mas a Inglaterra tem outras fontes de riqueza e outras bases de energia. Com um rendimento anual de 250 milhões de libras, em juros de capitais empregados no estrangeiro, e cêrca de outro tanto em fretes marítimos; com a sua enorme exportação de carvão e de algumas das suas manufacturas muito especiais e tradicionais, parece necessária a continuação do liberalismo, sem prejuízo de proteger certas indústrias essenciais, como a tinturaria, a óptica, as químicas, os metais, para a segurança económica nacional, e as necessárias para a segurança militar, assim como de fomentar as que possam desenvolver-se, incluindo as da agricultura.

Para as indústrias miúdas não teem os inglêses geito, e para as que transformam matérias primas existentes em países habitáveis, não me parece haver futuro nas ilhas britânicas, exceptuando aquelas que tiverem por fim a alimentação de gente ou de gado. Para o resto irão êles próprios estabelecer-se onde convier, beneficiando assim as respectivas regiões. Provavelmente os norte-americanos seguirão o mesmo caminho.

Vai certamente haver uma grande emigração de inglêses e alemães para os países onde há matérias primas a valorizar e indústrias a criar. A transformação económica do mundo, começada no século passado pelos inglêses, dando a todos, Alemanha in-

clusa, engenheiros, máquinas, educação, ideas, caminhos de ferro, portos, fábricas de gás, etc., vai acelerar a sua marcha.

A navegação e as construções navais dos países neutrais ameaçam a marinha inglesa de uma concorrência perigosa para o seu predomínio e principalmente no caso, improvável, de a Inglaterra recusar os fretes de mercadorias alemãs depois da guerra. Digo que é improvável porque decerto os ingleses não pensam no suicídio e sabem que, antes da guerra, o seu comércio com a Alemanha atingia 183 milhões de libras por ano. Basta aos armadores o grande prejuízo actual. Dos 23 mil navios ingleses sómente um terço auferem actualmente os elevados lucros dos fretes livres. Dois terços trabalham para o Estado, fretados por baixo preço. Os estaleiros ingleses não estão produzindo um quarto do que produziam e são excedidos pelos americanos. Os neutrais, acumulando capitais enormes, desenvolvem por toda a parte as suas construções! As compras de navios e fusões de companhias fazem-se a preços tais que agravam as dificuldades.

Os enormes capitais acumulados em ouro nos Estados Unidos, no Japão, no Canadá, na Suécia, Noruega e Holanda, em Espanha, deslocando o centro de gravidade da finança britânica, promoverão uma dispersão de interesses em cata da sua remuneração, criando bancos, emprêsas, empréstimos, que não víamos até aqui, e procurando valorizar territórios até agora descurados.

Tudo isso tem para nós, portugueses e brasileiros, a maior importância na valorização das grandes regiões ainda inexploradas e na venda e transporte das nossas mercadorias. Devemos estar preparados para as valorizar em proveito e com o trabalho da nossa enérgica população. Êrro seria porêem se encarássemos o problema sem considerar os tipos sociais das nossas raças, procedendo consoante a êles, sem mais, nem menos. Imitar simplesmente os outros é perder tempo e dinheiro.

A propósito vem responder ao apêlo angustioso do ilustre conferente Malheiro Dias, quando aponta os perigos que para a desnacionalização brasileira veem da falta de colonos agrícolas de origem portuguesa. O caso é realmente gravíssimo. No decorrer dêste ensaio vimos quão necessária é a uma nacionalidade a base de uma população agrícola forte e da mesma raça. Da consideração do tipo comunitário fácil nos será compreender que não há possibilidade de criar essa colonização com indivíduos desgarrados da população, um a um, como são os que emigram

de Portugal para o Brasil. Uma maneira só, uma só, existe para os fixar em massas que resistam à absorção desnacionalizadora. Essa maneira é: organizar a emigração em famílias inteiras, em aldeias mesmo, como faz a Rússia para povoar as suas províncias asiáticas. Sob a direcção dos Estados ou de grandes companhias, guiando a educação, as culturas iniciais, o comércio dos produtos, a organização dos transportes, o resultado é certo.

Este artigo explica o fundamento do Instituto Anglo-Português, que é necessário para estudo dos problemas e apoio na sua execução.

JOSÉ DE MATOS BRAAMCAMP.

# O meu entêrro

*Ao Sr. Dr. Bernardino Machado*

Toda a minha aspiração fôra chegar, um dia! a senhor de uma grande fortuna, para assim dispôr dos homens e das coisas como os criadores de gado das suas melhores raças, dos bons exemplares que expõem nos concursos, com o nome do proprietário e o prêmio em letreiros bem legíveis.

Ah! Não sei se os senhores fazem ideia do que é ter-se um objectivo na vida! Se por acaso o ignoram, devem talvez ser felizes: e é escusado tentar explicar-lho.

A minha pobre mocidade, passei-a sufocada, tratada à bruta. E enquanto as almas simples, bem constituídas, dos meus vizinhos — os companheiros das bancadas das escolas, sujas, cheias de iniciais e nomes tôscamente gravados a canivete, os mesmos que mais tarde se lêem nos mausoléus das celebridades, sôbre as ossadas dos homens de sciência e dos grandes comerciantes, — envelheciam vulgar, normalmente, como deve ser, passando por cima das tragédias dos interêsses, das misérias e das paixões, sem as compreenderem, eu comprazia-me na sua análise, que tantas, tantas vezes, me deixava descrever do aperfeiçoamento do animal por excelência pérfido e egoísta, que na luta pela vida tem, como nenhum outro, o direito da astúcia a vencer o da fôrça.

Os senhores sabem lá o que é levarem-se dias e dias, meses e meses, anos e lustros, duma existência que em média se vai reduzindo a cada vez menos de meio século, sonhando, pensando,

vivendo para um fim exclusivo, numa febre contínua, em que a sede, como no alcoólico, não se acalma, senão para continuar, mais intensa e irresistível?

Oh! Oh!... — mas para que estamos nós a incomodar-nos com estas coisas tão agrestes?!...

\* \* \*

Apenas lhes direi, com efeito, que um dia, vi a minha velha ânsia realizada, e dum momento para o outro. Como? não tem importância. Em que extensão? Oh! — largamente.

Um facto, confesso, me torturara, porque me parecia vê-lo confirmar-se quase sempre: — a não ser nas pequenas audácias, ao serviço das vontades de aço, como o gume das espadas, o fiel das balanças e o ferro das balas modernas, — raros vêem efectivarem-se as suas grandes ambições.

Jesus, sonhando uma religião pura, que santificasse o homem, conseguiu morrer crucificado, entre o bom e o mau ladrão. Se tem vindo um pouco mais tarde, não encontraria bons ladrões, e talvez levasse menos saúdaes de Santa Maria de Magdala.

César, ao desculpar a animosidade estóica daquele Marco Júnio Bruto, que passava por seu filho e que, em Filipos, ao lançar-se sobre o gládio, descobriu que a virtude não passa de uma palavra; nas vésperas de cingir a insígnia da soberania, que um oráculo complacente, como a opinião é sempre para os fortes, lhe profetizára, ao revelar que os inimigos do povo romano sómente seriam vencidos por um rei; em vez do scetro, com a ultima corôa, a do martírio, adquire mais um conhecimento importante — da ingratidão humana.

Napoleão, em vez de se assentar no trono da Europa, a que tinham provado direitos, sómente porque Grouchy não quis chegar mais cedo que Blücher, foi passear a agonia sobre os rochedos de Santa Helena, a olhar vagamente o Oceano, sem dúvida com melancolia bem diferente da incubação do 18 de Brumario, quando largou por conta própria da Alexandria para Paris, antes do Directório, antes do Consulado, antes de ser o imperador da França e dos reis, o Imperador dos imperadores.

Pois eu fui mais feliz!

Um dia, uma manhã de inverno — lembro-me perfeitamente! — estava eu ainda na cama a ler no *carnet mondain* o casamento do meu colega Cunha, — recebi uma carta registada, tarjada de

luto, de um país que eu apenas conhecia por tradição, das estampilhas do meu álbum que tivera em criança, dos mapas, da geografia de instrução primária e do meu 4.º ano dos liceus.

Era uma epistola do notário de um meu tio chamado Joaquim, que eu supunha já falecido, e que ao morrer agora realmente, de facto, na qualidade de único sobrinho, me considerava seu universal herdeiro, — deixando-me ao mesmo tempo uma importante soma de conselhos morais e comerciais (que no tráfico deverão representar as sedições máximas políticas do velho Maquiavel) e que eu ainda não cheguei a ler, embora talvez um dia venha a publicar, se não preferir legá-los piamente à laboriosa associação dos lojistas da minha aldeia.

\*  
\* \*

Ainda hoje não sei ao certo quantos milhões tenho. A milhões se referem com efeito os nossos lucros anuais. E devido à extensão dos ramos do nosso comércio, nunca tivemos déficit. O dinheiro, como a água dos rios, corre para o mar. — O mar aqui somos nós.

Talvez vóssemecês estivessem à espera que eu lhes contasse como, e em quê, realizei os primeiros caprichos da minha velha sêde, saciada como se houvera bebido na corrente mais límpida e tranqüila.

Apenas lhes direi, pedindo desculpa de ser tão reservado, que nessas coisas não se deve dar muita importância ao próximo. — Eis a primeira consequência da situação privilegiada e excepcional, a que meu tio Joaquim, dum momento para o outro, me elevou.

Pobre Tio! Subiste de marçano a milionário: trabalhaste certamente que nem um moiro, e roubaste que nem um vigarista, coitado! Mas por mais que me esforce, — e isso sucede-me hoje mesmo, depois do meu entêrro — apesar de toda a minha boa vontade, não consigo chorar nem uma lágrima sequer, de homenagem ao teu passamento! . . .

Com efeito! . . . Quando considero o meu tio Joaquim, não sei porquê! — mistério! — aparece-me como uma espécie de mera entidade mitológica, tal como Pigmalião, como Cresos ou Xenofonte.

Só posso julgá-lo a sangue frio; e, por amor da verdade e em honra dos meus bons sentimentos (que não obstante conser-



vei, mesmo através da agradável convivência de V. Ex.<sup>as</sup>) quero confessar que não bendigo o seu fim, e acho mesmo que êsse homemzinho, sórdido e avarento, que sem dúvida acabou piolhoso como Sila, e a dieta, num dos seus oásis de trinta e seis léguas quadradas na América, onde êle cultivava a escravatura e a borracha, — morreu cedo de mais, e me devia ter deixado soborear — ao menos por mais algum tempo! — a minha fome e a minha esperança, o meu ideal, — a minha Ilusão! . . .

\*  
\* \*

Hoje tudo acabou.

Também não lhes vou ensinar como essas coisas são, e a gente se cansa e aborrece quando possuiu tudo o que na terra cobiou e pôde visionar, — e isso me sucedeu a mim.

Tive, — não digo as mulheres que amei — porque nós, os homens da nossa condição, desejamos o que temos em frente, e principalmente o que deixamos para trás, ao longe. . . Mordi os lábios carminados e beijei as gengivas como polpa de pêsego das meninas que me apeteceram.

Realizei todas as ambições mais ou menos baseadas na inveja que é fácil despertar na estupidez e mesquinaria infinitas dos nossos semelhantes.

Satisfiz completamente os apetites que a minha velha imaginação, cansada e sufocada, justamente desesperada, me inspirou.

Liquidei antigas contas e saciei os meus pequenos e grandes rancores — eu, outrora, quando era pobre sentia o fígado, enquanto hoje, sofro um pouco de tudo, — dizia o Dr. X., que, todavia, não sei se por causa da minha fortuna, me prometeu uma longa existência.

Reduzi à miséria os donos da minha vida anterior. Fiz rastejar na lama muitas reputações que de lá tinham vindo, e outras que não tinham vindo de lá e que só por isso me incomodavam.

Tive os primeiros prêmios em tudo que disputei, desde as corridas de cavalos e automóveis aos desafios de esgrima, desde as gincanas às academias e concursos científicos.

A velocidade já me aborrecia. As viagens irritavam-me. Tudo me era agreste. — Nem o sono me saciava!

Em procura de emoções fortes, lancei-me depois nas lutas políticas que exigem força e acção. Fui ministro várias vezes, tive o meu país na mão, e por um momento, dependeu de mim

a paz da velha Europa e talvez do mundo inteiro. Quando eu chegava, todos se curvavam. A oposição desfazia-se . . . Não havia cidadãos, mas apenas contínuos. Toda a gente concordava comigo! . . . Até na menor intriga, não conseguia apurar onde estava a verdade.

Fugi.

Um dia quis perder dinheiro. Meti-me nas mais disparatadas operações de bolsa e vi o sorriso de dó dos entendidos, (oh! o dó dos homens! . . .) quando os milhões do meu tio Joaquim estiveram a ir para o diabo que mos trouxe. — Mas onde eu queria perder, ganhava sempre.

Joguei. Numa noite de tédio, aproximei-me da roleta, e atirei aos montões de ouro para cima do pano verde. De todas as salas vinham ver como um arquimilionário estava a perder em Monte-Carlo, em cheques de milhões de libras, os seus latifúndios da América.

Pois quando eu ia, finalmente, voltar à antiga paz do meu viver, o número maldito em que eu lançara o último punhado do meu dinheiro, o duplo zero, repetiu seis vezes! E ao retirar de ali enojado, deixando aos proletários do vício a gorgeta das minhas paradas, ouvi proclamar ainda, como se fôsse o próprio Satanás a falar, o mesmo número, o meu!

Que estupidez! . . . Enfim — captei, obtive, ganhei, consegui, venci, dominei tudo o que quis.

Todavia, o vulgo chama a isto gozar e ser feliz. — Oh! deixem-me abrir a bôca.

*(Continua).*

A. M. RITA MARTINS.



## Inauguração do Museu e do Jardim-Escola João de Deus

---

A *Atlântida* não quer deixar de registrar, com o louvor devido, a inauguração do *Museu* e do *Jardim-Escola João de Deus*, realizada em Janeiro. Foi um grande acontecimento, em que a memória inesquecível de João de Deus foi exaltada com sincero fervor. A organização do Museu, assim como a instalação e orientação do Jardim-Escola, devem-se ao alto génio educativo de João de Deus Ramos, legítimo sucessor de seu glorioso Pai. O que representa o Jardim-Escola para a educação da infância portuguesa está há muito escrito, explicado e documentado para toda a gente culta, que sabe e quer amar o nosso país. É um serviço inestimável, que todos reconhecem, e que o próprio governo consagrou, fazendo-se representar na festa encantadora pelos ministros da instrução, das finanças e dos estrangeiros. Torna-se, porém, necessário insistir nas vantagens dessa bela instituição, única no seu género, o que a *Atlântida* fará brevemente. Hoje queremos apenas saudar o Dr. João de Deus Ramos, com a admiração que êle merece. E, já agora, notar também êste facto extraordinário: — pouco mais de um mês depois da inauguração do Jardim-Escola — tipo de escola absolutamente nacional, que já deu as suas provas em terras como Coimbra, Figueira da Foz e Alcobaça — a Câmara Municipal de Lisboa resolve estabe-

lecer aqui duas escolas do tipo Montessori! A *Allântida*, revista que sempre tem procurado seguir, esclarecer e auxiliar as correntes nacionalizadoras da vida portuguesa, não pode deixar de associar os dois factos, lamentando que os nossos edis não tenham uma mais clara consciência das fôrças, das necessidades e das exigências do país.

## Prefácio dum livro de versos

Poète! Prends ton luth et me donne un baiser.

ALFRED DE MUSSET. — *Les Nuits.*

*A minha Musa veio e disse-me : — «Poeta !  
Oh! deixa-me oscular a tua fronte inquieta,  
Vincada pela ruga enorme do cançasso.  
Depois manda mercar algum papel almaço,  
Passa a mão no cabelo inspiradoramente,  
Dá volta à fechadura, isola-te da gente  
E escreve, mandrião. Não quero que se diga  
Que chegaste à idade, em que o criar barriga  
É quasi obrigação, sem editar uns versos.  
Bem sei que tens alguns, que andam aí dispersos  
Escritos ao sabor duma improvisação ;  
Mas nunca foi por mal. Sem premeditação,  
De cigarro na bôca, à fresca sôbre a cama,  
Tangeste a tua lira em mangas de pyjama.  
Quem te vê cultivar as charnecas da prosa  
Supõe-te indiferente à brisa, à mariposa,  
A's tranças de Julieta e ao balcão de Elvira,  
Ao trovão que ribomba, à fonte que suspira,  
A' viração que passa, à haste que se inclina,  
A' estréla que desponta, ao astro que declina,  
Ao riso da mulher, ao drama da paixão,  
A' dôr de cotovelo, ao mal de coração,  
A' saúdade, ao olvido, às ânsias do precito,  
A' forte voz de Deus, ao rumor do Infinito,  
A tudo o que há mimoso e há de inspirador  
Dentro da Natureza e dentro dum amor,  
A tudo quanto é grande, a tudo o que é pequeno  
E calha bem em verso. O prosador sereno*

Que tens buscado ser tem-te prejudicado  
 No conceito geral. És mal considerado  
 Na República artista. Que diabo! Quem não faz  
 Ao menos um soneto e se mostra incapaz  
 De pôr numa quintilha uma banalidade  
 Nunca poderá ter uma imortalidade  
 Decente para usar nas ruas da cidade.  
 Tem de se contentar, por pouco que lhe apraza,  
 Com uma glória vulgar, das de trazer por casa.  
 A prosa qualquer faz. Fazia-a sem saber  
 O tal senhor Jourdain. Bem sei... Vais-me dizer  
 Que na prosa... Ora adeus! Não passas dum pateta  
 Com êsse teu pudor de ser um mau poeta.  
 Precisamos — e já! — coligir um poema,  
 Levá-lo ao Editor, resolver o problema  
 De te impor's finalmente à geração que passa  
 Como um supremo vate, orgulho desta raça.  
 Não te falta o Talento e sabes bem que não  
 Consegue ser-te esquiva a Metrificação.  
 O verso sai-te claro, airoso e bem medido.  
 Profundo no conceito ou largo no sentido  
 Caminha sempre altivo, assente sôbre os pés...»<sup>(1)</sup>  
 Eu nisto interrompi: — «Ó Musa! Por quem és...»  
 — «Não, senhor. É verdade. Escusas de còrar»,  
 Disse-me ela, beijando outra vez devagar  
 Minha fronte escaldando em fogos de modéstia.  
 — «Estás longe de ser um qualquer Zé da véstia  
 E, ao par que a cada passo eu vejo por i tantos  
 Fazendo poesia à sôlta pelos cantos  
 Sem médo duma multa e cheios duma audácia  
 Que chega a confundir a gente mais acácia,  
 Tu não ousas tanger essa tua harpa eólia?  
 Maldita timidez... Ó meu poeta, engole-a.  
 Recordo-me que tu, aí pelos vinte anos,  
 Na era em que o Amor floresce em desenganos  
 Tal qual em pleno Abril florescem roseirais,  
 Tiveste umas paixões, umas paixões fatais.  
 Choraste — bem me lembro — umas madeixas pretas...

<sup>1</sup> Chamo a atenção da Crítica para este trocadilho.

*D'aí louras talvez... e guardas nas gavetas  
 O pranto literário, ingénuo e trabalhado  
 Que derramaste então em muito verso errado.  
 Nós vamos escavar, os dois de sociedade,  
 Nos floridos covais da tua mocidade  
 E poremos de pé, à luz do sangue frio,  
 Os fantasmas gentis de tudo o que partiu  
 Para aquela região da qual nunca se volta,  
 Que se chama o Passado e nos traz a revolta  
 Quando nos não inspira acaso uma saúdade.  
 Nós vamos trabalhar. Vá lá. Põe-te à vontade.  
 Acende o teu cigarro. Entrega-me o caderno  
 Onde tu anotaste o teu pequeno inferno  
 E que escondeste há muito, além, naquele armário,  
 Que parece um baú, sendo afinal sacrário.»  
 Submisso fui buscar, um pouco envergonhado,  
 Meus versos de rapaz, as sombras do Passado,  
 — O que deixei de ler e o que ninguém já lê —  
 E disse à minha Musa: — «O' Musa! Para quê?...»  
 Mas ela, num repente, um tanto autoritária,  
 Respondeu-me, indicando a minha secretária:  
 — «Faz êsse grande esforço agora que to peço.  
 Espera-te o triunfo, aguarda-te o sucesso...  
 São quarenta edições certinhas, meu amigo, <sup>(1)</sup>  
 Vamos lá! Ao trabalho! Escreve o que eu te digo...»  
 Então, como Musset, tomei a minha lira  
 E tudo o que esquecera e tudo o que sentira  
 Há tanto tempo, outrora, a minha Musa o disse.  
 Ouvi a sua voz, unvida de meiguice,  
 Repetir-me em soneto, em quadra ou em oitava,  
 Tudo quanto em meu peito amortalhado estava.  
 De tudo tomei nota e tudo aqui transcrevo.  
 E, dadas as razões, que ao meu leitor eu devo  
 Da brusca aparição dêste novo Evangelho,  
 Meu amigo, aqui o tens. Disfruta-me, meu velho...*

Novembro, 1916.

ANDRÉ BRUN.

(Das *Almas dum outro mundo*, a sair por estes dias)

<sup>1</sup> Exagêro em que eu próprio não acredito.



# Contos a uma rapariga loira



## I

### NOITE DE NÚPCIAS

*No dia do casamento de M.ette LILLI. O quarto de solteira, estilo inglês, seda verde-malva, lacas brancas. LILI, de noiva, põe ao espelho as únicas jóias que leva: duas pérolas nas orelhas. É uma rapariga de 18 anos, engraçada, viva, um pouco masculina, uma pele admirável como um esmalte côr de rosa, um pequenino nariz autoritário, quási loira, quási infantil, quási bonita. A MÃE, calçando as luvas, assentada num «couch-corner», segue-lhe os movimentos, com os olhos vermelhos de chorar.*

A MÃE. — Lili. . .

LILI. — Mamã.

A MÃE. — Precisamos de ter uma grande conversa, as duas.

LILI. — Pois sim, mamã.

A MÃE. — Quero que me oiças, muito a sério, antes de irmos para a igreja.

LILI. — A carruagem já aí está, mamã.

A MÃE. — Falta meia hora. Temos tempo.

LILI. — Ficam-me bem as suas pérolas?

A MÃE. — Estás um amor!

LILI. — Pareço-me consigo. . .

*Beijam-se. LILI senta-se no «couch-corner», junto da MÃE. Um silêncio.*

A MÃE. — Lili. . .

LILI. — Mamã.



A MÃE. — Quero repetir-te o que a tua avó me disse, no dia em que me casei.

LILI. — Há 18 anos?

A MÃE. — Há 19.

LILI. — E a mamã lembra-se ainda?

A MÃE. — O que as mães nos dizem nunca se esquece. Verás como te lembras, Lili, quando tiveres uma filha...

LILI. — Não tenho, mamã.

A MÃE. — Não tens?

LILI. — Não.

A MÃE. — Porquê?

LILI. — Já disse ao António que não queria.

A MÃE. — Isso não depende de nós, meu amor. Hás-de tê-la, se Nossa Senhora se lembrar de ti.

LILI. — Deus queira que se esqueça.

A MÃE. — É o nosso dever de esposas. Foi para isso que eu me casei. É para isso que tu te casas...

LILI. — É para isso que eu me caso?

A MÃE. — Pois é.

LILI. — Nunca ninguém me tinha dito nada.

A MÃE. — Digo-to eu agora, minha filha. Ontem eras ainda uma criança; amanhã serás já uma mulher...

LILI. — E hoje, que sou eu, mamã?

A MÃE. — Uma noiva.

LILI. — Que diferença faz?

A MÃE, *embaraçada*. — Pouca.

LILI. — A avó não lhe disse?

A MÃE. — Não. São coisas que a inocência não entende, minha filha.

LILI. — A mamã entendeu?

A MÃE. — E tu hás-de entender também, quando o teu marido te disser, ao ouvido, um segrêdo que nunca mais se esquece...

LILI. — Êle não diz senão tolices!

A MÃE. — São essas tolices que fazem a nossa felicidade, minha querida Lili. (*Tomando-lhe as mãos*) Ouve...

LILI. — Já é tão tarde, mamã!

A MÃE. — Quero pedir-te que sejas muito obediente a teu marido. Sempre, — ouviste, minha filha? Mas, sobretudo, hoje...

LILI. — Porque há-de ser hoje?

A MÃE. — Porque é o primeiro dia.

LILI. — E êle, não tem obrigação de me obedecer a mim?

A MÃE. — Não é costume. . .

LILI. — Direitos iguais. A mamã bem sabe que sou eu que mando nêle.

A MÃE. — Porque êle é muito bem educado, muito condescendente, muito teu amigo. . .

LILI. — Muito condescendente, não.

A MÃE. — Porquê?

LILI. — Porque não é.

A MÃE. — Isso não é uma razão.

LILI. — Porque me leva para uma casa de que eu não gosto.

A MÃE. — Tu não gostas da casa do Estoril?

LILI. — Não.

A MÃE. — Porque estás longe de tua mãe?

LILI. — Não é por isso.

A MÃE. — Então porque é?

LILI. — Porque eu queria dois quartos de cama, e êle quis só um.

A MÃE. — O quarto que tu querias, Lili, não tem sol.

LILI. — O quarto que não tem sol era para êle.

A MÃE. — Fazia-lhe mal ao reumatismo.

LILI. — Reumatismo aos 30 anos! Quem tem reumatismo não casa.

A MÃE. — Eu e teu pai também temos só um quarto de cama.

LILI. — Mas com dois leitos. E êle quis cama de casados.

A MÃE. — É uma tradição de família. É preciso respeitá-la, minha filha.

LILI. — A mamã bem sabe que eu não estou costumada a dormir com homem nenhum.

A MÃE. — Tens uma maneira de dizer as coisas, Lili! Teu marido não é qualquer homem. . .

LILI. — Não estou à vontade. Pronto.

A MÃE. — É preciso ser razoável, minha filha. Tu és mulher dêle. . .

LILI. — Sou mulher dêle quando estiver acordada. Quando dormir, não sou. Está decidido. O António já sabe.

A MÃE. — Tu já lho disseste?

LILI. — Já.

A MÃE. — E êle?

LILI. — Disse que eu havia de mudar de opinião.

A MÃE. — Também me parece.

LILI. — Porque é que a mamã se ri?

A MÃE. — És uma criança, minha filha!

LILI. — Mas eu não me importo. Já resolvi o que hei-de fazer.

A MÃE. — Então o que é?

LILI. — É segredo.

A MÃE. — Tens segredos para mim?

LILI. — Que foi que lhe disse a avó, há 19 anos?

A MÃE. — Queres saber?

LILI. — Quero.

A MÃE. — Disse-me que tôda a nossa felicidade na vida, minha filha, dependia da nossa primeira noite de casadas. . .

LILI, *pensativa*. — E a mamã que fez para ser feliz?

A MÃE. — Obedeci.

O PAI, *entrando pelo quarto, de chapéu na cabeça*. — Então, não se aviam? Está a carruagem à espera. . .

A MÃE. — Vamos.

*No dia seguinte, no Estoril, às 11 da manhã. Madame LILI está já no jardim, fresca, rosada, contente, uma touca de rendas na cabeça, as mãos cheias de flôres. A MÃE, que acaba de chegar, cai-lhe nos braços.*

A MÃE. — Lili!

LILI. — Mamã!

A MÃE. — Então, minha filha, como foi a tua noite?

LILI. — Ótima, mamã. Tantos mistérios, e afinal não tem nada de extraordinário.

A MÃE. — Dormiste bem?

LILI. — De um sono só.

A MÃE. — Não estranhaste a cama?

LILI. — Isso sim! A mamã tinha razão. A cama de casados é muito melhor.

A MÃE. — ?

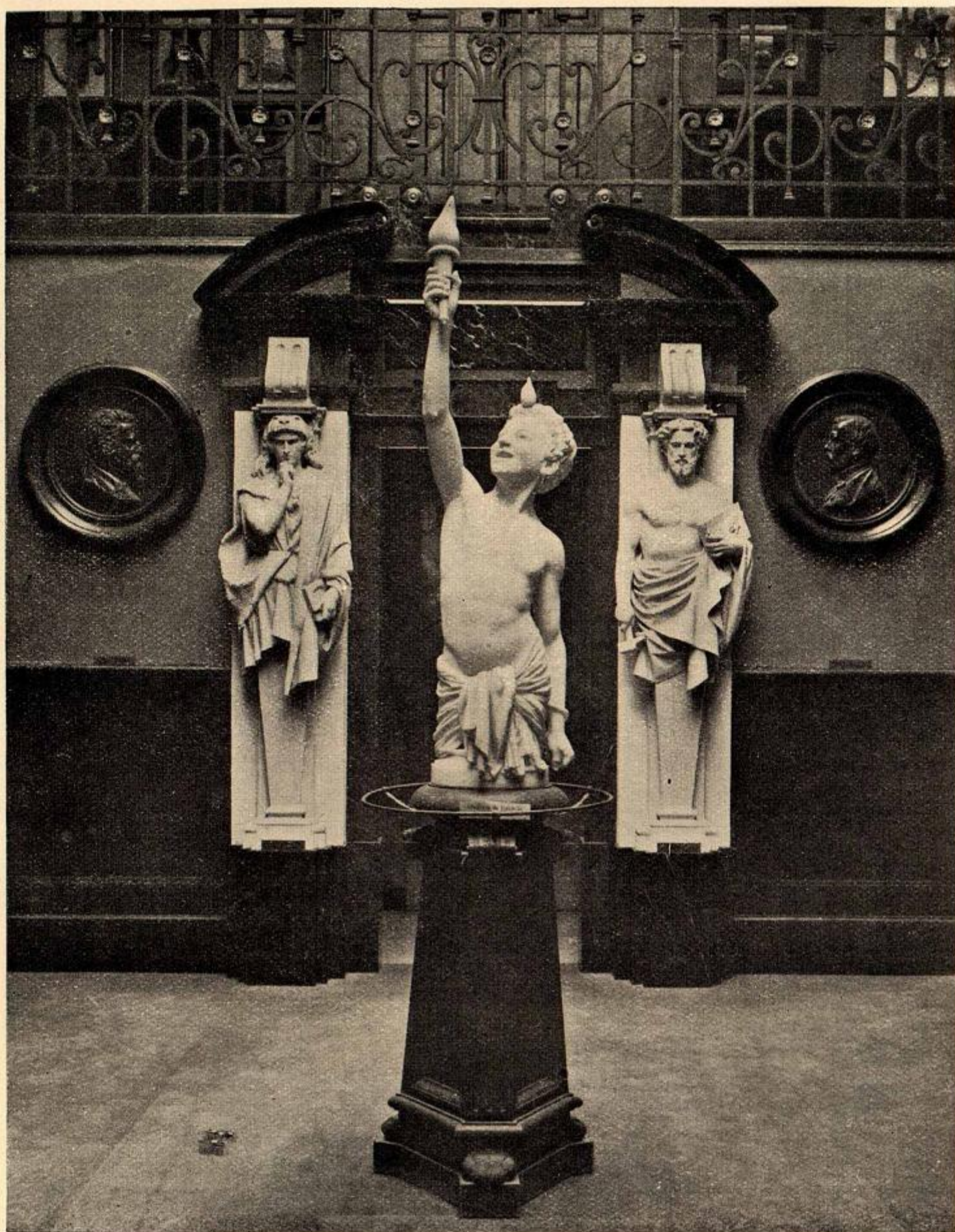
LILI. — Podem-se estender os braços e as pernas à vontade. . .

A MÃE. — E teu marido?

LILI. — Não me incomodou nada.

A MÃE. — Mas onde dormiu êle?

LILI. — No chão.



MUSEU D'ARTE CONTEMPORANEA  
Porta da Sala de Entrada



## A OBRA DE TEÓFILO BRAGA E AS TRADIÇÕES PORTUGUESAS

A actividade subjectiva de Teófilo Braga, determinada por uma infância atribulada e pelo contacto com a aspereza da crua realidade, foi-se alargando em Coimbra (1861-8), onde as primeiras emoções pessoais se elevaram a amplíssima e luminosa vibração humana.

Nessa cidade — entre a ardente e talentosa geração académica de 1862-4, que se esterilizou na apatia e em o negativismo — a falta de meios carregou intensamente no estudante forçando-o salutarmente a sistematizar a vida e a enclausurar-se no estudo, aumentando os recursos científicos e libertando-se de visões melancólicas e meditações desalentadas.

E no espaço de mais de cinquenta anos, que medeia entre essa época e hoje, Teófilo Braga, fortalecido com um ideal superior, sem tempo para se despenhar na solidão moral, realizou a sua reorganização mental e foi corporizando o seu pensamento, coordenando a grande soma de materiais científicos já acumulados, interpretando todo êsse caudal de elementos num fecundo e vasto plano construtivo.

A evolução artística, que se operava no escritor — aliando harmónicamente o espírito poético com o filosófico, compreendendo a necessidade de dirigir o sentimento a um fim positivo e orgânico — impelia-o para um estádio superior, levando-o a dar expressão ao sentimento universalista.

De aí o monumento de rasgada concepção, *Visão dos Tempos* (1864-1894), onde ficou traçada uma Epopeia filosófica das idades — *quadro épico da emancipação do género humano*.

A idealização da Humanidade, na sua marcha ascensional para a civilização, em que já meditara Herder, Hegel, Comte, Quinet e Michelet, foi acolhida no estrangeiro com vibrante emoção e notávelmente consagrada pelos pensadores e críticos novi-latinos, traduzindo-se grande número de poematos, de que se fizeram largas tiragens.

A' medida que ia avançando para a conclusão dêste vasto quadro da continuidade histórica, avaliava o papel social da colectividade portuguesa e elaborava os temas mais sugestivos do ideal da nacionalidade, que se identifica com a missão universalista da Pátria na marcha libertadora da Humanidade.

É nisto que está a génese das rapsódias em que, sob o título de *Alma Portuguesa*, Teófilo Braga representou artisticamente o sentimento nacional, na aspiração generosa de travar, quanto antes, a carreira acelerada de desnacionalização que, lentamente, vem corrompendo o veio riquíssimo da tradição.

Desta série sintética já estão publicados os poemas :

*Viriato* (1903), em que se deu expressão artística ao vulto, que simboliza a vitalidade resistente da Lusitânia, diante da incorporação romana da península hispânica ; *Frei Gil de Santarém* (1905), extraordinária tela em que êste personagem histórico e agiológico *aparece como protagonista de uma grande acção, pintado em corpo inteiro, na primeira luz, em toda a luz do quadro* ; os *Doze de Inglaterra* (1902), onde se estamparam as duas feições capitais da psicologia portuguesa — o sentimento amoroso e espírito de aventura ; e o drama *Gomes Freire* (1907) que, no seu acendrado civismo, ensina a amar a Pátria e a Liberdade, visando a levantar Portugal para a acção, para a vida política, para a consciência da sua autonomia e missão histórica.

Com a sua actividade científica e integrando e interpretando trabalhos de outros investigadores, Teófilo Braga demonstrou :

A existência duma *Espanha Lusitana* (1) contraposta à Espanha ibérica ou oriental.

Que as *origens étnicas do povo português* são distintas das do espanhol.

Por que a antropologia e a etnologia através do estudo comparativo das *tradições poéticas* assentaram a persistência do ramo ligúrico — os lusitanos.

Determinou a importância do elemento *mosárabe* — sociedade desenvolvida pela tolerância política e religiosa dos árabes — *subtractum* das populações hispânicas (lusos e iberos), que as conquistas romanas e germânicas não pulverizaram, e em que foram evolutindo os costumes jurídicos das *Cartas pueblas* e *Forais*, as línguas peninsulares romanizadas e os temas tradicionais dos *Romanceiros* !

Notando a importância do movimento de unificação e de desmembração, que constitui a trama da história da Península desde a Idade Média aos tempos modernos, demonstrou o forte pensador que a *Nacionalidade Portuguesa* é a resultante de um *território*, de uma *raça*, de uma *tradição*, da coesão de cidades confederadas, e de um ideal, que a impulsionou à missão histórica da navegação e circunnavegação.

E o génio pátrio manifestou-se exuberantemente na Literatura — em que se reflectem todos os aspectos da expansão da Nacionalidade (2).

\* \* \*

Mas para se compreender a Literatura pátria é preciso conhecer a sua fonte estética — Cancioneiro, Romanceiros e Contos populares.

(1) Frase expressiva de Pi y Margall.

(2) A evolução intelectual portuguesa ficou estudada na *História da Universidade de Coimbra*.

\*\*\*

É nos substanciosos volumes da *História da Poesia Popular Portuguesa*, que está o material crítico para a apreciação plena e compreensão científica do nosso Cancioneiro popular, Romanceiro, Teatro popular, Adagiário e Contos tradicionais.

Pela primeira vez se explica nesta importante obra a unidade das tradições poéticas ocidentais; pela primeira vez se estabelece essa unidade nos cantos populares da Galiza e Astúrias, da Estremadura e Andaluzia, que se completam pelos de Portugal.

Os temas fundamentais da poesia do povo, tomados das concepções primitivas do ano solar, são estudados nas três formas definitivas da canção popular — lírica, recitada e bailada.

Sem se conhecer a *História da Poesia Popular*, também se não pode entrar num exame profundo da nossa Literatura, porque se ignorariam os germes tradicionais, orais e anónimos, que foram esteticamente elaborados por individualidades cultas.

\*\*\*

No *Cancioneiro Popular Português* patenteou-nos o ilustre Professor a sentimentalidade lusitana sob os aspectos — *passional, religioso, infantil e político*.

Para isso percorreu mais de quarenta mil cantigas, apresentando a selecção das mais expressivas, pelo sentimento, pela forma, pela manifestação do carácter luso e pelas relações com a obra dos principais líricos portugueses.

Teem, portanto, estas quadras alto interêsse sociológico para o estudo da génese, conservação e conteúdo do lirismo tradicional em constante elaboração.

O critério que orientou o folcloristas na classificação dos textos foi a *evolução psicológica do sentimento e o desenvolvimento orgânico das formas artísticas do lirismo popular* (morfologia poética).

Esta base natural dá um grande relêvo a êste notável documento folclórico e estético.

Teófilo Braga valorizou o *Cancioneiro* ao destacar as manifestações poéticas dos *grupos provinciais* e dos *focos de além-mar*, por onde, na época dos Descobrimentos, se espalhou a população portuguesa.

Além dos vestígios de *superstições, crenças, hábitos e instituições*, há nesta poesia afectiva, revelações sôbre o nosso génio estético, fornecendo também elementos capitais para o exame da *linguagem dialectal*.

É nos volumes do *Cancioneiro Popular*, que se evidencia a fisionomia peculiar da nossa Literatura: o *carácter lírico, docemente elegíaco, ternamente sentimental*.

De aí o seu valor para a psicologia colectiva — para o exame da mentalidade lusa.

O *Cancioneiro Popular Português*, sendo um documento precioso para a sciência da tradição pátria, fundamenta o individualismo e fecundidade do génio nacional — o vigor da Raça.



Nos três volumes do *Romanceiro Geral* os cantos narrativos foram recolhidos com genuíno cunho popular e *carinhosamente*.

Empregamos propositadamente o advérbio, porque Teófilo Braga considerando a poesia tradicional como fenómeno psicológico vê nela a natureza em flagrante criação, respeitando sempre os monumentos do povo — uma das mais sinceras manifestações subjectivas da Humanidade.

Nesta obra encontram-se os Romances heróicos, novelescos, de aventuras, históricos, lendários, sacros e os com forma literária do século xv e xviii.

O *Romanceiro* impõe-se pelo sistema da classificação das canções narrativas, pelo carácter arcaico e riqueza do grande número de cantos coligidos — de forma que não só se encontram representadas as terras, por onde se expandiu a sinergia lusa, mas também se evidencia o estado da tradição em as nossas províncias, ilhas adjacentes e colónias: isto é a vitalidade do *lusismo*.

Era de difícil labor esta empresa, pois que, para a levar a cabo, exigia-se a revisão de todos os romances que, desde 1824 até hoje, tem sido inseridos em livros e revistas.

Tendo-se já chegado a demonstrar pelos estudos comparativos da poesia vulgar até onde se estendeu a camada ligúrica e a unidade e similaridade dos temas e fórmulas poéticas da Ocidentalidade, com os dois volumes do *Romanceiro*, em que as narrativas épicas foram coordenadas scientificamente na sua complexa diversidade, é já muito mais fácil e seguro continuar a investigação dos paralelismos com os cantos de outras regiões, caminhando-se deste modo para uma larga síntese capital, que gradualmente irá melhorando na sua concreta aplicação.



Quanto aos *Contos Tradicionais do Povo Português* a orientação objectiva e sociológica seguida no estudo sobre a Novelística popular, que acompanha a colecção, conduz a excelentes resultados.

Teófilo Braga, depois de ter feito uma crítica penetrante e justa aos diversos métodos empregados pelas diferentes escolas de folclore e de mitologia, emite teorias sobre a origem, persistência e transmissão das narrativas novelescas.

O Conto — notifica o Autor — é um produto independente e simultâneo com a criação do Mito e da Lenda apropriando-se dos elementos de cada uma das concepções, e conservando por isso na sua variedade umas vezes caracteres míticos, outras vezes caracteres lendários. É por uma tal relação que o Conto se conserva com uma tenacíssima persistência, já entre as raças atrasadas e mesmo entre os indivíduos mais adaptados à concepção mítica, como as crianças; entre as pessoas em quem prepondera a memória histórica, como os velhos.

A escolha das fontes de informação, a indicação da localidade, em que os contos foram recolhidos e o senso crítico com que se seleccionou uma versão dentre as diferentes dum mesmo conto valorizam muito a compilação.

Pela variedade dos contos registados, observa-se como é rico o folclore



luso em *Contos míticos da Aurora, do Sol e da Noite* e em *Casos e Facécias da Tradição popular*.

Este trabalho magistral dá a fisionomia completa do pensamento popular luso sob o ponto de vista *maravilhoso* e *anedótico*.

A série de contos em que há fadas é dum real interêsse.

É com obras importantes como esta que se forma uma idéa do mundo, em que se move a imaginação do vulgo e se surpreende a constituição mental dum povo. Verdadeiramente são as lendas, os contos e os provérbios os documentos mais objectivos de que se pode lançar mão para compreender a psicologia popular.

Esta obra é ainda a assinalar — pela seriação lógica dos tipos novelescos, em *maravilhosos*, *anedóticos* e *morais*, pelas análises comparativas e pelas explicações históricas.

Quem conhece os vastos materiais sôbre mitos, lendas e crenças populares, que actualmente existem em todas as literaturas, é que pode apreciar justamente o copioso 1.º volume do *Cancioneiro*, que pertence a um ramo especial, mas tão valioso, da sociologia.

É riquíssima a colecção de *Histórias e Exemplos de tema tradicional e forma literária* e as *Lendas, Patranhas e Fábulas*, que constituem o 2.º volume.

Oxalá a leitura deliciosa dos Contos Tradicionais do Povo Português interessasse e atraísse para a sciência da Tradição.

\*\*\*

Explorando há cincoenta anos as Tradições portuguesas — a que se deve a conservação de elementos vitais do passado — tem Teófilo Braga suscitado a sua simpatia e chamado a atenção dos escritores para elas e para o povo, com o fim de evitar, pelo seu desconhecimento, a esterilidade artística.

Já fôra a Tradição o vínculo afectivo, que na larga expansão por ultramar, dera apoio à Pátria.

Estudar as nossas Tradições é cuidar da reconstituição do país.

A *Biblioteca das Tradições Portuguesas* de Teófilo Braga não é só preciosa scientificamente; ela tem também um alto valor moral, porque — demonstrando o individualismo da raça lusitana e dos nossos costumes e tradições — visa a insuflar no povo português um sentimento comum, que lhe dê a noção íntima da sua unidade.

Será essa fôrça, desde que se torne consciente, o maior impulso de resurgimento.

\*\*\*

Percorridos os estudos fundamentais sôbre Tradições portuguesas — que interpretam e sistematizam o nosso Folclore e subsidiam largamente a Etnografia — é-se naturalmente impulsionado a irmanar os dois espíritos primaciaes, a quem modernamente mais deve a revivescência pátria: Almeida Garrett e Teófilo Braga.

\*\*\*

O conhecimento profundo do elemento étnico português e das tradições levaram Teófilo Braga a criar o monumento de erudição crítica e filosófica:

*História da Literatura Portuguesa* (1870-1917), precisando o seu elemento estético — germes tradicionais idealizados — e tomando como norma para determinar o elemento histórico o pensamento da individualidade suprema de Goethe: «Parece-me que o objecto principal de uma biografia consiste em representar o homem, que se visa, no meio da sua época, e mostrar até que ponto o conjunto lhe foi obstáculo ou o auxiliou; que idéas seguidamente formara do mundo e dos homens, e, se elle foi artista, poeta, escritor, como lhes deu expressão».

Até 1869 não se iniciou a História da literatura pátria, porque quem se abalancasse a essa emprêsa tinha de conhecer a antropologia e a etnografia; o processo da formação das línguas românicas e o método filológico comparativo; a fonte histórica da civilização moderna — Idade Média; a revolução ocidental, que envolve todas as manifestações da história moderna da Europa; a missão iniciadora e profunda da cultura greco-romana continuada pelos povos latinos; exigia-se que estivesse de posse de uma filosofia, que desse a vista do conjunto, revelando as leis psicológicas e históricas para sistematizar o grande caudal de factos acumulados; e, finalmente, quem empreendesse a História da literatura, liberta de particularidades sem nexos e com critério científico, precisava de ter uma concepção positiva da Estética — base filosófica da crítica literária.

Da disciplina filosófica e dos variadíssimos conhecimentos indicados estava de posse Teófilo Braga.

A *História da Literatura Portuguesa* é um trabalho colossal de acuidade psicológica e crítica e de erudição coordenada, sendo ao mesmo tempo o julgamento literário, político e social da nossa evolução histórica, e bastaria para consagrar o Autor, porque era tarefa assombrosa e árdua para uma vida, embora de intensa actividade.

A perseverança, a abnegação com que, num país de indiferentes organizou scientificamente a História da nossa Literatura impôs êste homem superior à admiração da crítica portugêsa e estrangeira.

E neste momento não referimos o papel capital que teve no Tricentenário de Camões (1880), na apoteóse a João de Deus (1895) e nos Centenários de Garrett (1899) e de Bocage (1905); nem apontamos os vultos reabilitados e reivindicados para a glória pela sua pena cheia de desassombro.

\* \* \*

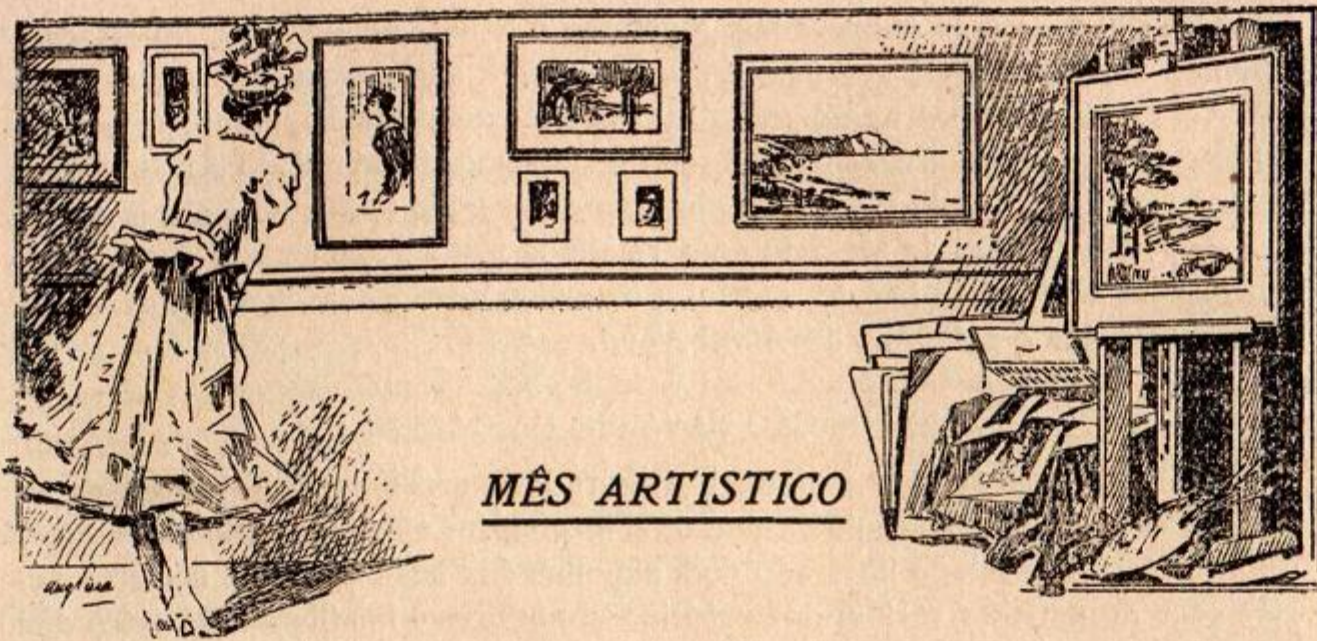
Ao terminar as linhas, com que, de relance, enquadrámos o labor de Teófilo Braga, ocorrem-nos as palavras de Barbey d'Aurevilly:

« Quantos metais eram precisos para fazer o bronze de Corinto ?

As injúrias nas paredes ou no papel, a mancha de tinta ou de lama, as fealdades do coração, do espírito e do corpo, o lodo da calúnia, tudo isso, aquecido pelo sol do tempo, seca, endurece, e transforma-se em bronze sólido e brilhante — um bronze puro, que se chama a Glória».

É que, embora tarde muitas vezes, chega sempre o luminoso dia de reparação, o luminoso dia de Justiça !

MARQUES BRAGA.



### MÊS ARTISTICO

#### EXPOSIÇÃO «ALMA NOVA»

A *Alma Nova*, revista que tam galhardamente vai abrindo caminho para longa vida, num meio onde periódicos de toda a casta surgem bastos como tortulhos e desaparecem rápidos como borboletas, tentou uma exposição, que discreta, sem alarde de grandes nomes, teve a merecida curiosidade de umas semanas.

À falta de melhor, ou seduzida pelo rótulo pomposo de S. Carlos, teatro que está sendo o vazadoiro de todas as manifestações indígenas, passando pela chacota dos rapazes ao salsifré das tertúlias, foi abrir num salão, cujas péssimas condições de luz inegavelmente a prejudicaram. Quase todos os artistas, que acudiram ao chamo gracioso e louvável da *Alma Nova*, de nome que só o tempo há-de fixar. Os consagrados abstiveram-se, suspeitosos, talvez, de cair em companhia fácil ou desordenada, *un coin des fauves* no género do parisiense *Salon des indépendants*. E nada mais regular e sensato, ainda que modesta esta exposição. À parte Mily Possoz, que apresentou uns desenhos de adorável audácia, para um público que só há meses, pela paleta de Amadeu Cardoso, travou conhecimento com o velhíssimo futurismo, nenhuma das obras expostas faria estrondo nas pacatas paredes da Sociedade Nacional. A S. Carlos mandaram aqueles artistas, que vão adquirindo braços, como Alves Cardoso, quadros de menos responsabilidade, esboços de hora ociosa. Entre estes um estudo de mulher de Dórdio Gomes, bem traçado, impressivo, mas correcto até o academismo. É possível que esta mulher, vestida das pompas de côr, de que deu mostra Dórdio Gomes no «De volta da azeitona», perca a sua rigidez e frieza, transfundindo-se em vida.

Saavedra Machado, a quem revertem, cremos bem, as honras de organizador do certâmen, trouxe ali os seus retratos duma tam proba fidelidade, e naturezas mortas de deliciosa e sábia execução. Leitão de Barros nos trabalhos que expôs, ofereceu a continuidade esperada ante as suas aguarelas na Sociedade Nacional. Côr, proporção, uma grande delicadeza sem maneirismo, são as suas qualidades de mór relêvo. Artista a criar uma reputação realizando no óleo o que obtêm na aguarela.

Lacerda apresenta uma cabeça de mulher, de excelente factura, Romero

naturezas mortas bem observadas, Martinho e Stuart desenhos curiosos, Navarro da Costa um esbôço da sua *Vela Vermelha*, que sobressai do conjunto.

Acrescente-se a estes nomes Mily Possoz, com quadrozinhos de adorável fazer, alguns escultores com obras de somenos, Maximiliano Alves com a redução para *bibelot* da *Calúnia*, que pelo geito pode muito bem ser o *caçador de grilos*, Diogo de Macedo com trabalhos vistos, Xavier estreante, não? e ter-se-há uma pálida luz do que foi a exposição desprezenciosa, mas digna de ver, estudar e aplaudir, da *Alma Nova*.

#### EXPOSIÇÃO NAVARRO DA COSTA

O Sr. Navarro da Costa, pintor brasileiro de merecimento, foi estadear na Sociedade Nacional, uma sala da qual os seus quadros enchiam. Colocou S. Ex.<sup>a</sup>, publicando um catálogo ilustrado com algumas das suas obras e retratos vários seus de artistas vários, dedicatórias singulares à família, ao ministro dos Negócios Estrangeiros do Brasil e aos mestres da arte portuguesa, e com panegíricos em prosa e verso, os críticos (critiquelhos lhes vai chamando um dos seus encomiadores, desde que destõem) em mau passo para falar da sua obra. Com efeito, que se pode dizer a par desta afirmação de Malhõa exarada no catálogo que lápis duns e penas doutros ilustraram: — «Em quatro anos, meu amigo, não haverá canto da Europa em que se não pronuncie o seu nome!» Tocamos no absoluto, e o absoluto não é acessível à tira de papel duma crónica ligeira, mais anotação que filosofia de arte. Malhõa e seus prefaciadores elevaram-no à posição intangível de um Rodin ou Zuloaga, que se não pode abarbar senão à fôrça de tato, estudo, sondagens psicológicas, mesológicas, ideológicas etc., o diabo.

Compreendemos; o Sr. Navarro da Costa organizou a sua exposição americanamente; molduras do melhor que há na terra tam fruste na especialidade, etiquetas em latão amarelo que hoje em dia vale prata, e, até a senha de compra em fino cartão, laminado de oiro. Certo que o ôlho do lapónio se arregalou; certo que não é com vinagre que se apanham môscas, salvo seja no que a comparação poderia visar o lado particular da sua arte. O público que lhe comprou devia querer assim, e não há ninguém que folgue com a prosperidade da arte e de artistas que lhe regateie os emboras. Simplesmente, os introdutores do Sr. Navarro da Costa no palco das celebridades, chapam-nos a mão aberta na bõca. O Sr. Artagão, dum lado, o Sr. Bourbon de Meneses doutro, mais a frase do pai Malhõa, tiram-nos a faculdade de discernimento, dificultando a missão de cronista ligeiro.

Venderam-se quase todos os seus quadros, a avaliar pelas senhas de aquisição, frequentou a exposição o melhor público de Lisboa, se gazetas conspícuas não mentem, aí está pois já uma crítica flagrante à sua obra. Para elucidação dos efésios, que um artista célebre, em trabalhos de menor envergadura é certo, habituou por várias vezes no salão do Teatro Nacional aos preços das meias-solas nos sapatos, acrescentemos que os valores nos quadros do Sr. Navarro da Costa partiam de 3.500.000 rs. e de 100.000 rs. não baixavam. O termo médio, na maioria, oscilava entre 300 e 700.000 rs. Estas cifras são um útil incitamento aos artistas portugueses. Talvez que Columbano, expondo, não deitasse a somas tam elevadas. Pois fica sabendo; há dinheiro para arte, quando é boa, já se vê, e contanto que sejam laminados a

oiro os boletins de venda. Muito louvável, sob este aspecto, a exposição do Sr. Navarro da Costa. Para vida cara, arte cara; mas toda a arte, inclusivè a literatura que nesta nossa santa terra é pior que officio de cego. E, forte dêstes exemplos, dia virá em que o literato português deixe de ser amanuense e possa embebedar-se com *champagne* e seduzir as coristas dos *music-hals*.

Estas palavras vão, porém, tomando uma feição, aparentemente, pejorativa para a obra do Sr. Navarro da Costa e isso, se não fôsse também a obrigação de cronista titular da *Atlantida*, força-nos a torcer o rumo da vontade. Não que nos apavorem os apodos dos senhores prosadores do catálogo. A arte do Sr. Navarro da Costa tem muito por onde dizer bem para, numa leve síntese, sairmos pela malha já não critiquelho mas apenas críticao.

Consagrou-se o Sr. Navarro da Costa ao estudo pictural do mar, com os reflexos das águas sob os diferentes carizes do céu, as projecções da luz nas coisas, a poesia das praias ruídas ou sonolentas. Fez disso a sua predilecção tal como Ziem o fez com as lagunas e canais de Veneza, encontrando aquela tonalidade de amarelo de ovo derramado, que fatiga por fim. O ambiente português é mais fugitivo que o de Veneza, onde tudo enlanguesce, até a luz. Veem dêsse oceano rajadas de tons, duma diversidade que há-de fazer o desespero dos pintores. Difficil, pois, o campo em que o Sr. Navarro da Costa operou. Vaz aí se tem exercido com menos variedade que a sua mas com mão mais segura e mais carácter.

Parece-nos — para o Sr. Navarro da Costa depois da frase de Malhõa só empregamos a linguagem dubitativa — que se em algumas das interpretações foi feliz, noutras foi extremamente desastrado. *A Vela Vermelha* é uma tela perfeita, justa de tons, rica de côres, moderna, vigorosa, ainda que o tema, pela maneira e meio em que se reparte, seja de fácil factura. O Sr. Navarro da Costa dá-nos uma vela sôbre um báratro de coisas informes; mas é o mesmo; há um quadro de Monet em que só entram rochas; a luz, no quadro de Monet e no do Sr. Navarro da Costa, é a única entidade; o resto é o acessório. Já os n.º 39 e 63, cujos títulos nos escapam, são dum *pompiérismo* flagrante. *A Hora crepuscular* com o sol acima do mar e a praia banhada em penumbra deve ser inexacta em valores, pôsto que agradável, mais uma interpretação cerebral do anoitecer que uma visão, um estudo aturado de visão. E, dizemos aturado, em virtude da dificuldade que há em surpreender a tonalidade atmosférica a uma hora tam fugaz. Este defeito vincará outros quadros seus, alguns de bela ordenança. A gradação entre o mar e o céu nem sempre é obtida com justeza. Sucede parecer, por vezes, um prolongamento. Exemplo: a *Tarde de outono em Nápoles*. *O espreguiçar da vaga* é altamente harmonioso, uma hábil sinfonia de côres, mas amaneirado. Um pouco Lago de Constança.

Brilhantes de côres, duma policromia cantante, a traço firme, *os Barcos*, *Barcos no Tejo*, *Primeiras luzes*, *Na Ribeira*, *Rebentar das ondas*, *Depois da chuva*. Já a tela *Na Bruma* é sem expressão, nem interêsse.

É rica, variada e esplêndida a paleta do Sr. Navarro da Costa, interpretando o mar. Sente-se uma retina privilegiada. A observação, todavia, nem sempre é segura; um azul retinto, ferrenho, barra às vezes os longes duma das suas perspectivas, que lentamente se ia amortecendo. Há-de lhe aconte-

cer, figura-se-nos, domar a natureza ao lance do pincel, deturpando-a, e não cingindo o pincel à natureza tal como no-la dá Nosso Senhor.

A sua arte descamba assim em literatura no que êste termo implica de corregimento. A's vezes a sua paleta é, porêm, duma exuberância estonteanteadora e real; a sua luz tem vida, explode, sente-se, é quente, é fria, respira-se na tela. E por aqui tem um lugar de honra entre os pintores de ar livre e do mar.

#### EXPOSIÇÃO HIGINO DE MENDONÇA E D. HENRIQUETA MENDONÇA CARDOSO

O Sr. Higino de Mendonça não é um artista de carreira, mas um amador. Como tal, sem escolas, por intuição, se revela um temperamento privilegiado. É esta mais uma modalidade do seu conhecido talento enciclopédico. Visão clara, sentimento, compreensão da natureza, figura-se-nos que lhe não faltam. A realização fica muitas vezes. Disciplinado de longe, robustecendo a técnica, estudando as novas correntes, que a iniciativa e independência em arte, se conduzem por vezes à originalidade, em geral somem-se «no velho», o Sr. Higino de Mendonça, seria um verdadeiro artista. Sua filha, a Sr.<sup>a</sup> D. Henriqueta de Mendonça Cardoso estreava-se na mesma sala com grande bizzaria. Um pouco académicas as suas cabeças, mas uma das naturezas mortas adorável. Vai-se alargando entre nós a pintura das naturezas mortas.

AQUILINO RIBEIRO

### CRÓNICA MUSICAL

Continuam os concêrtos sinfónicos a ser a única manifestação musical da época. Mais seis foram dados pela Orquestra Sinfónica Portuguesa, que enriqueceu o seu repertório com uma das mais notáveis obras de música moderna: o poema sinfónico de Ricardo Strauss, *Morte e Transfiguração*.

Strauss é o principal representante da moderna escola avançada alemã, e procura alargar o estilo descritivo de Berlioz como sinfonista e o drama de Wagner como compositor de óperas. É, no concêrto, o mais ousado continuador da *Programm-musik* de Liszt; como é fácil de calcular, Strauss tem os mais entusiásticos admiradores e os mais acérrimos detractores; todos, porêm, estão de acôrdo em reconhecer-lhe um extraordinário talento musical. A discussão versa sôbre o fim, a própria essência da sua arte, e sôbre os processos de factura que êle emprega. Esta última questão é ociosa e apenas preocupa os espíritos acanhados, estratificados no estudo das regras, que acabam por confundi-las com a Arte, que êles pretendem confinar nos acanhados limites dos seus cérebros de mestereiros da música, sem inteligência nem cultura que lhes permita ver àlêm: são aqueles para quem a *Salomé* é má porque num dado momento a orquestra toca nas partes superiores em *ré* e no grave em *si bemol*. Ora não é por isso que a *Salomé* é má: é-o, sim, mas pela sua essência, porque vai contra a razão de ser da própria arte, que é a glorificação do belo e do bem; o que é mau é o poema e, portanto, a acussação a fazer a Strauss tem de visar a escolha que êle fez e não a música em si mesma, que pelo contrário é admirável como acompanhamento e comentário à acção com que se casa maravilhosamente. De resto, o próprio autor é o

primeiro a confessar que *Salomé* é uma obra louca, mas que essa loucura é produtiva!

A *Morte e Transfiguração* não pertence, porém, a êsse genero; a ter de filiar-se em algum, seria antes uma obra impressionista, da categoria daquelas àcêrca das quais diz Félix Mottl, director geral de Música em Munich: «Certamente eu não sou um retrógrado, tenho-o provado toda a minha vida, mas pergunto a mim 'mesmo, se o que agora se faz ainda é música; são nuvens, é «Verlaine», ou antes, é como se um pintor lançasse com um pincel gotas de tinta numa tela, ao acaso».

Estas palavras do eminente regente de Bayreuth parecem visar directamente Debussy. Como quer que seja, o certo é que a *Morte e Transfiguração* é uma obra de arte autêntica, o que mais uma vez vem provar que os produtos do génio são sempre grandes, seja qual fôr o caminho que êles escolham, e que, pelo contrário, os medíocres, aqueles que mal delectando se julgam compositores porque aprenderam umas regras coligidas em livros, nunca poderão passar de relíssimos oficiais de música: todos compõem, mas entre uns e outros há a diferença que existe entre os Velásquez e os pintores de portas, que, também, todos pintam.

Parece inútil afirmar estas verdades, tão comezinhas como as de Mr. de La Palisse; mas engana-se quem tal julgar, pois há entre nós muito quem suponha que nas escolas se aprende a ser artista, e que ter um curso de composição equivale a ser compositor; e, o que pior é, quem, seguindo esta ordem de ideias, componha e faça executar o que compôs. Não conhecem, êsses, uma excelente brochurazinha de Schumann, *Conselhos aos jovens músicos*, onde, entre muitos e salutaes conselhos, tem êste, que todos, músicos e ouvintes, deviam ter sempre presente: «Nunca faças má música, e reage enérgicamente contra a que os outros fizerem».

Pela minha parte, nunca o esquecerei, por muito doloroso que seja segui-lo sempre, como acontece agora a propósito do Festival Luso-espanhol, que se realizou a 11 de Fevereiro. Tendo-se acentuado últimamente um movimento de aproximação intelectual entre a Espanha e Portugal, que tão belos resultados poderá vir a ter, quis Blanch, no campo da sua actividade, contribuir para o mútuo conhecimento dos dois povos, organizando um programa exclusivamente de obras espanholas e portuguesas; a ideia não podia ser mais simpática, mas a sua realização é que foi sobremodo infeliz: a par do final do *Inferno* de Conrado del Campo, trecho sinfónico vigoroso e de grande beleza, que desperta a vontade de ouvir a obra completa—longo poema para coros e orquestra—, de três delicadíssimas *Danças hespanholas* de Granados, orquestradas por Lamote de Grignon e duma *suite* de Pedro Blanco, *Añoranzas*, quatro números duma orquestração elegante, dois dos quais, *Romance* e *Humorada*, agradam plenamente, figuravam no programa, como representantes da música portuguesa, três obras que por nenhum título podiam desempenhar-se dessa representação. Se é certo que nós somos tão pobres de músicos como ricos de poetas, não quere isso dizer que não fôsse possível arranjar trechos que, embora não fôsem maravilhas, representassem as composições de portugueses — e não digo a música portuguesa, porque ainda a não há culta — duma maneira condigna; bastava que se pusesse de parte a preocupação de época. Assim, o concêrto foi como que a desforra de Aljubar-

rota . . . *As Páginas dispersas, suite* de Fernandes Fão, regente da banda da Guarda Republicana, em que há um minuete decalcado sobre o de Boccherini, tendo por tema a *Maria Cachucha* e . . . *J'en passe*; um poema sinfónico de Freitas Branco, *Funerais de Viriato*, sobre um tema eminentemente nacional, e em que o autor se esforçou por fazer música realmente portuguesa: infelizmente, também a intenção foi aqui superior à realização, em parte por se ter o autor talvez cingido mais à letra do que ao espírito do tema literário em que se inspirou, donde resulta ser o poema fastidiosamente longo e faltar-lhe a grandeza heróica que o assunto requeria. Finalmente, um esboço sinfónico de António Eduardo Ferreira, *Mogu*, feito sobre um detestável programa, mas onde há momentos verdadeiramente interessantes, como os bailados, e que seria digno de figurar no concerto, se o emprêgo da percussão, dum mau gosto lamentável, não destruísse toda a boa impressão.

Como todos os anos, deu a orquestra um Festival Wagneriano, que, como sempre, atraiu a maior concorrência da época, pôsto que não se executasse qualquer trecho que ainda não fizesse parte do repertório.

Foram ainda executadas pela primeira vez na série de concertos abrangida por esta crónica, a *Dança piemontesa* de Sinigaglia, feita sobre um tema popular ricamente trabalhado e de modo tal que a estilização lhe não faz perder o carácter, trecho deveras interessante e que apenas peca pelo tamanho um tanto excessivo, que obriga a uma repetição freqüente do tema que acaba por enfadar; e a abertura do *Rei Manfredo*, ópera de Reinecke, alemão da escola conservadora moderna em que, se não há grandes vôos de inspiração, há em todo o caso uma acentuada expressão dramática, que lhe empresta o interesse necessário para se ouvir com agrado.

HUMBERTO DE AVELAR.

## OS TEATROS

O reaparecimento de Eduardo Brazão pôs em evidência a inalterável fidelidade da admiração que o público lhe consagra. Correra que uma doença grave o impediria de representar por muito tempo, se não o afastasse totalmente da scena, e deu mais sólido fundamento à dolorosa notícia o facto do illustre comediante, que devia desempenhar o principal papel de *O Infante de Sagres*, ser substituído por Ferreira da Silva. Ei-lo, porém, que regressa ao tablado, muito mais cedo do que se supunha, e sem que fôsse necessária uma intervenção cirúrgica indicada como indispensável para lhe prolongar a existência. Eduardo Brazão ressuscitou, por assim dizer, aos olhos dos seus admiradores radiantes de júbilo, mas abandonando o República e voltando ao Nacional, que fôra o tablado das suas glórias. A linda sala da casa de Garrett encheu-se a transbordar, desde os *fauteuils* de orquestra até àquele famoso galinheiro que honorificou tantos artistas e derruiu não poucas peças, e o actor, surgindo à luz da ribalta, foi alvo de uma destas manifestações de apreço, carinhosas e entusiásticas, cuja sinceridade se não pode pôr em dúvida, porque nenhum *metteur-en-scene* lograria organizá-la com semelhante êxito: de pé, na platéa, nas frisas, nos camarotes, nas torrinhas, o público saudou com uma nutridíssima, interminável salva de palmas Eduardo Brazão, que os seus camaradas cercaram findo o primeiro acto da peça em que reapareceu,



felicitando-o Augusto de Melo em nome de todos os outros pelo seu restabelecimento e-também pelo seu regresso àquela casa. Acostumado às comoções do palco e curtido nelas, o eminente artista confessou que nunca medira tão bem e sentira tão próximo do seu coração o affecto que lhe dedicam e cuja grandeza teve, em sucessivas noites, ensejo de avaliar, porque o teatro continuou a encher-se sempre que Eduardo Brazão representou *A Madrugada*, proporcionando ao Nacional as maiores receitas da época.

Foi, com efeito, no *monsieur* da comédia em verso de Fernando Caldeira, e que criára talvez há um quarto de século, que o artista voltou a estar em contacto com o seu público. Preferiria possivelmente êste que Brazão se lhe mostrasse, uma vez mais, no *Hamlet* ou no *Kean*, porque parece que o grande número o admirou, em particular, na tragédia e no drama romântico, mas a figura plácida e risonha de *A Madrugada* ajustáva-se bem melhor a quem vinha de convalescer. Será preciso afirmar que Eduardo Brazão a desempenhou com a elegância, a graça, a serenidade, a bonomia cristã de sempre? Dir-se-ia que nunca estivera enfêrmo! Abordando todos os gêneros, é, todavia, na alta comédia que os seus merecimentos atingem o máximo esplendor, e ainda nesta arrastada, infantil e confusa peça de Fernando Caldeira, que teatralmente nada vale, êles avultam e nos prendem e encantam. . .

Com o reaparecimento de Brazão, coincidiu a estreia de Leonor Faria no papel de *Berta* que Rosa Damasceno criara. Se assegurarmos que se houve de tal guisa que cativou as atenções dos espectadores, quando naturalmente se imaginava que estas convergiriam apenas sobre o seu mestre insigne, teremos dito o suficiente em abôno dos recursos da insinuante actriz. A ingénua de *A Madrugada* tem tanto de buliçosa como de terna, emparelham nela a desenvoltura e a meiguice; as suas expansões de criança, as suas juvenis curiosidades, a viveza quasi demoníaca da sua inteligência, o desabrochar do seu nobre coração em que o amor desperta balbuciante, tudo exige da intérprete, para que se alcancem os efeitos sonhados pelo poeta, um verdadeiro talento observador e pormenorizador e um raro equilíbrio na exteriorisação psicológica da figura. Esse talento possui-o Leonor Faria e a arte com que viveu a personagem de *Berta* marcar-lhe-ia um lugar entre os mais distintos comediantes portugueses, se ela já não o houvesse conquistado. . . à própria custa.

\* \* \*

Leonor Faria, que desertou também do República para o Nacional, abriu naquele teatro uma vaga de primeira ingénua. Como preenche-la? Não pululam as aptidões dramáticas reconhecidas nem sequer as vocações scénicas de qualquer dos sexos por maneira que a uma empresa se torne indiferente que um artista de valor levante vôo e, visto que subsiste uma relutância incompreensível pelos diplomados da Escola da Arte de Representar, recrutam-se nos amadores de clubes e mais que modestos artistas de improvisadas *troupes*, que percorrem as províncias, os elementos novos a quem aqui ou acolá distribuem não só as rábulas, os papéis secundários, mas os que permitem, em contrascena com os consagrados, decidir-se dum futuro. Entre êsses elementos curou de descortinar o saber, de experiências feito, de Augusto Rosa, para não dizer o seu iniludível faro, o seu agudo instinto, alguém que, de certo mo-

do, substituisse a que se fôra. E assim aconteceu trazer a fôrça das circunstâncias para o primeiro plano uma rapariguinha obscura que, tendo pisado antes pouco mais que os exíguos palcos das *tournées* sertanejas com sua mãe, e feito na véspera, em *travesti*, o príncipe D. João de *O Infante de Sagres*, que apenas profere uma frase, se abalançou a desempenhar a protagonista de *Scampolo*, a linda comédia de Dario Nicodemi, que Afonso Gaió traduziu primorosamente do italiano para português e que pouco antes fôra representada em Lisboa pela companhia de Lucien Guitry. A *Migalha*, que assim se intitula na traducção portugueza a peça de Nicodemi, conhece-a o Brasil por intermédio da companhia de Adelina Abranches. Em francês (*Miette*), criou-a Jeanne Desclos, uma deliciosa ingénua cujos passos constantemente guia o que é hoje o maior dos actores de França; em espanhol (*Retazo*), fê-la Mercedes Pérez de Vargas, cuja beleza e cuja arte iluminam o teatro da Comédia de Madrid. No República foi Beatriz Viana, que ontem ninguém conhecia em Lisboa, quem incarnou essa adorável flôr agreste que vive ao Deus-dará nas ruas de Roma, órfã e abandonada, sem que o contacto do vício lhe creste a alma ou o enxurro ponha nela mácula, alterando-lhe o capitoso perfume...

A *Migalha* tem quinze anos, ignora os preceitos da arte de viver na sociedade, diz o que pensa e o que sente na sua linguagem rude, sincopada, mas expressiva, é fundamentalmente boa, encontra quem lhe dispense simpatia e confiança, retribui uma e outra — ela, a semi-selvagem da valeta — com um gesto heróico: despoja-se duma pequenina fortuna que o acaso lhe proporcionou para salvar de apertos um homem que podia ser seu pai e por quem, ao cabo, se apaixonou...

Dario Nicodemi, ao pôr em confronto e em contraste as hipócritas convenções sociais, os mesquinhos interêsses que tanta vez, aparentemente, constituem os laços que prendem os civilizados, com a natureza simples e sã, sentimental e franca, desta mocinha singularizada pelo seu idealismo, compôs, sem duvida, uma excelente peça de teatro, em que aos primores da técnica se juntam as galas do espírito, e em que se respira, a plenos haustos, a atmosfera local e circula o sangue impulsivo e ardente dos latinos. Para Augusto Rosa, que pôs de pé *A Migalha* em português, representaria, decerto, meio caminho andado, no afeiçoar às exigências da protagonista as primícias do talento e do esforço de Beatriz Viana, a esbelteza atraente, quasi andrógina, da actrizinha, os seus poucos anos que mal excedem os da personagem, a sua frescura virginal, a sua mesma voz de transição... Semeilhantes condições naturais adequadas ao papel suprem-se em geral noutras intérpretes mercê de maravilhas de artificio. Mas no resto, que é muito, advinha-se a mão experta e segura de Rosa, encaminhando os passos da discipula inteligente e dócil que, de um dia para o outro, se surpreende com o peso duma responsabilidade esmagadora sôbre os seus frágeis ombros. O público, que recebeu carinhosamente Beatriz Viana, ao festejar-lhe o triunfo, fixou o seu nome — para a próxima futura contra-prova...

\*\*\*

No Ginasio, em festa artística do actor empresário Mendonça de Carvalho, estreou-se *Alfaiate de Senhoras*, peça em três actos de Georges Fey-

deau, traduzida por Jorge de Abreu com a sua peculiar competência. É inexaurível a imaginação do autor no inventar e amontoar as situações hilariantes. No Avenida subiu à scena *Sybill*, opereta em três actos de Emílio del Castillo e Pablo de Luna, música de Victor Jacob e tradução de Pereira Coelho e Alberto Barbosa. Couberam os principais papéis a Palmira Bastos e José Ricardo. Obteve agrado. No Coliseu encerrou-se a ópera lírica com uma grande notabilidade, o tenor Tito Schipa, que encheu durante quatro noites o vastíssimo salão. No Nacional anuncia-se uma série de espectáculos pela companhia do teatro da Porte-Saint-Martin, de Paris, tendo como estrêla Blanche Dufrène, e no República outra série de récitas francesas pela actriz Regina Badet e pelo actor André Brulé. A companhia do Nacional foi em excursão ao norte.

AVELINO DE ALMEIDA.

## Notícias & Comentários

---

### MANUEL DE SOUSA PINTO

Recomeça hoje a sua colaboração na «*Atlantida*» o eminente escritor e crítico de arte Manuel de Sousa Pinto. A «*Atlantida*» saúda calorosamente o seu colaborador, fazendo votos para que os seus muitos afazeres lhe permitam honrar freqüentemente as páginas desta revista.

### DR. MANUEL MONTEIRO

Longe da Pátria, o grande amigo da «*Atlantida*» e ilustre arqueólogo e prosador Dr. Manuel Monteiro, não esquece os amigos que tem aqui. Enviando nos o seu belo artigo «*Natal em Mansourah*», Manuel Monteiro promete-nos mais colaboração. A «*Atlantida*» espera-a ansiosamente. E, dentro em breve, publicará o retrato do Dr. Manuel Monteiro, devido ao mestre Columbo, como simples agradecimento à valiosa colaboração.

### JULIO DANTAS

Inicia hoje a sua colaboração assídua na «*Atlantida*» o grande escritor Júlio Dantas, criando nela uma secção nova «*Contos a uma Rapariga Loira*».

Damos aos nossos leitores esta boa notícia com enorme prazer, certo de que êles a apreciarão com tanta alegria como a que nós temos em dar-lha.

# ATLANTIDA Encadernações e Capas

MENSARIO ARTISTICO,  
LITERARIO E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRAZIL

(ESTÃO PUBLICADOS OS VOLUMES I, II, III E IV)

Cada capa . . . . . \$45 Cada encadernação \$65  
Pelo correio . . . . . \$47 Pelo correio . . . . . \$71

CADA VOLUME ENCADERNADO . . . . . 1\$65  
PELO CORREIO . . . . . 1\$71

PEDIDOS Á ADMINISTRAÇÃO:

**Largo Conde Barão, 49 — LISBOA**  
**e Rua Gonçalves Dias, 78 — RIO DE JANEIRO**

NOTA: — A fim de evitar as despesas de cobrança, lembramos a conveniencia de fazer acompanhar os pedidos de capas ou encadernações da respectiva importancia.

## SUMÁRIO DO NÚMERO 16

<i>Ao Exército Portugues</i> . . . . .	
<i>Festa de amor e de arte (No atelier de Teixeira Lopes)</i> . . . . .	Júlio Brandão
<i>Dr. Luís de Sousa Dantas</i> . . . . .	
<i>A educação cívica, a liberdade e o patriotismo antigos e modernos a proposito de Rousseau e de Camões</i> . . . . .	Antonio Sérgio
<i>A Canção de Legnano, de J. Carducci, traduc. de Anforas portuguesas</i> . . . . .	Silvio Rebello
<i>Funerais de Viriato</i> . . . . .	Luís Chaves
<i>Sapho</i> . . . . .	Hipólito Raposo
<i>Tormenta</i> . . . . .	Luís de Freitas Branco
<i>Produzir, eis o problema</i> . . . . .	Duarte Solano
<i>Em guerra</i> . . . . .	Urbano Rodrigues
<i>Rochedos</i> . . . . .	Fran Paxeco
REVISTA DO MÊS	Paulo Osorio
<i>Lauro Sodré</i> . . . . .	Candido Guerreiro
<i>Crónica musical</i> . . . . .	
<i>Os Teatros</i> . . . . .	Humberto de Avelar
NOTÍCIAS & COMENTÁRIOS	Avelino de Almeida
<i>Reproduções de:</i> Teixeira Lopes.	
<i>Desenhos de:</i> Jorge Cid, Raul Lino, Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro e Santos Silva.	

## AGENCIA NO SUL DO BRASIL BRAZ LAURIA

Rua Gonçalves Dias, 78

RIO DE JANEIRO

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Um ano (12 números) . . . . . 12\$000

Semestre . . . . . 7\$000

Número avulso 1\$500

